



**INSTITUTO FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO  
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM  
TURISMO**

**LARISSA SOUZA BOMFIM**

**“ARRUDIANDO O NOVO MANGUE”: TURISMO COMUNITÁRIO - CRIATIVO  
NO BAIRRO INDUSTRIAL, ARACAJU/SE**

ARACAJU

2025

**LARISSA SOUZA BOMFIM**

**“ARRUDIANDO O NOVO MANGUE”: TURISMO COMUNITÁRIO - CRIATIVO  
NO BAIRRO INDUSTRIAL, ARACAJU/SE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Turismo do Instituto Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do título de Mestre em Turismo.

Linha de pesquisa: Gestão de Destinos Turísticos: Sistemas, Processos e Inovação (DTPI)

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Alcântara de Jesus Santos

ARACAJU

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Diretoria de Unidades Informacionais e Publicações DIPUB/IFS

B695a Bomfim, Larissa Souza.  
“Arrudiando o novo mangue”: Turismo comunitário – criativo no bairro industrial, Aracaju/SE. / Larissa Souza Bomfim. – Aracaju, 2025.  
158f.: il.

Dissertação – Mestrado Profissional em Turismo – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Sergipe – IFS.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Alcântara de Jesus Santos.

1. Turismo Comunitário. 2. Turismo Criativo. 3. Roteiros Turísticos. 4. Bairro Industrial - Aracaju I. Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Sergipe - IFS. II. Santos, Cristiane Alcântara de Jesus. III. Título.

CDU: 338.48:316:7(813.71)

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Célia Aparecida Santos de Araújo -  
CRB 5/1030

**LARISSA SOUZA BOMFIM**

**“ARRUDIANDO O NOVO MANGUE”: TURISMO COMUNITÁRIO - CRIATIVO  
NO BAIRRO INDUSTRIAL, ARACAJU/SE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Turismo do Instituto Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do título de Mestre em Turismo.

---

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Alcântara de Jesus Santos (Presidente)  
Universidade Federal de Sergipe – UFS

---

1ª Examinadora: Profa. Dra. Jennifer Caroline Soares (Membro Externo)  
Universidade Federal de Sergipe – UFS

---

2ª Examinadora: Profa. Dra. Carla Norma Correio dos Santos (Membro Interno)  
Instituto Federal de Sergipe – IFS

Aprovado em 15/12/2025

## **CESSÃO DE DIREITOS**

É concedido ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Turismo (PPMTUR) do Instituto Federal de Sergipe (IFS) responsável pelo Curso de Mestrado Profissional em Turismo a permissão para disponibilizar, reproduzir, emprestar ou vender cópias desse trabalho. O autor reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte dessa dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem autorização por escrito do autor.

---

Larissa Souza Bomfim  
Instituto Federal de Sergipe – IFS

---

Profª Drª Cristiane Alcântara de Jesus Santos  
Universidade Federal de Sergipe – UFS

## AGRADECIMENTOS

Tenho pra mim que de todos os sentimentos que o ser humano pode ter, a gratidão é sem dúvidas um dos mais belos. Acredito fielmente que o ato de agradecer abre caminhos para novas oportunidades, ao passo que demonstra a consideração pelo ato/gesto realizado. Dito isso, início os agradecimentos a minha orientadora Professora Cristiane Alcântara, sem dúvida alguma, esse trabalho não teria o êxito sem o olhar crítico e propositivo a qual se espera de uma orientação em nível de mestrado, mas acima de tudo, destaco a olhar humano, o carinho, a paciência, e por acreditar em mim, quando por inúmeras vezes eu fui a primeira a desacreditar. Dessa forma, encerro esse ciclo tendo a certeza de que o medo hoje é só uma palavra, sua orientação, tornou-se inspiração e, a partir disso, acredito não só em mim como no fruto do meu trabalho. Gratidão!

Nessa mesma direção agradeço a todo apoio financeiro da Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe (FAPITEC/SE). Ao longo desses 24 meses, o suporte financeiro foi essencial para continuar e prosseguir na árdua missão acadêmica permitindo-me avançar na realização deste projeto de pesquisa. Agradeço, também, às professoras doutoras Jennifer Caroline e Carla Norma, membros da banca, pelas valiosas contribuições e orientações oferecidas durante o processo de qualificação, que foram essenciais para o aprimoramento deste trabalho.

Serei extremamente grata ao Instituto Federal de Sergipe (IFS), pois sou fruto de políticas públicas de um ensino público, gratuito e de qualidade. A instituição por muitas vezes foi meu segundo lar, passei por todas as etapas da transversalidade do ensino, no técnico em guia de turismo, superior em gestão do turismo e agora no mestrado profissional em turismo. Posso afirmar que existe uma versão minha antes e depois do IFS. Assim sendo, gostaria de deixar registrado os meus agradecimentos aos técnicos (Luciano, Eunice e Mônica) que por inúmeras vezes me salvaram com uma boa conversa e uma boa xícara de café. Minha eterna gratidão aos mestres docentes do PPMTUR (Ilka, Jayme, Damião, Jorgenaldo, Flaviano, Nilton, Wanusa, Carla, Licio, Braghini, Artemis) que de tão sábios e afetuosos plantaram uma semente que a cada dia floresce mais. Aos professores, muitos dos quais tenho a honra de chamar de amigos, gratidão!

Gratidão especial aos participantes presentes durante o roteiro piloto, extremamente essencial para o desenvolvimento metodológico dessa pesquisa, as artesãs do centro de

artesanato Chica Chaves, aos moradores Igor Ariel, Mestre Humberto, Nena e todos da comunidade da prainha, aos Professores Antônio Carlos, Jorginaldo Calazans, Jodeyson Sobrinho, a Professora Cristiane Alcântara, aos guias de turismo, Arlindo dos Anjos, Nadja Felix, Rafael Moreira, Tenisson dos Santos, a advogada Dr. Camila Barbosa aos publicitários responsáveis pela pagina viva Sergipe, Felipe Alcantara e Thassia Oliveira e ao motorista Alex, minha eterna a gratidão a vocês.

E por falar em amigos, Emicida diz “Quem tem um amigo tem tudo”. Durante meu percurso no mestrado muitas amizades foram fortalecidas e me fortaleceram para chegar até aqui. Destaco a minha gratidão ao meu amigo, parceiro, amante da natureza e das coisas simples da vida, Jorge. Todas as nossas trocas, conversas e indicações de livros foram fundamentais para o “Novo Mangue” e para minha vida. Aos meus amigos (Arlindo, Nadja, Lucas, Julyane, Raylander, Ian e a Camila) por me inspirarem e me motivarem até aqui. Gratidão!

E por falar em motivação não tenho como não agradecer ao universo por me possibilitar encontrar a melhor turma que eu poderia ter, a minha quinta série favorita. Muitos foram os desafios, as dúvidas, agonias e desesperos. Passamos por todas as etapas juntos, firmes e fortes. Uns motivando os outros, como deve ser. Vocês foram um imenso presente que o mestrado me possibilitou. A todos, minha eterna gratidão! Tereza, Icaro, Penha, Antônio, Josevania, Tiago, Dani e Wendel, vocês jamais serão esquecidos, mesmo porque temos um livro juntos e entramos para a história como uma das melhores turmas que o PPMTUR já teve, sem ego ou vaidade, porque a gente se teve o tempo todo, nosso maior recurso foi o “nós”.

E por falar em recurso, eu tive e tenho o maior de todos: a minha família. Minha gratidão ao meu pai, minha mãe e aos meus irmãos. Sou a primeira da família a ter o ensino superior completo e a primeira a defender uma dissertação de mestrado. Eu sou a “continuação de um sonho” da minha mãe, das minhas avós, das minhas tias e de todas que vieram antes de mim. Eu só “sou” porque “juntas somos”.

Ao passo que agradeço, também dedico esse trabalho a minha filha Ágata Zion, a minha maior motivação para dar o meu máximo a tudo que me proponho a fazer. Por você minha meta é sempre 10, os 9,5 nem rola, e isso não é sobre pontuação é sobre entrega. Por você, ela sempre será altíssima. Gratidão Ágata Zion e Silvana Maria por me permitirem chegar até aqui. Sempre soube que o que é dos outros não é meu, mas o que é meu está aí para vocês, afinal “Tudo que nós tem é nós”.

Dedico esse trabalho a todos os moradores do bairro Industrial, que caminharam comigo durante todo o processo. Para não cometer a infelicidade de esquecer alguns nomes, serei genérica, mas afirmo o que disse em diversos momentos durante as oficinas, eu honro a história dos moradores do Maçaranduba ao Industrial.

E por fim, mas não menos importante, agradeço a força maior, ao Universo, a Deus e às Deusas, por me permitirem chegar até aqui. Eu entrego, confio, aceito e agradeço, por tudo que FOI, por tudo que É, e por tudo que SERÁ. Graças e Louvores ao Deus vivo hoje e sempre!

Mas eu vejo a vida passar num instante, será tempo o bastante que tenho para viver? Eu não sei, eu não posso saber, mas enquanto houver amor, eu mudarei o curso da vida, farei um altar para comunhão, nele eu serei um com o mundo até ver o ubuntu da emancipação, porque eu descobri o segredo que me faz humano, já não está mais perdido o elo. O amor é o segredo de tudo, e eu pinto tudo em amarelo (Emicida, 2019).

## RESUMO

O presente estudo apresenta o turismo comunitário-criativo como estratégia de diversificação da oferta turística da cidade de Aracaju, tendo o bairro Industrial como objeto de estudo. Partindo da compreensão do turismo como fenômeno social, econômico e cultural de natureza complexa e dinâmica, esta pesquisa reconhece a consolidação crescente da atividade turística na capital sergipana e a necessidade de adoção de modelos de gestão sustentáveis, criativos e participativos, alinhados às novas tendências globais. Assim sendo, este estudo tem como objetivo geral a elaboração de um roteiro turístico comunitário-criativo, a partir das potencialidades encontradas no bairro Industrial, levando-se em consideração a abordagem sustentável, comunitária-criativa de valorização dos recursos locais. Para tal, adotou-se uma abordagem qualitativa e exploratória, desenvolvida em duas etapas: (1) pesquisa bibliográfica e documental, voltada à revisão da literatura sobre turismo comunitário, turismo criativo e inovação social; e (2) pesquisa-ação, que incluiu a aplicação do Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), a realização de oficinas comunitárias e grupos focais, além da condução de um *FamTour* com representantes da comunidade, do *trade* turístico e de instituições de ensino, a fim de realizar o pré-teste do roteiro. Os resultados evidenciaram o potencial turístico, cultural e ambiental do bairro Industrial, destacando-o como território propício à prática do turismo comunitário-criativo, capaz de promover inovação social, geração de renda e fortalecimento do senso de pertencimento. Conclui-se que o turismo comunitário-criativo constitui um modelo eficaz para a descentralização da atividade turística em Aracaju, promovendo a valorização do rio Sergipe, do ecossistema de manguezal e das manifestações culturais e naturais do bairro, além de se converter em uma alternativa inovadora de planejamento e gestão turística, pautada na criatividade, inovação social e valorização comunitária, apontando caminhos para a construção de um turismo mais inclusivo e transformador, capaz de articular desenvolvimento econômico, valorização cultural e justiça social.

**Palavras-chave:** turismo comunitário; turismo criativo; roteiros turísticos; bairro industrial; Aracaju.

## ABSTRACT

This study presents community-based creative tourism as a strategy for diversifying the tourism offering in the city of Aracaju, focusing on the Industrial neighborhood. Based on an understanding of tourism as a complex and dynamic social, economic, and cultural phenomenon, this research recognizes the growing consolidation of tourism in the capital of Sergipe and the need to adopt sustainable, creative, and participatory management models in line with new global trends. Thus, this study has the general objective of developing a regular tourist itinerary to be carried out in the Industrial neighborhood in the city of Aracaju-SE, taking into account a sustainable, community-creative approach to the enhancement of local resources. To this end, a qualitative and exploratory approach was adopted, developed in two stages: (1) bibliographic and documentary research, focused on reviewing the literature on community tourism, creative tourism, and social innovation; and (2) action research, which included the application of the Rapid Participatory Diagnosis (RPD), the holding of community workshops and focus groups, as well as the conducting of a FamTour with representatives from the community, the tourism trade, and educational institutions, in order to pre-test the itinerary. The results highlighted the tourism, cultural, and environmental potential of the Industrial neighborhood, highlighting it as a territory conducive to the practice of community-based creative tourism, capable of promoting social innovation, income generation, and strengthening the sense of belonging. It was concluded that creative community tourism is an effective model for decentralizing tourism in Aracaju, promoting the appreciation of the Sergipe River, the mangrove ecosystem, and the neighborhood's cultural and natural attractions, as well as becoming an innovative alternative for tourism planning and management, based on creativity, social innovation, and community appreciation, pointing the way toward the construction of a more inclusive and transformative tourism, capable of articulating economic development, cultural appreciation, and social justice.

**Keywords:** tourism community; creative tourism; tourist itineraries; industrial district; Aracaju.

## RESUMEN

El presente estudio presenta el turismo comunitario-creativo como estrategia de diversificación de la oferta turística de la ciudad de Aracaju, tomando como objeto de estudio el barrio Industrial. Partiendo de la comprensión del turismo como fenómeno social, económico y cultural de naturaleza compleja y dinámica, esta investigación reconoce la creciente consolidación de la actividad turística en la capital de Sergipe y la necesidad de adoptar modelos de gestión sostenibles, creativos y participativos, en línea con las nuevas tendencias globales. Así pues, el objetivo general de este estudio es elaborar una ruta turística, de carácter regular, que se realizará en el barrio Industrial de la ciudad de Aracaju-SE, teniendo en cuenta el enfoque sostenible, comunitario y creativo de valorización de los recursos locales. Para ello, se adoptó un enfoque cualitativo y exploratorio, desarrollado en dos etapas: (1) investigación bibliográfica y documental, centrada en la revisión de la literatura sobre turismo comunitario, turismo creativo e innovación social; y (2) investigación-acción, que incluyó la aplicación del Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), la realización de talleres comunitarios y grupos focales, además de la realización de un FamTour con representantes de la comunidad, del sector turístico y de instituciones educativas, con el fin de realizar la prueba previa del itinerario. Los resultados pusieron de manifiesto el potencial turístico, cultural y medioambiental del barrio Industrial, destacándolo como un territorio propicio para la práctica del turismo comunitario-creativo, capaz de promover la innovación social, la generación de ingresos y el fortalecimiento del sentido de pertenencia. Se concluye que el turismo comunitario-creativo constituye un modelo eficaz para la descentralización de la actividad turística en Aracaju, promoviendo la valorización del río Sergipe, del ecosistema de manglares y de las manifestaciones culturales y naturales del barrio, además de convertirse en una alternativa innovadora de planificación y gestión turística, basada en la creatividad, la innovación social y la valorización comunitaria, que apunta caminos para la construcción de un turismo más inclusivo y transformador, capaz de articular el desarrollo económico, la valorización cultural y la justicia social.

**Palabras clave:** turismo comunitario; turismo creativo; itinerarios turísticos; barrio industrial; Aracaju.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Formas de Turismo e evolução do mercado.....	35
<b>Quadro 2:</b> Etapa Final caracterização dos artigos selecionados .....	50
<b>Quadro 3:</b> Síntese do processo metodológico da pesquisa seguindo os objetivos específicos.....	54
<b>Quadro 4:</b> Roteiro oficinas de DRP.....	60
<b>Quadro 5:</b> Apontamentos identificados através do DRP.....	99
<b>Quadro 6:</b> Pontos fortes e fracos para inserção do bairro nos roteiros turísticos.....	105
<b>Quadro 7:</b> Elementos que compõem o roteiro “Arrudiando o novo mangue” .....	115
<b>Quadro 8:</b> Custo do roteiro .....	119
<b>Quadro 9:</b> Elementos do folder do roteiro “Arrudiando o novo mangue” .....	139

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Vínculos Encontrados .....	32
<b>Figura 2:</b> Esquema do procedimento metodológico da RSL.....	46
<b>Figura 3:</b> Aracaju- localização do Bairro Industrial.....	73
<b>Figura 4:</b> Fábrica Sergipe Industrial.....	75
<b>Figura 5:</b> Vila operária – Fábrica Confiança.....	76
<b>Figura 6:</b> Mapa Base do Bairro Industrial.....	94
<b>Figura 7:</b> Itinerário do roteiro “Arrudiando o Novo Mangue” .....	115
<b>Figura 8:</b> Logomarca.....	134
<b>Figura 9:</b> Paleta de Cores.....	135
<b>Figura 10:</b> Ícones visuais para fortalecer a marca.....	135
<b>Figura 11:</b> Visualização da aplicabilidade da marca.....	136
<b>Figura 12:</b> Folder do “Arrudiando o Novo Mangue” (Frente).....	138
<b>Figura 13:</b> Folder do “Arrudiando o Novo Mangue” (Verso).....	139

## LISTA DE FOTOS

<b>Foto 1:</b> Oficina DRP – Realizada no Espaço Chica Chaves (Orla do Bairro Industrial) .....	55
<b>Foto 2:</b> Oficina DRP – Orla do Bairro Industrial.....	56
<b>Foto 3:</b> Oficina DRP – Comunidade Prainha .....	56
<b>Foto 4:</b> Oficina DRP- Punhos de Ouro (Complexo Dona Finha) .....	58
<b>Foto 5:</b> Oficina DRP Punhos de Ouro (Complexo Dona Finha) .....	58
<b>Foto 6:</b> Aracaju Parque Shopping.....	76
<b>Foto 7:</b> Antiga Vila Operária – Av. General Calazans.....	77
<b>Foto 8:</b> Fachada Empresa Sarandi.....	78
<b>Foto 9:</b> Fachada Empresa Celi.....	78
<b>Foto 10:</b> Parque Jose Rollemberg Leite “Parque da Cidade” .....	79
<b>Foto 11:</b> Trilha Aberta na vegetação nativa do Parque da Cidade.....	80
<b>Foto 12:</b> Orla do Bairro Industrial.....	81
<b>Foto 13:</b> Centro de Artesanato Chica Chaves.....	82
<b>Foto 14:</b> Marinete do Forró.....	83
<b>Foto 15:</b> Marinete do Forró sob nova gestão.....	83
<b>Foto 16:</b> Ponte Construtor João Alves do alto do Morro do Urubu.....	84
<b>Foto 17:</b> Espaço Castelinho.....	85
<b>Foto 18:</b> Elementos do Bairro Industrial retratos da comunidade.....	88
<b>Foto 19:</b> Resultados das Oficinas Turismo como Pedagógica de Resistência.....	89
<b>Foto 20:</b> Mãos que Tudo Fazem.....	90
<b>Foto 21:</b> Mãos que Tudo Fazem.....	91
<b>Foto 22:</b> Mãos que Tudo Fazem.....	91
<b>Foto 23:</b> Resultados DRP- Mapa da Situação Atual e Mapa da Situação Futura.....	95

<b>Foto 24</b> – Registro fotográfico do bairro Industrial do Alto da Colina do Santo Antônio.....	116
<b>Foto 25:</b> Artesã Vilma apresentando a boneca “Abayomi” .....	123
<b>Foto 26:</b> Participantes do Pré-teste com as artesãs do Chica Chave.....	124
<b>Foto 27:</b> Almoço na Prainha do Bairro Industrial.....	125
<b>Foto 28:</b> Refeições servidas.....	125
<b>Foto 29:</b> Visita ao estaleiro naval da prainha.....	126
<b>Foto 30:</b> Visita ao estaleiro naval.....	126
<b>Foto 31:</b> Registros da visita no estaleiro naval.....	126
<b>Foto 32:</b> Registros da finalização da experiência na Prainha.....	127
<b>Foto 33:</b> Visita ao Morro do Urubu.....	128
<b>Foto 34:</b> Chegada na Colina do Santo Antônio.....	129

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Tempo de Atuação no Mercado.....	100
<b>Gráfico 2:</b> Tipos de Roteiros Ofertados.....	101
<b>Gráfico 3:</b> Possibilidade de Incluir o Bairro em seus Roteiros.....	102
<b>Gráfico 4:</b> Potencial Turístico do Bairro Industrial.....	103
<b>Gráfico 5:</b> Bairro Industrial como um possível Destino Inovador.....	105
<b>Gráfico 6:</b> Conceito sobre Turismo Comunitario-Criativo.....	105
<b>Gráfico 7:</b> Avaliação da Infraestrutura atual do Bairro.....	106
<b>Gráfico 8:</b> O roteiro oferece diversidade em termos de produtos e serviços.....	120
<b>Gráfico 9:</b> Avaliação da infraestrutura dos locais visitados.....	121
<b>Gráfico 10:</b> Avaliação a vivência e interação com a comunidade local durante o roteiro.....	122
<b>Gráfico 11:</b> Avaliação das experiências de cocriação com a comunidade.....	122
<b>Gráfico 12:</b> Avaliação da estrutura do roteiro.....	130
<b>Gráfico 13:</b> Pontos selecionados para composição do roteiro.....	130

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>18</b>
<b>CAPÍTULO 1- REFLETINDO SOBRE O TURISMO, TURISMO COMUNITÁRIO E TURISMO COMUNITÁRIO-CRIATIVO .....</b>	<b>25</b>
1.1 AS MÚLTIPLAS DIMENSÕES DO TURISMO: UMA ABORDAGEM CRÍTICA E MULTIDISCIPLINAR .....	25
1.2 TURISMO COMUNITÁRIO-CRIATIVO: UMA ABORDAGEM DE INOVAÇÃO SOCIAL.....	30
1.3 TURISMO E CRIATIVIDADE.....	32
1.4 TURISMO COMUNITÁRIO (TC).....	35
1.5 INOVAÇÃO SOCIAL NO CONTEXTO DO TURISMO .....	40
<b>2 CAPÍTULO 2 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA: MÉTODOS E TÉCNICAS .....</b>	<b>43</b>
2.1 O TIPO DE PESQUISA .....	44
2.2 PROCEDIMENTOS TÉCNICOS.....	45
2.3 DETALHAMENTO DA PESQUISA DE CAMPO E COLETA DE DADOS.....	54
<b>3 CAPÍTULO 3 - ROTEIROS TURÍSTICOS COMO FERRAMENTA DA DIVERSIFICAÇÃO TURÍSTICA LOCAL SOB A ÓTICA DO TURISMO COMUNITÁRIO CRIATIVO E A INOVAÇÃO.....</b>	<b>62</b>
3.1 ABORDAGENS CONCEITUAIS SOBRE ROTEIROS TURÍSTICOS .....	62
3.2 ROTEIROS COMO ESTRATÉGIA DE DIVERSIFICAÇÃO TURÍSTICA LOCAL.....	66
3.3 ROTEIROS TURÍSTICOS SOB A ÓTICA DO TURISMO COMUNITÁRIO-CRIATIVO E A INOVAÇÃO SOCIAL .....	68
<b>4 CAPÍTULO 4 - CARACTERIZAÇÃO DO TURISMO DE ARACAJU E O “NOVO MANGUE” EM QUESTÃO.....</b>	<b>70</b>
4.1 PROCESSO DE FORMAÇÃO DE ARACAJU - “DO VELHO AO NOVO MANGUE”.....	70
4.2 CARACTERIZAÇÃO DO BAIRRO INDUSTRIAL - “O NOVO MANGUE” .....	72
4.3 O “NOVO MANGUE” SOB O OLHAR DA COMUNIDADE .....	85
4.3.1 Oficina 1- Introdução ao turismo como “Pedagogia de Resistência” .....	86
4.3.2 Oficina 2- Turismo Comunitário- Criativo e Articulação Comunitária .....	90
4.3.3 Oficina 3- Elaboração de um Roteiro Turístico Comunitário- Criativo.....	93
4.4 COLETA DE DADOS ATRAVÉS DE QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO.....	99
<b>5 CAPÍTULO 5 - ROTEIRO TURÍSTICO ARRUDIANDO O NOVO MANGUE: PRODUTO TECNOLÓGICO E SUA APLICABILIDADE.....</b>	<b>108</b>

5.1 ROTEIRO TURÍSTICO “ARRUDIANDO O NOVO MANGUE” .....	109
5.2 ANÁLISE DO PRÉ - TESTE DO ROTEIRO “ARRUDIANDO O NOVO MANGUE”	119
5.3 LOGOMARCA .....	133
5.4 <i>FOLDER</i> COM MAPA TURÍSTICO .....	136
5.5 BENEFÍCIOS DOS PRODUTOS TECNOLÓGICOS PARA A COMUNIDADE LOCAL .....	139
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>142</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>145</b>
<b>APÊNDICES</b>	

## INTRODUÇÃO

O turismo tem sido considerado um fenômeno social e econômico complexo e altamente dinâmico, capaz de gerar um desenvolvimento territorial, além de possibilitar benefícios sociais e ambientais quando planejado e executado seguindo os princípios da sustentabilidade. (Ruschmann, 2000)

À vista disso, o estado de Sergipe, apesar de ser o menor estado da federação brasileira, apresenta um potencial turístico em diversos segmentos, uma vez que se percebe produtos turísticos que vão desde o turismo de sol e praia, modelo tradicional praticado em todos os estados do litoral brasileiro até o ecoturismo. Sua capital, Aracaju, principal núcleo receptor de turistas, vem se destacando na prática do turismo e, assim, descobrindo a sua vocação, influenciando efetivamente no desenvolvimento socioeconômico.

Segundo o boletim da Secretaria Municipal do Turismo de Aracaju (SETUR), “o Aeroporto Internacional de Aracaju registrou 652.912 passageiros um crescimento de 10,4% em comparação ao mesmo período de 2024 [...] e o Terminal Rodoviário Governador José Rollemberg Leite obteve aumento de 3,52% nos embarques” (Aracaju, 2025, p. 25), reafirmando a solidez dos portões de entrada da cidade.

No âmbito econômico, a arrecadação do Imposto Sobre Serviço (ISS) do setor turístico atingiu R\$ 10,26 milhões (+24,7%) e o faturamento bruto do turismo alcançou R\$ 205 milhões (+25%) (Aracaju, 2025). Foram também apresentados pela Secretaria Municipal de Turismo, dados referentes a contribuição da CVC Corp totalizando R\$ 12,2 milhões em vendas (+17%) representando 88,2% do faturamento de 2024, o que indica a força do público nacional, bem como um avanço em visitantes internacionais, o que evidencia o potencial de internacionalização do destino. Esses dados foram formalmente apresentados durante o Seminário de Turismo de Aracaju, que também marcou o lançamento do primeiro boletim de dados sobre o turismo da cidade (Aracaju, 2025).

Desta feita, percebe-se que a capital sergipana tem despertado a atenção de turistas que estão em busca de novos destinos e de novas experiências. Assim sendo, torna-se necessário identificar novas tendências no mercado que permitam uma experiência única ao visitante, de

forma autêntica e diferenciada, visando aumentar o tempo de permanência do turista na capital e, conseqüentemente, no estado de Sergipe.

A respeito disso é necessário implementar estratégias de diferencial competitivo com outros destinos, explorando experiências distintas que não são encontradas em outras localidades, criando uma vantagem competitiva, visando diversificar a oferta turística da capital, para assim atrair mais visitantes.

Frente a esse panorama, uma forma de alcançar essa possibilidade é através de novos roteiros turísticos seguindo modelos de gestão em turismo que estejam alinhados com as novas tendências mundiais. Além disso, a elaboração destes roteiros pode apontar caminhos para renovação urbana e natural através de princípios sustentáveis, promovendo o envolvimento ativo das comunidades anfitriãs, a valorização da cultural local, contribuindo assim para o desenvolvimento socioeconômico local.

Assim, ao ponderar esses elementos citados, o turismo comunitário-criativo modelo de gestão do turismo apresentado nesse estudo, torna-se uma alternativa viável e enriquecedora para a diversificação do turismo em Aracaju, uma vez que essa iniciativa une os princípios do turismo comunitário com os elementos do turismo criativo, compreendido como um processo de inovação social.

O turismo comunitário-criativo é comum em países europeus, a exemplo de Portugal, principalmente na região do Algarve, localizada no sul do país. Em uma pesquisa realizada em 2019 foi apresentada a operacionalização desse tipo de turismo entre os anos de 2017 e 2019, e os resultados apontaram que o “turismo comunitário, com um olhar cultural e criativo, pode a médio e longo prazo ser um elemento fundamental para a sustentabilidade das pequenas comunidades” (Silva; Farias, 2019, p. 11). Ainda na visão dos autores, as localidades de pequeno porte, ao buscar o saber – fazer criativo de seus moradores e se reinventar criando eventos, situações e espaços para que ajam exposições e interações criativas, trouxeram novos panoramas para residentes e turistas (Silva; Farias, 2019).

A partir desse contexto, a pesquisa que aqui se apresenta, propõe a elaboração de um roteiro turístico comunitário-criativo, a partir das potencialidades encontradas no bairro Industrial, um dos bairros mais antigos de Aracaju. Trata-se de um bairro repleto de história, cultura e atrativos naturais que poderá incrementar a oferta turística da cidade de Aracaju. Tal

proposta estará alicerçada na perspectiva de diversificação da oferta da capital, a partir do planejamento e gestão de roteiros turísticos pautados nos princípios da criatividade e envolvimento comunitário.

Assim sendo, a pesquisa justifica-se pela necessidade de diversificar a oferta turística aracajuana, a partir das potencialidades encontradas em outros espaços da cidade para além da zona sul, possibilitando a descentralização do turismo, ao promover áreas menos visitadas, contribuindo para a distribuição do fluxo de turistas em Aracaju.

Além disso, essa diversificação auxiliará na questão da sazonalidade do turismo sobre os atrativos turísticos tradicionais, o que promoverá o desenvolvimento turístico mais equilibrado e inclusivo, não só para turistas, como também para os moradores de Aracaju, contribuindo assim para o senso de pertencimento dos moradores.

A escolha do bairro Industrial como objeto de estudo se deu por diversos fatores, dentre os quais destacam-se: o seu forte potencial turístico, percebido através de seus atrativos naturais - o Rio Sergipe, a APA Morro do Urubu -, e culturais, por ser um dos bairros mais antigos da capital sergipana que até hoje é possível visualizar os requisitos das primeiras fábricas de indústria têxtil de Aracaju, bem como é onde está localizado a sede do clube de futebol confiança, que foi fundado pelos trabalhadores das fábricas, o primeiro time de proletariados a fundar o seu próprio estádio.

A realização dessa pesquisa possui relevância significativa em múltiplas dimensões, a dizer:

- a) Para a comunidade local, na intenção de promover benefícios sociais, econômicos, culturais e ambientais, estimulando o senso de pertencimento sobre a cultural local;
- b) Para valorização do rio que leva o nome do estado - Sergipe - a partir do seu uso turístico responsável;
- c) Para despertar o potencial comunitário - criativo da comunidade do bairro Industrial, a partir da valorização de grupos de artesanato, marisqueiras e pescadores;
- d) Para apresentar um novo olhar sobre a cultura periférica que se manifesta no bairro Industrial.

Além disso, apresenta uma relevância acadêmica importante para o Programa de Pós-graduação de Mestrado Profissional em Turismo (PPMTUR), pois contribui substancialmente para o avanço do conhecimento sobre o turismo comunitário-criativo, além de demonstrar que o planejamento, gestão e implementação de um roteiro turístico se aplica em pequenas comunidades, bairros, ou até mesmo, em cidades inteiras, apresentando também a integração entre a teoria e prática.

Assim sendo, esse estudo visa implementar estratégias criativas de visitação ao Bairro Industrial, através do roteiro intitulado “Arrudiando o novo mangue”. A palavra “arrudiando” é um dialeto regional ou um neologismo<sup>1</sup> que significa “dar a volta”. Convenientemente, nessa pesquisa, esse título é apresentado para estimular a valorização do manguezal - ecossistema que é comumente encontrado no bairro -, e apresentar as possibilidades de experiências diversas ao dar a volta no bairro Industrial, utilizando-se das potencialidades turísticas ali existentes.

Para tanto, essa pesquisa apresenta os seguintes objetivos:

- Elaborar um roteiro turístico, de característica regular, a ser realizado no Bairro Industrial na cidade de Aracaju- SE, levando-se em consideração a abordagem sustentável, comunitária-criativa de valorização dos recursos locais.

A partir do objetivo geral desse estudo elencam-se os seguintes objetivos específicos:

- Identificar as potencialidades e os atrativos turísticos culturais e naturais que tornam o bairro Industrial um lugar único e valioso para o turismo;
- Diagnosticar a infraestrutura turística existente para o desenvolvimento do turismo comunitário-criativo;
- Analisar os roteiros turísticos ofertados pelas agências de turismo receptivo na cidade de Aracaju, na perspectiva de perceber o Bairro Industrial, como destino turístico inovador;
- Sugerir ações educativas que orientem a comunidade local para a prática do Turismo Comunitário – Criativo;

---

<sup>1</sup> De acordo com o dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa o neologismo trata-se do emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes, na mesma língua ou não (Houaiss, 2009).

- Incentivar a participação da comunidade na criação e participação das experiências turísticas visando a elaboração do roteiro turístico comunitário-criativo.

A partir dos objetivos propostos foram elaboradas algumas questões norteadoras que são essenciais para a condução da pesquisa sobre a viabilidade e desenvolvimento de um roteiro turístico comunitário-criativo no bairro Industrial de Aracaju, são elas:

- Quais são as potencialidades e os atrativos culturais e naturais existentes no Bairro Industrial que poderão contribuir no processo de elaboração de um roteiro turístico comunitário-criativo?
- De que maneira se encontra a infraestrutura existente e necessária para o desenvolvimento de práticas turística no Bairro Industrial?
- Como os roteiros turísticos são ofertados pelas agências de receptivo de Aracaju e como elas percebem o Bairro Industrial como destino turístico inovador?
- De que forma a elaboração de ações educativas poderão auxiliar nos processos de sensibilização e mobilização da comunidade local na prática do Turismo Comunitário Criativo?
- Quais estratégias podem ser usadas para promover o engajamento da comunidade na criação e participação nas experiências do turismo comunitário-criativo.?

Assim sendo, essas perguntas norteadoras possibilitaram um caminho a percorrer alinhando-se ao percurso metodológico da pesquisa que foi estruturado em duas fases principais: (1) pesquisa bibliográfica e documental e (2) pesquisa de campo e coleta de dados. Na primeira fase, realizou-se a revisão de literatura sobre turismo comunitário, turismo criativo e inovação social, complementada pela análise documental de fontes primárias e secundárias, a fim de subsidiar teoricamente o estudo.

A segunda fase envolveu a pesquisa de campo, adotando a abordagem da pesquisa-ação, que privilegia a participação ativa da comunidade local como agente do processo investigativo. Nessa etapa, utilizou-se o Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), por meio de oficinas comunitárias a partir de grupos focais, incorporando as percepções, saberes e práticas dos moradores à construção colaborativa do roteiro turístico. Paralelamente, foi aplicada uma pesquisa exploratória, por meio de questionários semiestruturados, voltada à análise dos roteiros turísticos oferecidos por agências de turismo receptivo em Aracaju.

Para além do exposto e visando validar esse estudo foi realizado um pré-teste do roteiro, “Arrudiando o Novo Mangue” estruturado como *FamTour*, com um grupo restrito composto por membros da comunidade, representantes do *trade* turístico, professores das áreas de Turismo, Geografia, e Serviço Social, bem como profissionais das áreas de Direito, Enfermagem e Publicidade e Propaganda. Após essa etapa, foi aplicado um questionário de avaliação, permitindo ajustes finais e a validação preliminar do roteiro, assegurando que a proposta estivesse alinhada às expectativas da comunidade e às práticas mercadológicas do turismo. Ressalte-se que todas essas etapas metodológicas serão explicadas e detalhadas no capítulo que versará sobre o percurso metodológico desta pesquisa.

Assim sendo, para subsidiar a pesquisa, esse trabalho está dividido em cinco capítulos, além das considerações finais e desta introdução. No primeiro capítulo intitulado “Refletindo sobre o turismo, o turismo comunitário e o turismo comunitário-criativo” será apresentada uma discussão teórica que abarcará as múltiplas dimensões do turismo e o turismo comunitário-criativo a partir da abordagem de inovação social. Trata-se do capítulo mais denso do trabalho, pois nele são apresentados os fundamentos conceituais e teóricos que sustentam o modelo proposto nesta pesquisa.

O segundo capítulo “Procedimentos metodológicos da pesquisa: métodos e técnicas” descreve o percurso metodológico adotado, detalhando os métodos e técnicas de investigação utilizados. Está subdividido em: Tipo de pesquisa; Procedimentos técnicos; e Detalhamento da pesquisa de campo e coleta de dados, oferecendo uma visão sistemática sobre as etapas que orientaram o desenvolvimento do estudo e a coleta das informações necessárias.

O capítulo seguinte “Roteiros turísticos como ferramenta da diversificação turística local sob a ótica do turismo comunitário criativo e a inovação” tem como objetivo central discutir o potencial dos roteiros turísticos como instrumento estratégico para a diversificação da atividade turística local, fundamentando-se nos princípios da inovação social e da participação comunitária. Esse capítulo está dividido em: Abordagens conceituais sobre roteiros turísticos; Roteiros como estratégia de diversificação turística local; e Roteiros turísticos sob a ótica do turismo comunitário-criativo e da inovação social.

Já o quarto capítulo intitulado “Caracterização do turismo de Aracaju e o “novo mangue” em questão” apresenta contribuições teóricas que auxiliam na compreensão histórica, cultural e ambiental do objeto de estudo dessa pesquisa, o bairro Industrial. Nesse capítulo,

evidencia-se a relevância da escuta comunitária e do diálogo com os moradores na construção de um turismo alinhado à identidade local.

Por fim, o quinto capítulo apresenta a materialização prática da pesquisa, expressa no produto tecnológico denominado “Roteiro Turístico Arrudiando o Novo Mangue”, destacando suas aplicações e impactos. Esse capítulo contempla três produtos tecnológicos desenvolvidos no âmbito deste estudo com o propósito de aprimorar a experiência turística, fortalecer a comunidade local e facilitar a compreensão do roteiro pelos visitantes, a dizer:

- a) um roteiro turístico comunitário-criativo intitulado “Arrudiando o Novo Mangue”;
- b) uma logomarca; e
- c) um folder com o mapa turístico, concebido como ferramenta de espacialização e orientação do roteiro.

Assim, este trabalho aborda o bairro Industrial sob uma narrativa turística comunitária e criativa. No entanto, compreende-se que a materialização desta pesquisa só foi possível por meio de um olhar que resgata o passado, mas que se projeta para o futuro, rompendo paradigmas e propondo novas formas de viver e fazer turismo. Parafraseando o filósofo chinês Confúcio<sup>2</sup>, “se queres prever o futuro, estuda o passado” ... e “se queres conhecer o passado, examina o presente, que é o resultado; se queres conhecer o futuro, examina o presente, que é a causa”. Ao citar essa reflexão para finalizar a introdução e todos os autores que serão apresentados a seguir na fundamentação teórica, reafirma-se que quem estuda, planeja e executa um roteiro turístico comunitário-criativo não cria um simples passeio, cria um legado.

---

<sup>2</sup> <sup>2</sup> Confúcio, nascido entre 552 a.c e 489 a.c foi um pensador e filósofo chinês do Período das Primaveras e Outonos. (Escritas.org)

## CAPÍTULO 1

### REFLETINDO SOBRE O TURISMO, TURISMO COMUNITÁRIO E TURISMO COMUNITÁRIO-CRIATIVO

Neste capítulo será abordado o turismo e suas múltiplas contribuições para a sociedade, com o objetivo de compreender a complexidade desse fenômeno a partir de diferentes perspectivas: econômica, social, cultural, ambiental e histórica. A proposta é refletir sobre como o turismo se manifesta nas dinâmicas sociais, territoriais e ambientais.

Ao considerar essas diversas abordagens, busca-se evidenciar que o turismo vai além do deslocamento de pessoas, trata-se de um fenômeno que impacta diretamente na geração de renda, na preservação e valorização cultural, na construção de identidades e no estímulo à sustentabilidade ambiental, no entanto, quando não planejado de forma participativa e sustentável, o turismo pode gerar efeitos negativos, como degradação ambiental e descaracterização cultural.

Diante disso, está reflexão propõe contextualizar o turismo comunitário-criativo como um modelo de gestão inovador, pautado na inovação social, no protagonismo das comunidades locais e na cocriação de experiências turísticas. Esse enfoque surge como uma alternativa para mitigar impactos negativos, promover o empoderamento comunitário e fortalecer os vínculos entre território, cultura e turismo.

#### **1.1 As múltiplas dimensões do turismo: uma abordagem crítica e multidisciplinar**

Ao refletir sobre as contribuições do turismo na sociedade, é possível perceber a complexidade desse fenômeno, que pode ser analisado sob diversas perspectivas desde o contexto histórico, cultural, ambiental, social e econômico. Tradicionalmente, a abordagem econômica tem ocupado lugar de destaque principalmente nas políticas públicas e discursos institucionais sobre o turismo.

Ao analisar a abordagem do turismo sob a perspectiva econômica, é bem provável que se venham em mente as expressões “indústria que não polui” ou “indústria sem chaminé” e a “geração de emprego e renda” como é citado por muitos gestores públicos e privados e alguns autores das décadas 1980 e 1990 do século passado (Rodrigues, 1999).

Contudo, esse tipo de reflexão está totalmente equivocado, visto que ao refletir sobre o turismo com a ênfase focada apenas no viés econômico do turismo sobrepõe e/ou tende a inviabilizar/minimizar os impactos de cunho socioambiental e territorial. De fato, apesar de ser um fenômeno social, o turismo é uma atividade econômica que gera impactos negativos, quando não planejado de forma inclusiva e sustentável (Ruschmann, 2000; Cooper *et al.*, 2001; Dias, 2003).

Nesse sentido, torna-se fundamental adotar uma abordagem mais crítica e multidisciplinar, capaz de compreender modelos de gestão em turismo que mitiguem esses impactos, principalmente na perspectiva de reconhecer e valorizar as comunidades locais como protagonistas no processo turístico.

Assim, compreender o turismo exige uma abordagem crítica, especialmente quando se busca compreender as relações complexas que envolvem visitantes e visitados, consumo e identidade, patrimônio e mercado, uma vez que, por muitas vezes, revelam tensões ao iniciar a análise na perspectiva econômica.

O turismo é frequentemente valorizado por seu potencial de geração de emprego e renda. De acordo com a Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo (Embratur, 2025) “o Brasil é o 7º país do mundo onde o turismo mais gera empregos, com uma previsão de 8,21 milhões de vagas para 2025”<sup>3</sup>, a partir dos dados do relatório *Travel & Tourism Economic Impact 2025: global trends*, divulgado pelo *World Travel & Tourism Council* (WTTC). Desta forma, ao analisar o viés econômico, torna-se relevante mencionar que de acordo com o Ministério do Turismo – Mtur (Brasil, 2025) “Em 2024, o Brasil alcançou um recorde na chegada de turistas internacionais, quando 6.773.619 viajantes escolheram destinos nacionais para viagens a lazer ou negócios. O número superou o marco histórico de 2018, de 6.621.376 estrangeiros, até então a maior marca da série histórica, iniciada em 1970”<sup>4</sup>.

Esses dados tão expressivos também foram percebidos pela população brasileira que elencou o setor de viagens como a segunda atividade econômica mais importante do país. Em primeiro lugar aparecem empatadas as áreas de Tecnologia e o Comércio com média de 9 em

---

<sup>3</sup> Informação disponível em: <https://embratur.com.br/2025/10/14/brasil-e-o-7o-pais-do-mundo-que-mais-gera-empregos-no-turismo-aponta-novo-relatorio-do-wttc/>. Acesso em: 17 out 2025.

<sup>4</sup> Informação disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2025/07/brasil-e-segundo-pais-que-mais-cresceu-no-turismo-internacional>. Acesso em: 20 ago 2025.

uma escala de 0 a 10 e o setor do turismo aparece com média de 8,8 empatado com os setores da indústria e da agropecuária (Brasil, 2024). Desse modo, a cadeia produtiva do turismo é bastante extensa e diversificada, uma vez que está presente em diversas vertentes, sejam econômicas, sociais e/ou culturais.

Assim, torna-se possível perceber, a partir dos dados supracitados, que a atividade turística no Brasil tem despertado o interesse de empresários de grande, médio e pequeno porte, contribuindo significativamente para a economia. Porém, para além dessa análise econômica positiva do turismo, é importante compreender também que quando se trata da cadeia produtiva do turismo, os recursos advindos da atividade turística, muitas vezes, a maior parcela fica concentrada em fornecedores globais.

Entretanto, essa visão quantitativa não revela por completo os efeitos do turismo nos territórios, uma vez que o crescimento econômico nem sempre se traduz para benefícios para as comunidades locais, principalmente no contexto do turismo de massa, que de acordo com Urry (2001, p. 23),

Isolado de um ambiente acolhedor e das pessoas locais, o turismo de massa promove viagens em grupos guiados e seus visitantes encontram prazer em atrações inventadas com pouca autenticidade, gozam com credulidade de pseudoacontecimentos e não levam em consideração o mundo real em torno deles.

Ainda segundo o autor, o turismo de massa padroniza os destinos, a fim de cativar mais pessoas, receber mais visitantes e obter mais lucro, fazendo da atividade uma mercadoria dependente das leis de mercado (Urry, 2001). Em muitas situações, o turismo massivo tende a gerar processos de gentrificação e invisibilidade dos saberes tradicionais, além de outros impactos, tais como: a degradação do meio ambiente, a especulação imobiliária, além de impacto de cunho social, como privilégio de investimentos em infraestrutura, seja básica e/ou turística, em locais que recebem fluxos de visitantes.

Em meio a essa realidade, o discurso da sustentabilidade está cada vez mais introduzido no turismo, tendo em vista que vários órgãos em conjunto, sendo eles o Conselho Mundial de Viagens e Turismo, a Organização Mundial do Turismo (OMT) e o Conselho da Terra, desenvolveram, em 1996, a "Agenda 21 para a indústria de viagens e turismo" (WTTC, 1998). Esse documento propunha que o turismo fosse praticado de forma a atender à demanda atual, ao mesmo passo em que tivesse sensibilidade para proteger o futuro (Dias, 2003).

De acordo com Santos (2004, p. 5) torna-se necessário

colocar em prática uma Agenda 21 Local como ferramenta de suma importância para o planejamento do turismo sustentável, uma vez que permite um aprofundado conhecimento das condições naturais, sociais e econômicas ligadas ao turismo através de um diagnóstico amplo que, conduz a definição de objetivos e planos de ação que possibilitam a concretização de um turismo centrado nos princípios do desenvolvimento sustentável.

A partir dessa ótica é perceptível que inicia-se uma busca por novas maneiras de se pensar e fazer o turismo a partir de um olhar mais crítico sobre a atividade, adaptados ao tripé da sustentabilidade, o econômico (desenvolvimento eficiente, que seja suficiente para atender as demandas do presente e as próximas gerações), o sociocultural (a valorização e perpetuação da cultura local, além da tentativa de redução das desigualdades) e o ambiental (manutenção e regeneração dos ecossistemas nativos) (Ruschmann, 2000; Wahl, 2020; Brasil, 2023).

Essa tentativa de despertar a responsabilidade sustentável do turismo é entendida como um novo paradigma para a atividade turística, uma vez que a temática do desenvolvimento sustentável passou a integrar todas as pautas globais. Desta forma, a OMT em conjunto com outras entidades e instituições representativas assumiram o compromisso de promover o desenvolvimento turístico a partir dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), tendo em vista que o Turismo pode impactar diretamente nas ações dos ODS 8 (Trabalho decente e crescimento econômico), 12 (Consumo e produção responsáveis), 14 (Vida na água) e 15 (Vida terrestre), assim como pode interferir indiretamente os demais objetivos (UNWTO, 2015).

Nesse sentido é possível identificar duas linhas de pensamento sobre o turismo: (1) aquela que o apresenta a partir de segmentos de mercado (turismo cultural, turismo de sol e praia, turismo de eventos, ecoturismo, entre outros); e, (2) outra corrente que classifica o turismo a partir modelo de gestão, criativo, comunitário e regenerativo.

Esse olhar mais crítico sobre a atividade turística fica evidenciado a partir da década de 80, com autores que abordavam o turismo com uma perspectiva mais profunda e crítica. Nesse sentido, destaca-se Krippendorf (1989) e a sua obra “Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens”, na qual o referido autor trouxe contribuições na tentativa de auxiliar para a redução dos problemas nas viagens, denominado por ele como “maquinaria das férias”, ao considerar que o turismo era uma atividade elitista, reservado para um seletivo grupo de pessoas que viajavam por influência, *status* e prestígio social.

É importante ressaltar que nesse período já havia a tentativa de promover um turismo mais justo e com menos impacto. Nesse contexto, autores como Panosso Netto e Castillo Nechar (2014) ganham relevância na contemporaneidade ao proporem uma abordagem teórica fundamentada na epistemologia do turismo, que visa compreender as bases científicas e teóricas que compõem a construção do conhecimento do turismo.

A partir dessas abordagens epistemológicas, emerge a preocupação em promover um turismo, seguindo bases epistemológicas e padrões de qualidade técnica nos serviços oferecidos aos turistas, favorecendo a qualidade de vida dos anfitriões e a sustentabilidade dos territórios envolvidos nas práticas turísticas. Assim, a reflexão sobre o turismo se torna mais consciente e responsável.

É nesse esforço que essa pesquisa se propõe a contribuir a partir da perspectiva do turismo comunitário-criativo como uma iniciativa de inovação social capaz de alcançar essa realidade. Para isso é importante destacar que “o turismo é causa-efeito de uma dinâmica humana, entre deslocar-se e permanecer. Novos modos de ação humana surgem, concomitantemente, quando modos de agir tradicionais estão desaparecendo” (Sampaio, 2007, p. 162).

Desta forma, é necessário compreender e incorporar uma discussão mais ampla sobre o fenômeno do turismo, pautada nos princípios do turismo comunitário e turismo criativo, tendo em vista que esses segmentos são considerados novas tendências do turismo. De acordo com Bispo e Canada (2025, p. 10)

O turismo comunitário como um modelo de gestão da atividade turística onde a população de um determinado território, através de suas diferentes estruturas organizacionais de caráter coletivo, desempenha um papel preponderante no controle de seu projeto, execução, gestão e distribuição de benefícios e que, por sua vez, parte do compromisso com o bem-estar comum da comunidade.

Ainda segundo os autores, essa definição é associada ao turismo comunitário rural. No entanto, quando associado ao contexto urbano, deve-se levar em consideração que as realidades urbanas são marcadas por dinâmicas complexas, como desigualdade social, especulação imobiliária, gentrificação, oferecendo um cenário instável para a consolidação de práticas comunitárias autônomas.

Considerando essa realidade, Bispo e Canada (2025) afirmam que o turismo comunitário se trata de uma “Pedagogia de Resistência”, visto que o fazer turístico é

atravessado por disputas e tensões concretas. Essas tensões se revelam em “zonas de encontro” conflituosas, nas quais interesses comunitários e forças de mercado se chocam, negociam e, por vezes, se reconfiguram.

Ao refletir o turismo sob essa perspectiva, é possível compreender o turismo comunitário como uma estratégia para as comunidades resistirem em seus territórios apresentando suas narrativas, seus modos de vidas, memórias, saberes e fazeres ao associar esses elementos ao turismo criativo que, segundo a organização *Creative Tourism Network* (*s.d.*), tem como principal princípio a cocriação de experiências autênticas entre locais e turistas.

Assim, ao unir esses dois modelos de turismo, surge uma proposta que, ao passo que promove uma experiência imersiva a turistas e visitantes, também potencializa a autonomia da comunidade local ao colocá-la como participante na criação de um roteiro turístico comunitário-criativo no Bairro Industrial. Para fortalecer a proposta dessa pesquisa, os próximos tópicos apresentam uma análise individual das temáticas que cercam essa pesquisa, o turismo comunitário, o turismo criativo e a inovação social, seguindo a metodologia da Revisão Sistemática da Literatura (RSL).

## **1.2 Turismo comunitário-criativo: uma abordagem de inovação social**

No contexto da valorização de recursos tecnológicos e de inovação, vários setores econômicos passam por processo de reconstrução para permanecerem em ascensão do seu nicho de mercado. Isso também ocorre com a atividade turística que alcança patamares econômicos significativos, atraindo a atenção de gestores públicos, empresários e da sociedade civil organizada.

Dessa forma, o fenômeno turístico é complexo e altamente dinâmico, e conseqüentemente, emerge a necessidade de alternativas para atender às demandas dos turistas, cujo perfil não se enquadra mais no turismo convencional, de caráter meramente contemplativo oferecido em alguns roteiros turísticos.

Assim sendo, com a finalidade de atender a essa demanda, surgem novos modelos de gestão em turismo, que permitem novas experiências autênticas e imersivas com o destino visitado, a exemplo do turismo criativo, que começa a ser discutido a partir da década de 1990 e o seu princípio básico é a criatividade (Richards, 2001).

Trata-se de um tipo de turismo que oferece aos visitantes a oportunidade de desenvolver o seu potencial criativo através de aprendizagens características e autênticas do destino, como a produção de artesanato local e os *workshops* de dança e música, em que o elemento-chave está relacionado à participação ativa e ao envolvimento total do turista (Richards, 2001).

Ainda acerca dos novos modos de se fazer turismo, destaca-se o turismo comunitário, aliado a princípios como o associativismo, o cooperativismo, o empoderamento comunitário, a inovação social, a ancestralidade e a economia solidária, caracterizando-se como um tipo de turismo alternativo.

A respeito disso, Maldonado (2009, p. 25), destaca que “a indústria do turismo precisa conquistar constantemente novos espaços e incorporar novas atrações à sua oferta habitual e maciça para dar respostas às novas tendências da demanda mundial”, e são as pequenas empresas comunitárias com seus atributos próprios que contribuem com o enriquecimento da oferta turística nas diferentes escalas geográficas, seja local, regional, nacional ou internacional.

Os recursos turísticos existentes do Bairro Industrial possibilitam oferecer uma experiência turística que atenda às novas tendências da demanda mundial, que perpassam pelo desejo de aprender, vivenciar e sentir aquilo que o destino oferece (Ramos; Costa, 2017). Assim, torna-se possível afirmar que os produtos turísticos apresentam uma nova perspectiva de valorização das experiências e sensações adquiridas pelos turistas nos locais que visitam.

Diante desse cenário, o turismo comunitário-criativo se destaca como uma abordagem de inovação social que valoriza o envolvimento direto das comunidades na produção de vivências significativas, potencializando seus saberes, fazeres e expressões culturais. Desta forma, ao considerar que o turismo comunitário-criativo se trata de uma inovação social, os vínculos em comum em todas as categorias de análises estudadas é o protagonismo comunitário (Figura 1).

**Figura 1 - Vínculos Encontrados**



Fonte: Elaboração própria, 2024

Assim, a partir dessa compreensão torna-se necessário aprofundar a relação entre turismo e criatividade, investigando como a criatividade se manifesta como força propulsora na formatação de experiências turísticas.

### 1.3 Turismo e criatividade

Desde a descoberta do fogo até os dias atuais com a ascensão da inteligência artificial, a criatividade sempre esteve presente, como característica essencial do ser humano. Assim, não é possível vislumbrar um caminho para a vida em sociedade, sem que a criatividade esteja inserida, tendo em vista que essa força criativa permeia todos os aspectos da sociedade e em tempos de desafios econômicos, socioculturais e ambientais, a criatividade emerge como uma ferramenta vital para a subsistência e resistência.

Para tanto, diante de uma sociedade consumista, instruída e cada vez mais exigente por conhecimentos, é percebido o interesse de cidades e destinos turísticos se tornarem mais criativas para satisfazerem as necessidades contemporâneas, tendo em vista que

[...] a noção de cidades criativas surge com uma nova e diferenciada oferta de produtos e serviços de interesse dos turistas, onde as constantes adaptações às necessidades econômicas e de qualidade de vida urbana, impõem novos modos de fazer e de viver (Ashton; Tomazzoni; Emmendoerfer, 2014, p. 1).

Essas adaptações são influenciadas por uma série de mudanças contínuas que podem ocorrer tanto por fatores internos, por vaidade, motivações pessoais e afins ou, até mesmo, por fatores externos que ocasionam uma mudança na forma de consumo, como foi o caso da pandemia de Covid-19 que assolou todo o mundo a partir do primeiro trimestre de 2020.

Durante a pandemia de Covid-19 ficou evidenciada uma mudança no comportamento do consumidor, uma vez que o consumo passou a alicerçar-se em experiências imersivas, autênticas e mais conscientes, principalmente, quando viaja ou se permite fazer algo que nunca foi feito antes (Santos; Campos; Rodrigues, 2022).

Nessa perspectiva, muitas vezes, o turista anseia por viagens que proporcionem uma oportunidade de novas experiências, uma vez que possibilitam não apenas ver, mas também tocar, sentir e aprender, aliadas às experiências criativas que o destino proporciona.

Carvalho (2011, p. 22) corrobora com essa ideia quando afirma que “a forma como cada destino utiliza o turismo criativo tem diretamente a ver com o que o caracteriza e o lugar onde está inserido”. Desse modo, a criatividade desempenha um papel fundamental ao permitir que os destinos turísticos pensem além do convencional e encontrem soluções únicas para atrair visitantes.

Assim, ao explorar ideias inovadoras, os destinos podem oferecer experiências diferenciadas e autênticas, conquistando uma vantagem competitiva no mercado. Nessa perspectiva, aliado às novas tendências, surge o turismo criativo que teve como precursores responsáveis pela conceituação os professores Greg Richards e Crispin Raymond nos anos 2000 (Richards; Raymond, 2000).

No entanto, o turismo criativo tem as suas raízes na década de 1990, ligadas ao projeto EUROTEx<sup>5</sup> que procurou preservar a produção artesanal através da comercialização de produtos locais aos turistas (Sano, 2016). Nesse contexto, é possível compreender o surgimento de um novo paradigma, distinto do turismo convencional, pois essas experiências mostram o valor agregado do produto e a sua diferença com relação aos itens de produção em massa, possibilitando uma troca entre o produtor/artesão e o turista.

---

<sup>5</sup> O projeto EUROTEx foi uma iniciativa da União Europeia voltada para a preservação e valorização da produção artesanal tradicional, especialmente no setor têxtil, conectando essa herança cultural com o turismo sustentável (Sano, 2016).

Assim, um dos princípios do turismo criativo é a cocriação, que envolve a participação ativa dos visitantes na criação e desenvolvimento de suas próprias experiências, tornando-as genuínas e autênticas (Jhonson; Neuhofer, 2017). O conceito de turismo criativo “refere-se principalmente à atitude dos turistas que procuram experiências de aprendizagem, muitas vezes ligadas a elementos da cultura tangível” (Sano, 2016, p. 2, tradução nossa).

Portanto, o objetivo do turismo criativo é essencialmente promover e estimular as experiências culturais. Nesse sentido, diferentes autores, a exemplo de Richards e Raymond (2000) e Fernandes (2011) caracterizam o turismo cultural como precursor do turismo criativo. O turismo cultural é considerado um segmento do turismo em que a motivação essencial do visitante é consumir atrações/produtos culturais tangíveis e intangíveis de um destino turístico. Para a Organização Mundial do Turismo – OMT (2019, p. 31)

[...] essas atrações/produtos estão relacionadas a um conjunto de características, características distintivas materiais, intelectuais, espirituais e emocionais de uma sociedade que abraça as artes e arquitetura, patrimônio histórico e cultural, patrimônio culinário, literatura, música, indústrias culturais criativas e vivas com seus estilos de vida, sistemas de valores, crenças e tradições.

De forma abrangente é possível associar a diferença do turismo cultural para o turismo criativo através de duas perspectivas: a primeira, no que diz respeito ao “turismo de massa”, em que o turismo cultural, quando centrado no aspecto econômico, tende a priorizar a quantidade de visitantes, diferente do criativo que busca uma qualidade e personalização de uma experiência, portanto não está associado a viagens de massa. A segunda diferença é que o turismo cultural é frequentemente tratado como um segmento dentro de uma lógica de mercado. A vista disso, Kohler (2019, p. 4) afirma que “No Brasil, ainda não foi feita uma pesquisa robusta e abrangente acerca de quem são os turistas culturais, no plano nacional, que permita revelar qual é o tamanho e a composição desse segmento”.

Porém, países europeus, a exemplo da Espanha, têm demonstrado preocupação com o *boom* do turismo massivo. Como exemplo, pode-se citar o caso da cidade de Barcelona, conforme evidenciam alguns autores ao discutirem o termo “turismofobia” (Santos, 2017; Oliveira *et al.*, 2021), em que o alto número de turistas tem causado vários impactos negativos na qualidade de vida dos residentes, sobretudo no que diz respeito ao direito de usufruto da cidade e à moradia.

No caso do turismo criativo, para além da ótica de mercado é compreendido como um modelo de gestão para o turismo, inovador, que se diferencia por sua visão abrangente, que

transcende o foco exclusivamente econômico, uma vez que ao invés de estar centrado apenas em produtos e processos como é a principal forma de consumo do turismo cultural, o turismo criativo foca em experiências e transformações pessoais, como visto no quadro abaixo (Quadro 1).

**Quadro 1-** Formas de Turismo e evolução do mercado.

Formas de Turismo	Foco principal	Foco cultural principal	Forma principal de Consumo
<b>Turismo Patrimonial</b>	Passado	Alta cultura e "folclore"	Produtos
<b>Turismo Cultural</b>	Passado e presente	Alta cultura e cultura popular	Produtos e processos
<b>Turismo Criativo</b>	Passado, presente e futuro	Alta cultura, cultura popular e cultura de massas	Experiências e Transformações

Fonte: Richards, 2001.

Fica perceptível, a partir do quadro 1, que a motivação principal para consumir o turismo criativo são as experiências e transformações que podem surgir a partir dessa atividade. Para tanto, se faz necessário o envolvimento de todas as partes interessadas, tanto os gestores públicos, responsáveis pela promoção e pelas políticas públicas de desenvolvimento turístico, como também a comunidade local, tendo em vista que a comunidade precisa ter um retorno dos benefícios do turismo. Assim sendo, o próximo tópico dessa pesquisa, busca compreender e associar o turismo criativo ao turismo comunitário.

#### 1.4 Turismo comunitário (TC)

Ao iniciar a discussão sobre o turismo comunitário, é válido ressaltar que as iniciativas desse modelo de gestão em turismo no Brasil são denominadas como Turismo de Base Comunitária (TBC), estando associadas à organização que tenha como base a participação comunitária. De acordo com o Decreto nº 9.763, de 11 de abril de 2019,

[...] o Turismo de Base Comunitária é um modelo de gestão da visitação protagonizado pela comunidade, que gera benefícios coletivos, promove a vivência intercultural, a qualidade de vida, a valorização da história e da cultura dessas populações e a utilização sustentável para fins recreativos e educativos, dos recursos da Unidade de Conservação.

No Brasil, as discussões acerca do TBC ganharam notoriedade a partir do I Encontro Nacional de Turismo de Base Local (ENTBL) realizado em São Paulo, em 1997. Nesse primeiro momento, surge como desdobramento do diálogo científico no Brasil (Sampaio, 2007). Essa iniciativa possibilitou que outros eventos ocorressem, partindo do pressuposto do viés sustentável, como foi o caso do I Seminário Internacional de Turismo Sustentável, realizado em Fortaleza no ano de 2003 (Braghini *et al.*, 2020).

Esses eventos resultaram no engajamento de grupos comunitários, ribeirinhos, quilombolas etc., na perspectiva de união em redes não-formais e no desenvolvimento de pesquisas e projetos para o turismo de base comunitária, na intenção de pensar e fazer o turismo para além do *modus operandi*, ou seja, práticas pautadas apenas no consumo, a exemplo do turismo de massa.

Porém, apesar de encontros, eventos e várias pesquisas acerca do TBC, o tema praticamente não era tratado em políticas públicas e nem considerado uma possibilidade para o desenvolvimento do turismo no Brasil (Irving, 2009). Devido a isso, esses grupos organizados em forma de rede demandaram uma pressão ao poder público, para o reconhecimento e a importância do TBC, enquanto forma específica e inovadora de se desenvolver o turismo.

Nesse sentido, a principal ação que reflete o reconhecimento do TBC pelo poder público brasileiro foi o lançamento, pelo Ministério do Turismo, do Edital 01/2008 (MTUR, 2008), que trouxe à luz da política pública a sua relevância, bem como gerou difusão e reflexão sobre os significados, as características e os princípios em torno do TBC (Braghini *et al.*, 2020).

Apesar de ser possível encontrar diversas conceituações sobre o TBC na literatura, é importante ressaltar que o Ministério do Turismo ainda não publicou um conceito oficial de turismo de base comunitária. Desta forma, Maldonado (2009, p. 31) conceitua o TBC como sendo “uma forma de organização empresarial lastreada na propriedade e na autogestão sustentável dos recursos patrimoniais comunitários”.

De acordo com as ideias do referido autor, sua base se fundamenta nas práticas de cooperação e equidade no trabalho, além da distribuição dos benefícios gerados pela prestação dos serviços turísticos (Maldonado, 2009). A iminente discussão sobre os impactos negativos do turismo, reforça a importância do TBC como uma nova forma de se fazer o turismo, com menos impactos, sendo um contraponto ao turismo de massa.

Nessa perspectiva, o TBC pode ser entendido como “uma forma de turismo que procura capacitar as comunidades para gerir o crescimento do turismo e alcançar aspirações comunitárias relacionadas com o seu bem-estar, e inclui aspectos económicos, sociais e ambientais” (Asean, 2016, p. 15, tradução nossa).

De forma abrangente, o turismo de base comunitária é um modelo alternativo de se pensar e fazer turismo, aliado a princípios da sustentabilidade. No entanto, torna-se importante ressaltar que, por muitas vezes, pode ser utilizado erroneamente como sinônimo para o turismo comunitário. A respeito disso, ambos os termos são frequentemente utilizados no contexto do turismo sustentável, porém é possível perceber diferenças sutis em sua abordagem e ênfase, como serão apresentados nos próximos parágrafos.

Ao analisar os contextos em que essas abordagens se manifestam, principalmente buscando perceber essas diferenças, observa-se que o **Turismo de Base Comunitária** tende a se desenvolver com maior frequência em ambientes rurais tradicionais ou indígenas, nos quais o território e os bens naturais e culturais são diretamente manejados pela comunidade, com menor interferência de agentes externos.

Já o **Turismo Comunitário** se adapta com maior flexibilidade aos contextos urbanos, onde as dinâmicas sociais são mais complexas e o território é compartilhado com múltiplos atores. Nesses espaços, o TC assume contornos híbridos, muitas vezes funcionando como instrumento de resistência cultural, fortalecimento da identidade local e ocupação simbólica dos territórios historicamente marginalizados.

A vista disso, fortalecendo essa discussão, Canada e Bispo (2025, p. 22) pontuam que “a principal discussão que tem surgido nos estudos sobre o turismo comunitário urbano é a diferença entre esta forma de gestão e outros, principalmente privados com fins lucrativos, e a explicação do porquê de ter um impacto mais positivo na população local”. Nesse contexto, os autores analisaram como o turismo comunitário acontece no contexto urbano, tendo como referência o turismo nas favelas do Rio de Janeiro, conhecido como “*slum tourism*” ou “Turismo de Favela”. Nesse exemplo percebeu-se que

[...] embora muitas visitas sejam organizadas por empresas externas, iniciativas lideradas por moradores locais surgiram como uma alternativa que busca beneficiar diretamente as comunidades. Estas iniciativas caracterizam-se por envolver guias locais, oferecer passeios a pé e reinvestir em projetos comunitários (Canada; Bispo, 2025, p. 22).

A partir desse exemplo é possível perceber que no TC a atuação da comunidade pode se dar por meio de parcerias com instituições externas, como Organizações Não Governamentais (ONGs), universidades, poder público ou empresas privadas, que frequentemente desempenham um papel de mediação, capacitação ou apoio técnico e financeiro.

Nessa perspectiva é possível citar também as iniciativas de turismo comunitário urbano que acontecem fora do Brasil, como é o caso da Colômbia através do bairro Egípto em Bogotá. A experiência, conhecida como *Breaking Borders* (Quebrando Fronteiras), demonstra como o turismo pode atuar como ferramenta concreta de transformação social quando conduzido pela própria comunidade. Nesse bairro, que já foi marcado pela violência e pela estigmatização, ex-integrantes de gangues e moradores locais passaram a ser protagonistas de uma nova narrativa: a da superação e da reconstrução coletiva, como pode ser observado através da plataforma Viator, promovida pela *Impulse Travel* (2025)<sup>6</sup>.

Nesse contexto, Ferrari (2021) reforça que a noção do turismo como ferramenta de transformação social acontece quando gerido de forma comunitária, como descrito no exemplo supracitado, em que as artes visuais e as memórias orais de territórios historicamente estigmatizados pela violência são ressignificadas como recursos turísticos. A partir do envolvimento direto da população local, essas práticas contribuem para a criação de alternativas às chamadas “geografias violentadas”, promovendo a inclusão social e a redução da violência no território.

Na visão de Ferrari (2021, p. 04):

No caso do bairro Egípto Alto, em Bogotá, desenvolveram-se iniciativas autônomas com o objetivo de promover a dignidade da vida comunitária e gerar produções culturais e oportunidades de emprego a longo prazo: associações artísticas, oficinas de música e grupos de formação profissional, entre outros.

A partir dessas experiências, é possível refletir sobre as diferentes abordagens que envolvem o turismo comunitário e o turismo de base comunitária (TBC). Entre essas diferenças, o TBC é considerado um modelo de gestão em turismo, e tem por princípio primordial a

---

<sup>6</sup> IMPULSE TRAVEL. **Breaking Borders**: A história dos gangsters de Bogotá – Bairro Egípto. Bogotá: Viator, 2025. Disponível em: <https://www.viator.com/pt-BR/tours/Bogota/Breaking-Borders-Tour/d4560-5549P91>. Acesso em: 1 nov. 2025.

autogestão, a capacidade das comunidades locais de organizarem seus próprios recursos, naturais e culturais em prol da atividade turística de forma independente.

No entanto, através de um olhar menos romantizado sobre o TBC e utilizando um olhar técnico e acadêmico, é percebido que a implementação de experiências de TBC pode apresentar algumas dificuldades, tornando a plenitude do TBC algo utópico a ser alcançado, sobretudo levando-se em consideração ambientes urbanos. De fato, em algumas situações, as comunidades anfitriãs têm suas rotinas definidas e estabelecidas, o que torna a autogestão um processo desafiador e demorado. Além disso, as comunidades podem enfrentar dificuldades para se adaptarem ao dinamismo e às novas tendências do setor turístico, o que pode limitar sua capacidade de se manterem atualizadas e competitivas no mercado.

Já o turismo comunitário (TC) envolve a participação da comunidade local, mas nem sempre com o mesmo nível de controle e autonomia que o TBC. Assim sendo, o TC pode ser compreendido como um modelo de turismo em que a comunidade local participa ativamente das atividades turísticas. No entanto, essa participação pode ocorrer em parceria com organizações externas, como Organizações Não Governamentais (ONGs) ou empresas privadas, que ajudam na gestão e operação dessas atividades.

Frente a esse panorama, “o turismo comunitário não é apenas uma atividade produtiva, mas procura ressaltar o papel fundamental da ética e da cooperação nas relações sociais. Com isso, valoriza os recursos específicos de um território e procura estabelecer relações de comunicação/informação com agentes externos, entre eles e os visitantes” (Araujo; Gelbcke, 2008, p. 11).

Nesse sentido, para Coriolano e Matos (2009, p. 282) a importância dada ao “envolvimento de todos os residentes da comunidade no processo de desenvolvimento do turismo enfatiza os valores comunitários e proporciona gestões integradas e mais sólidas para a execução das ações e para os possíveis entraves que enfrentarão”.

Para isso é essencial que a comunidade local esteja engajada em oferecer experiências autênticas aos visitantes, refletindo atividades do seu cotidiano, como a pesca artesanal, a produção de alimentos e as cerimônias locais.

A partir desse contexto, essas experiências que são comuns em comunidades ribeirinhas, podem ser consideradas um dos ativos do turismo criativo, uma vez que as vivências de cocriação entre a comunidade e o visitante possibilitam uma troca valiosíssima para o turismo.

Desta forma, em médio e longo prazo, pode ser um elemento fundamental para a sustentabilidade das pequenas comunidades localizadas em bairros e em regiões periféricas, como é o caso do Bairro Industrial, objeto de estudo dessa investigação.

Diante do exposto, o turismo comunitário-criativo se insere como um fenômeno, capaz de impulsionar processos inovadores, ressignificar territórios e estimular o protagonismo comunitário na criação de experiências turísticas. Assim, a seguir, propõe-se analisar esse modelo de turismo como ferramenta de inovação social, valorização cultural e dinamização econômica nos contextos urbanos e comunitários.

### **1.5 Inovação social no contexto do turismo**

As experiências promovidas pelo turismo comunitário podem ser consideradas um dos ativos do turismo criativo. Essas duas modalidades do turismo, quando juntas, há a possibilidade de ser um caminho inovador para a atividade turística, visto que ao longo dos últimos anos, o desenvolvimento urbano perpassa por estratégias inovadoras, tanto tecnológicas como sociais.

Partindo dessa perspectiva, ao associar as estratégias de inovação social às abordagens de turismo comunitário-criativo, Maccallum *et al.* (2009, p. 13) destacam que [...] “estas iniciativas têm levado a uma lógica integrada de desenvolvimento, na busca da resolução de problemas e necessidades sociais através de uma ação coordenada por diversos agentes as quais têm sido denominadas de inovação social (IS)”. Isso reflete a importância de alinhar o turismo as iniciativas inovadoras que não resolvam apenas as demandas do mercado, mas que também promovam benefícios para as comunidades locais.

Segundo Cloutier (2003, p. 18, tradução nossa) “James B. Taylor, em 1970, foi o primeiro pesquisador a usar o termo ‘inovação social’ e a partir da década de 90, intensificaram os estudos na área, principalmente no campo das ciências sociais”. No seu trabalho, Taylor afirma que a inovação social visa a transformação dos indivíduos na busca de melhorias para a sua vida.

Portanto, Cloutier (2003) considera que a inovação social não se refere necessariamente apenas à noção de resolução de problemas. A autora reforça que:

A inovação social está centrada no indivíduo, ou seja, as mudanças esperadas ocorrem manifesta-se primeiro no nível individual: o indivíduo muda sua maneira de ver o mundo, desenvolve seu potencial e é incentivado a resolver seus problemas. A inovação social pode ser considerada como uma organização social unida que visa ajudar os indivíduos a reivindicar o poder ao longo de suas próprias vidas, ou seja, adquirir a autonomia que lhes permite reorganizar a sua existência (Cloutier, 2003, p. 44, tradução nossa).

Conforme o Gabinete de Conselheiros da Política Europeia, *Bureau of European Policy Advisers (BEPA)*, o conceito de inovação social pode ser definido como o desenvolvimento e implementação de novas ideias (produtos e serviços) para atender às necessidades sociais não atendidas pelo Estado (a exemplo da saúde, educação, trabalho, segurança, dentre outras) e criar relações sociais ou colaboração (BEPA, 2011).

Ainda segundo a Comissão de Política Europeia, a inovação social pode se manifestar em três níveis: no primeiro nível estão as inovações de demanda social; seguidamente surgem os desafios sociais; e finalmente, encontra-se o nível das mudanças sistêmicas.

Nessa conjuntura, a inovação social local resulta da combinação de dois eixos fundamentais que, segundo Monteiro (2019, p. 2) “um eixo instrumental (inovações setoriais + governança e externalidades) e um eixo político (aprendizagem coletiva + missão social e visão transformadora)”.

Partindo-se desse pressuposto, as iniciativas de inovação social é um caminho para o desenvolvimento local. Desse modo, é possível perceber que a inovação social é direcionada para solucionar problemas de determinados grupos vulneráveis, sobretudo àqueles que não são atendidos pelo mercado capitalista.

Nesse viés, a inovação social está interligada aos princípios da sustentabilidade, à melhoria da qualidade de vida, à manutenção dos ecossistemas nativos e pode ser considerada um fenômeno social, tal como o turismo. De acordo com as ideias de Rousselle (2011), enquanto a inovação tecnológica vem do ambiente industrial, a inovação social parte das ações de cidadãos que buscam criar ou transformar serviços ou produtos em prol da coletividade.

Assim, ao ponderar a inovação social dentro da perspectiva turística, nota-se que os conceitos estudados - “Turismo Comunitário”, “Turismo Criativo” e “Inovação Social” – tratam-se de abordagens que perpassam por propósitos em comum como participação

comunitária, a sustentabilidade e a valorização da cultura local, o que aponta que essas abordagens estão profundamente conectadas.

Ao considerar o turismo comunitário-criativo como inovação social, é possível promover interações genuínas entre turistas e comunidades, uma vez que enriquece a experiência dos visitantes e, por outro lado, beneficia socialmente e economicamente as comunidades anfitriãs. Ao incorporar práticas inovadoras, essas abordagens podem transformar as realidades locais, criando soluções sustentáveis que podem ser aplicadas em diferentes contextos.

Essas novas experiências vivenciadas pelos turistas podem ser realizadas a partir de roteiros turísticos que valorizem a cultura local e promovam a participação ativa da comunidade, bem como integrem elementos históricos e naturais, proporcionando uma imersão com a comunidade anfitriã. Assim sendo, a roteirização turística surge como uma ferramenta da diversificação turística local, além de contribuir para o desenvolvimento local, ao mesmo tempo em que preserva a cultura, a história e os atrativos naturais locais.

## CAPÍTULO 2

### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA: MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADAS

Compreendendo que o método constitui o caminho sistemático para se alcançar os objetivos de uma pesquisa, este capítulo apresenta os procedimentos metodológicos adotados ao longo do desenvolvimento deste estudo. A metodologia, portanto, refere-se ao conjunto de métodos e técnicas utilizado para alcançar os objetivos dessa pesquisa.

Neste contexto, a presente pesquisa foi estruturada em duas fases principais: (1) pesquisa bibliográfica e documental e (2) pesquisa de campo e coleta de dados. A primeira fase concentrou-se na fundamentação teórica, por meio da revisão de literatura sobre turismo comunitário, turismo criativo e inovação social. Para tanto, foram consultadas bases científicas reconhecidas, como *Google Acadêmico*, *Web of Science*, *periódicos CAPES* e *ScienceDirect Elsevier*, além de documentos oficiais do Ministério do Turismo relacionados à roteirização e ao planejamento turístico. A metodologia aplicada nesta etapa incluiu a Revisão Sistemática da Literatura (RSL), complementada por consultas a livros, dissertações, teses e materiais técnico-institucionais. A análise documental abrangeu tanto fontes primárias quanto secundárias conforme detalhado nos subitens 2.2 e 2.3 desse capítulo.

A segunda fase envolveu a pesquisa de campo, fundamentada na abordagem da pesquisa-ação, que prioriza a participação ativa da comunidade local como agente do processo de investigação. Nessa etapa, foi utilizado o Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), por meio da realização de oficinas comunitárias, visando incorporar as percepções, saberes e práticas dos moradores à elaboração colaborativa do roteiro turístico. Além disso, foi conduzida uma pesquisa exploratória com aplicação de questionário semiestruturado, voltado à análise dos roteiros turísticos ofertados por agências de turismo receptivo.

A combinação desses métodos possibilitou não apenas a construção de uma fundamentação teórica consistente, mas também a coleta de dados alinhados com a realidade social investigada, garantindo assim a coerência entre os objetivos da pesquisa e os procedimentos adotados para alcançá-los.

## 2.1 O tipo de pesquisa

Para se alcançar os objetivos geral e específicos dessa pesquisa, o método científico utilizado que possibilitou a lógica dessa investigação foi a pesquisa-ação, amparada na pesquisa de abordagem qualitativa e de natureza aplicada. Justifica-se a escolha desse método em razão da interação da pesquisadora com os sujeitos da pesquisa.

Na definição de Thiollent (1988, p. 14), a pesquisa-ação trata-se de

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Vergara (2005, p. 203) considera que a pesquisa-ação se configura como “um método de pesquisa que visa à resolução de problemas por meio de ações definitivas por pesquisadores e sujeitos envolvidos com a situação sob investigação”. Ainda na visão da autora, na metodologia de pesquisa-ação, o problema da pesquisa não é definido *a priori*, uma vez que deve ser formulado a partir dos dados coletados para o diagnóstico e na discussão do tema com os sujeitos de pesquisa.

Deste modo, entendendo a dinamicidade do fenômeno turismo, é possível perceber que o uso dessa metodologia permitiu um processo participativo e colaborativo, o que auxiliou na elaboração de um roteiro turístico comunitário-criativo, objetivo geral dessa pesquisa. Neste caso, a pesquisa-ação possibilita o envolvimento da comunidade com a temática estudada, bem como pode ser uma ferramenta de transformação social e empoderamento dos participantes, promovendo um aprendizado coletivo que pode vir a se tornar contínuo.

Assim sendo, o relacionamento entre o pesquisador e o pesquisado não se dá como mera observação do primeiro pelo segundo, mas ambos "acabam se identificando, sobretudo quando os objetos são sujeitos sociais também, o que permite desfazer a ideia de objeto que caberia somente em ciências naturais" (Demo, 1982, p. 115).

Nesse contexto, a pesquisa-ação não busca apenas compreender ou descrever a realidade atual, mas também visa atuar sobre ela, criando um diálogo entre a teoria, a prática, o conhecimento e ação. Prodanov e Freitas (2013, p. 66) corroboram ao afirmar que “a pesquisa-ação não se refere a um simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados,

com a pesquisa-ação, os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados”. Os autores reforçam que os pesquisadores desempenham um papel ativo na solução, acompanhamento e avaliação dos problemas encontrados.

Assim sendo, a pesquisa-ação “[...] pode ser organizada em meio aberto, por exemplo, bairro popular, comunidade rural etc., e a atitude do pesquisador será de escutar e elucidar sempre os vários aspectos do problema” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 67). Desta feita, o objeto desse estudo, o bairro Industrial, apresenta um cenário ideal para o uso dessa metodologia.

A decisão pela pesquisa-ação também esteve associada ao grau de organização comunitária existente no território, composto por pescadores, marisqueiras, artesãs, artistas locais e outros agentes culturais que manifestam o saber criativo por meio de práticas tradicionais e contemporâneas. Destacam-se, nesse sentido, as artesãs do Centro de Artesanato Chica Chaves e os murais de grafite espalhados pelo bairro, que representam formas legítimas de expressão e pertencimento territorial.

Assim, compreendeu-se que a pesquisa-ação possibilitaria não apenas a construção de um respaldo científico, mas também a valorização de um olhar comunitário-criativo sobre o território, permitindo que os sujeitos envolvidos participassem ativamente das reflexões, decisões e propostas ao longo do processo, potencializando as iniciativas para o turismo comunitário criativo.

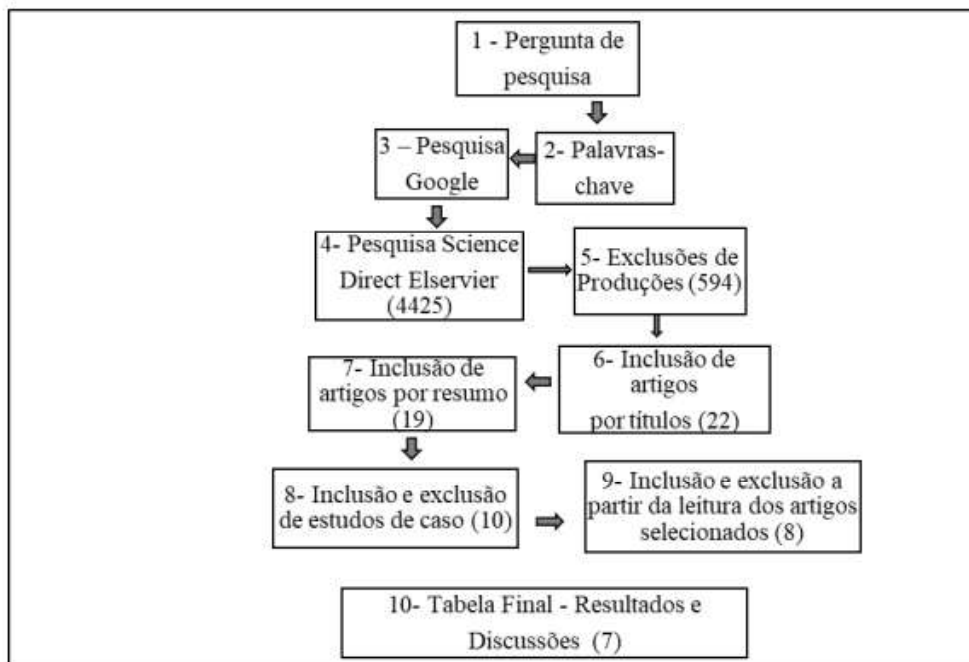
## **2.2 Procedimentos técnicos**

A pesquisa científica adota uma metodologia sistemática, uma vez que requer a utilização de procedimentos e técnicas que definem como a pesquisa será conduzida. De acordo com Dencker (1998, p. 68), “nenhuma pesquisa se inicia do nada. Toda investigação é parte de um processo cumulativo de aquisição de conhecimento e se enquadra em um modelo teórico a partir do qual se fazem deduções”.

Esta investigação adotou as pesquisas bibliográfica, documental e de campo. Assim sendo, inicialmente, foi realizada a pesquisa bibliográfica que de acordo com Veal (2011, p. 91) “[...] se refere ao processo de identificar publicações anteriores, relevantes ao tema de interesse”. Para isso, utilizou-se a metodologia de Revisão Sistemática da Literatura (RSL) que permitiu entender como os autores da atualidade, em nível nacional e internacional, discutem a

temática, estudam e principalmente compreendem como ocorrem as experiências comunitárias - criativas. Assim sendo, na figura 2, são apresentadas as etapas percorridas para a elaboração da RSL.

**Figura 2** - Esquema de procedimentos metodológicos da RSL



Fonte: Elaboração própria, 2024.

1. Elaboração da pergunta de pesquisa: Trata-se da orientação principal sobre o tema. Assim sendo, pode-se dizer que a definição da pergunta de pesquisa é a principal etapa na fase de planejamento. Nessa revisão de literatura, adotou-se uma pergunta de pesquisa do tipo exploratória. Desta feita, a pergunta norteadora para essa RSL foi: **Quais são os vínculos encontrados entre turismo comunitário, turismo criativo e inovação social?**
2. Definição das palavras-chave: Antes de iniciar a etapa da condução da RSL torna-se primordial a definição das palavras-chave. Assim sendo, após a elaboração da pergunta de pesquisa, foram definidas as seguintes palavras-chave: Turismo comunitário, criatividade e inovação social.
3. Pesquisa Geral: Nessa etapa foi realizada uma busca ampla e diversificada no *Google e Google Acadêmico*, para verificar estudos sobre as temáticas de forma individual, a fim de identificar os trabalhos já publicados contemplando as palavras-chave propostas.

4. Pesquisa na base de dados: Além de buscas de artigos nacionais encontrados na plataforma dos periódicos CAPES, foi utilizada a base de dados *Science Direct Elsevier*, por ser uma base de dados muito comum na área das Ciências Sociais Aplicadas. Para tal procedimento foi necessário fazer a tradução das palavras-chave para a língua inglesa - *community tourism, creative tourism and social innovation*.
5. Exclusões de teses, dissertações, monografias, resumos, editoriais, atas de conferência, livros e cartas, revisões sistemáticas da literatura, capítulos de livro, resultando para análise os artigos publicados em periódicos científicos.
6. Inclusão e exclusão de artigos a partir dos títulos: o critério utilizado para a inclusão foi o uso de palavras-chave; e, a exclusão se deu por não haver nenhuma das palavras-chave da pesquisa.
7. Inclusão e exclusão de artigos a partir dos resumos: Após leitura dos títulos, utilizou-se o critério de exclusão de resumos, sendo excluído os que não apresentava nenhuma associação com as palavras-chave da pesquisa.
8. Inclusão e exclusão de estudos de caso: Nessa etapa, o critério utilizado para inclusão foram os estudos de caso que apresentassem vínculos individuais ou em pares das palavras-chave.
9. Inclusão e exclusão a partir da leitura dos artigos selecionados: Após a leitura dos artigos selecionados, iniciou-se uma análise descritiva, levando-se em consideração alguma identificação com a pergunta norteadora. Até esta etapa, os procedimentos utilizados foram para refinar a pesquisa em busca de artigos que possam responder à pergunta norteadora. Assim, sendo, optou-se por excluir artigos que não contribuíam diretamente para a questão da pesquisa.
10. Apresentação dos resultados no quadro: Optou-se por apresentar os resultados em quadro, apresentando as seguintes informações: autor, ano, título, periódico, palavra-chave, local, objetivo da pesquisa, metodologia e conclusão.

Para chegar ao resultado apresentado no quadro 2, se faz necessário descrever a amostra, ou seja, a quantidade de artigos publicados entre 2019 e 2024 envolvendo as três palavras-chave, a dizer: Turismo Comunitário, Criatividade e Inovação Social, na base de dados da *Science Direct Elsevier* e dos Periódicos CAPES.

No que se refere à aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, na etapa 6 foram selecionados 22 artigos através das leituras de títulos. Logo após, passou-se para a outra etapa de leitura de resumos, onde foram selecionados 19 artigos.

No procedimento seguinte optou-se por selecionar artigos de estudos de caso que estivessem em sinergia com as palavras-chave. Nessa etapa foram selecionados 10 artigos para leituras e análises completas, com o objetivo principal de encontrar vínculos entre as temáticas estudadas. A amostra final totalizou 7 artigos.

Quanto aos periódicos das bases investigadas nessa RSL, tem-se: *Tourism Management*, *Tourism Research e Turydes: Turismo y Desarrollo*, periódicos bastante relevantes da área do turismo; e *Heliyon* e *Forest Policy and Economics*, periódicos que abordam outras temáticas correlatas ao turismo (Quadro 2).

**Quadro 2:** Etapa final - características dos artigos selecionados

<b>Autor /Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Periódico</b>	<b>Palavras-Chave</b>	<b>Local</b>	<b>Objetivo da Pesquisa</b>	<b>Metodologia</b>	<b>Conclusão</b>
Pumarola, Paquin e Sitges. (2023)	<i>The use of intangible heritage and creative industries as a UNESCO creative cities network</i>	<i>Heliyon</i>	Turismo Criativo	Não identificado	Explorar como o património imaterial e as indústrias criativas podem funcionar como um ativo turístico para cidades criativas.	Pesquisa exploratória baseada no método indutivo	Tendências que podem ser aplicadas e adaptadas a futuros destinos com ativos intangíveis no seu território.
Aquino (2022)	<i>Community change through tourism social entrepreneurship</i>	<i>Tourism Research</i>	Turismo Comunitário e Empreendedorismo social	Filipinas	Delinear os processos de mudança comunitária induzidos pelo empreendedorismo social do turismo.	Estudo de Caso, pesquisa qualitativa exploratória	Contribui para o conhecimento ao ilustrar as interações dinâmicas entre as empresas sociais do turismo, as comunidades anfitriãs
Mahato; Phi e Prats (2021)	<i>Design thinking for social innovation: Secrets to success for tourism social entrepreneurs</i>	<i>Tourism Research</i>	Inovação social, turismo.	Vietnã	Apresentar a estrutura do <i>design thinking</i> como inovação social, para empreendimentos turísticos	Estudo de Caso, pesquisa qualitativa	Esse artigo revela que os empreendedores sociais do turismo desenvolveram uma capacidade intuitiva de aplicar o <i>design thinking</i> à inovação social.
Richards (2020)	<i>Designing creative places: The role of creative tourism</i>	<i>Tourism Research</i>	Turismo Criativo	Exemplos citados no artigo, Brasil, Europa e Tailândia	Examinar como a criatividade tem sido utilizada na criação de lugares em destinos turísticos	Estudo de Caso	A contribuição deste artigo reside na aplicação do <i>placemaking</i> criativo ao desenvolvimento do turismo.
Flores e Farias. (2019)	Turismo comunitário - criativo: uma descrição da operacionalização de pesquisa na região do Algarve de 2017 - 2019	<i>Revista Turrydes: Turismo y Desarrollo</i>	Turismo comunitário criativo	Algarve, Portugal	Analisar em áreas tradicionais se o turismo comunitário - criativo contribui para a diminuição do êxodo populacional e o desenvolvimento local	Pesquisa etnográfica interpretativa	Os resultados apontam como o processo comunitário criativo, através do saber - fazer de seus moradores, levam a exposições e interações criativas que trazem novos panoramas para residentes e turistas.

Remoald <i>et al.</i> (2020)	<i>Profiling the participants in creative tourism activities: Case studies from small and medium sized cities and rural areas from Continental Portugal</i>	<i>Tourism Management</i>	Turismo Criativo	Portugal	Caracterizar as motivações e o perfil dos turistas criativos	Estudo de Caso	Foram identificados três grupos de participantes em atividades de turismo criativo.
Higuera, Rogelja e Secco (2023)	<i>Policy framework as a challenge and opportunity for social innovation initiatives in eco-tourism in Colombia</i>	<i>Forest Policy and Economics</i>	Inovação Social	Colômbia	Este estudo centra-se nas atuais condições políticas (domínios e instrumentos) para o desenvolvimento da IS no ecoturismo na Colômbia.	abordagem qualitativa dedutiva	As iniciativas de Inovação Social a nível local precisam de ser abordada, capacitando as comunidades locais e indígenas na gestão dos recursos naturais através de atividades sustentáveis de ecoturismo

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Também foram consultados livros, dissertações e teses que tratam sobre os temas estudados nessa pesquisa. Além disso, a pesquisa documental foi utilizada para compreender o processo de elaboração de roteiros turísticos e hierarquização dos atrativos, seguindo critérios técnicos de roteirização turística apresentados pelo Ministério do Turismo (MTur).

De acordo com (Gil 2008) a diferença entre a pesquisa bibliográfica e a documental se dá a partir da natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa.

Ainda segundo o autor, a pesquisa documental pode ser caracterizada em dois tipos: as fontes de primeira mão (primárias) que são: documentos oficiais, reportagens de jornais, que não receberam nenhum tipo de tratamento analítico; e as fontes secundárias, tais como: relatório de pesquisa, tabelas estatísticas, que em algum momento foram analisados (Gil, 2008).

Este estudo também se utilizou da pesquisa de caráter exploratório que de acordo com Gil (2008, p. 27) “são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato”. Assim sendo, a pesquisa exploratória permitiu analisar os roteiros turísticos ofertados pelas agências de turismo receptivo, uma vez que este é um dos objetivos específicos desta pesquisa.

Para a realização do diagnóstico turístico a partir do olhar da comunidade foram realizadas oficinas enquanto ferramenta para o Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), a fim de assegurar que suas percepções e conhecimentos sejam incorporados no decorrer do projeto, sobretudo, no processo de elaboração do roteiro turístico. De fato, o objetivo central do DRP é “compreender a percepção da realidade da comunidade. É crucial entender os seus anseios, antes de opinar e de propor a solução lógica” (Verdejo, 2006, p. 22).

Ainda segundo Verdejo (2006, p. 6), “o Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) é um conjunto de técnicas e ferramentas que permite que as comunidades façam o seu próprio diagnóstico e a partir daí comecem a autogerenciar o seu planejamento e desenvolvimento”. Assim sendo, o uso dessa ferramenta favorecerá a coleta de dados, uma vez que “o DRP pretende desenvolver processos de pesquisa a partir das condições e possibilidades dos

participantes, baseando-se nos seus próprios conceitos e critérios de explicação” (Verdejo, 2006, p. 6).

Desta forma, o caráter participativo do DRP promove um maior engajamento da comunidade no processo de pesquisa, o que é de suma importância para o sucesso de iniciativas que terão como princípio o turismo comunitário-criativo. Assim, ao envolver os membros da comunidade no planejamento de um roteiro turístico, reforça o compromisso do projeto com a promoção e diversificação do turismo, como uma ferramenta para o desenvolvimento local, garantindo que a comunidade não seja apenas objeto de estudo como também agente de transformação social e econômica.

Desta forma, para alcançar essa compreensão também foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as agências de turismo receptivo de Aracaju (Apêndice A), na intenção de compreender a percepção das agências de turismo sobre o bairro como destino inovador. Além disso, o uso desse instrumento metodológico possibilitou analisar os roteiros que são ofertados por elas, bem como permitiu uma análise comparativa, verificando as lacunas nos roteiros atuais. Assim sendo, a metodologia aplicada cumpriu seu papel ao fornecer dados consistentes que dialogam diretamente com os objetivos da pesquisa, permitindo compreender as representações do *trade* receptivo sobre o Bairro Industrial. Esses achados servem de base para aprofundar a análise crítica nos capítulos seguintes, voltados a discutir como o turismo comunitário-criativo e a roteirização turística poderão contribuir com a dinamização no espaço do bairro e inclusão social.

Verdejo (2006) complementa que as entrevistas semiestruturadas auxiliam na criação de um ambiente aberto de diálogo e permitem à pessoa entrevistada se expressar livremente sem as limitações criadas por um questionário. Outros instrumentos metodológicos que foram adotados são a utilização de mapas que servem para o planejamento, a discussão e a análise da informação visualizada, tais como: mapa de recursos naturais, mapa da comunidade e mapa da situação futura.

Assim, a partir das pesquisas bibliográfica e documental, bem como as informações coletadas junto à comunidade a partir das oficinas participativas de DRP, foi possível caracterizar o território do Bairro Industrial baseando-se nos pilares de sustentabilidade e do turismo comunitário-criativo.

Com a finalidade de apresentar os materiais e métodos para a construção dessa pesquisa e o alcance dos objetivos propostos, segue abaixo um quadro com a síntese dos procedimentos metodológicos (Quadro 3).

**Quadro 3:** Síntese do processo metodológico da pesquisa segundo os objetivos específicos

OBJETIVOS	PROPOSITURA / ATIVIDADE	MÉTODOS DE PROCEDIMENTOS	INSTRUMENTOS
Identificar as potencialidades e os atrativos turísticos culturais e naturais que tornam o Bairro Industrial um lugar único e valioso para o turismo	- Mapeamentos dos atrativos turísticos locais	-Pesquisa bibliográfica; -Pesquisa de campo.	-Diário de campo; -Fotografias
Diagnosticar a infraestrutura turística existente para o desenvolvimento do turismo comunitário-criativo	-Conhecer a oferta turística atual; -Avaliar as condições de infraestrutura; -Consultar dados públicos	-Pesquisa de campo e observação direta; - Pesquisa documental;	- <i>Checklists</i> de infraestrutura baseados na observação direta; -Documentos da prefeitura municipal.
Analisar os roteiros turísticos ofertados pelas agências de turismo receptivo na cidade de Aracaju, na perspectiva de perceber o Bairro Industrial, como destino turístico inovador	-Levantamento dos roteiros turísticos existentes; -Entrevistas semiestruturadas com agências de turismo; -Comparação de roteiros.	-Pesquisa documental; -Entrevistas; -Análise comparativa.	-Roteiro de entrevistas semiestruturadas
Sugerir ações educativas que orientem a comunidade local para a prática do Turismo Comunitário – Criativo	-Oficinas de DRP com a comunidade.	- Cocriação com a comunidade	Realização das oficinas Utilização de mapas
Incentivar a participação da comunidade na criação e participação das experiências turísticas visando a elaboração do roteiro turístico comunitário-criativo	- Desenvolver um roteiro a partir do olhar da comunidade.	- Implementação do pré-teste do roteiro.	- Grupos Focais.

Fonte: Elaboração própria, 2024.

O quadro acima sintetiza o processo metodológico alinhado aos objetivos específicos do projeto. Além dessas etapas metodológicas foi realizado um pré-teste do roteiro. Este pré-teste foi realizado em formato de FAMTOUR com um grupo limitado de participantes composto por: membros da comunidade, turistas/visitantes e *stakeholders* locais, e representantes do *trade* turístico.

Importante mencionar que durante a execução do pré-teste foi realizado o registro fotográfico e, ao finalizar, foi encaminhado para todos os presentes um *link* do *google forms* com o formulário de avaliação do roteiro (Apêndice B). Essa etapa foi de suma importância, pois avaliou-se o itinerário, a vivência e interação com a comunidade local, assim como foram coletadas sugestões e críticas, garantindo que o roteiro final seja aplicável e que atenda as expectativas tanto da comunidade quanto dos visitantes.

### **2.3 Detalhamento da pesquisa de campo e coleta de dados**

Durante a pesquisa de campo, foram realizadas visitas técnicas pelas quais foi possível identificar e verificar as informações que foram coletadas durante a pesquisa documental. A partir disso foi possível realizar registros fotográficos do território do Bairro Industrial e perceber como ele é ocupado por diferentes atores sociais em diferentes horas do dia.

Foi também na pesquisa de campo que foram realizadas as Oficinas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) a partir de grupos focais. Estas oficinas ocorreram em diferentes locais como: Centro de Artesanato Chica Chaves, a comunidade da Prainha do Bairro Industrial e no espaço Punhos de Ouro localizado embaixo da ponte no complexo Dona Finha.

A abordagem metodológica que conduziu as oficinas foi com base na teoria das representações sociais (Moscovici, 1978) e no pensamento complexo (Morin, 1984), buscando compreender as percepções e saberes locais da comunidade sobre o turismo e o território do Bairro Industrial. A população alvo da pesquisa foi composta por moradores do bairro diretamente envolvidos com atividades culturais, sociais e econômicas do território. A amostra foi intencional, composta por cerca de 20 participantes, incluindo pescadores, marisqueiras, canoieiros, artesãos, artistas, guias de turismo e moradores de diferentes faixas etárias. As metodologias participativas de DRP foram aplicadas junto à comunidade *in loco* em 3 momentos, a partir de grupos focais que ocorreram de acordo com a disponibilidade dos participantes, respeitando as dinâmicas comunitárias e suas atividades econômicas e socioculturais.

A primeira oficina ocorreu no dia 28/07/2025 na Orlinha do Bairro Industrial, dentro do espaço Chica Chaves, em que estiveram presentes as artesãs do espaço, moradores locais, pequenos empreendedores do ramo alimentício, lideranças comunitárias, guias de turismo que residem ou que possuem uma forte ligação com o bairro (Fotos 1 e 2). Importante mencionar

que a execução das atividades propostas nas oficinas contou-se com o apoio logístico da Empresa Municipal de Serviços urbanos (EMSURB).

**Foto 1** - Oficina DRP realizada no espaço Chica Chaves (Orla do Bairro Industrial), 2025



Foto da autora, 2025.

**Foto 2 - Oficina DRP –Orla do Bairro Industrial**



Foto da autora, 2025

A segunda oficina ocorreu no dia 30/08/2025 na prainha do Bairro Industrial, um lugar de luta e resistência no processo de moradia popular (Foto 3). Essa ocupação vive diretamente da pesca artesanal, coleta de mariscos e com outras atividades relacionadas a pesca, a exemplo do tratamento e a comercialização dos pescados. Esta oficina também contou com a presença de mestres barqueiros que produzem embarcações, como canoas e tototós (Estevão; Silva, 2023).

**Foto 3 - Oficina DRP- Comunidade prainha**



Foto da autora, 2025

Para a realização dessa oficina contou-se com o apoio do Movimento Trapiche (Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo) da Universidade Federal de Sergipe, bem como o apoio do Movimento de Trabalhadores Urbanos (MOTU), a fim de mobilizar e articular a comunidade. O apoio dessas organizações se fez necessário tendo em vista o movimento que elas realizam com a comunidade em prol da garantia da moradia. Vale ressaltar que, por meio de muita luta e organização, o governo federal oficializou no dia 8 de agosto de 2025, a cessão gratuita do terreno da União para a Prefeitura de Aracaju (SE) para viabilizar o projeto “Prainha e Fibra” que concede o reassentamento de famílias que ocupam a área da prainha do Bairro Industrial (Brasil, 2025). Assim sendo, com toda essa movimentação social e política na comunidade da Prainha, a articulação com essas entidades se fez necessária.

Desta forma, a oficina ocorreu no bar do mestre Humberto, pescador e barqueiro, que também é uma das lideranças da Comunidade da Prainha, sendo ele um dos primeiros a ocupar essa região e que também foi um dos responsáveis pela produção espacial da comunidade e de muitas embarcações que circulam pelo rio Sergipe e que margeiam a referida comunidade.

Por fim, a última oficina ocorreu no dia 05/09/2025 no espaço cultural e esportivo Punhos de Ouro, localizado embaixo da ponte Aracaju-Barra no complexo Dona Finha (Fotos 4 e 5). Participaram da oficina artistas periféricos do movimento do *hip hop*, movimento este que é bastante comum no Bairro, e que fica evidenciado pelas ruas, através de painéis de grafites e diversas produções do áudio visual que utilizam o bairro como berço dessa cultura em Aracaju.

**Foto 4:** Oficina DRP - Punhos de Ouro (complexo Dona Finha)



Foto da autora, 2025

**Foto 5:** Oficina DRP - Punhos de Ouro (complexo Dona Finha)



Foto da autora, 2025

A descrição detalhada das oficinas está apresentada no quadro abaixo (Quadro 4).

Quadro 4: Roteiro Oficinas de DRP

OFICINA	NOME DA DINÂMICA	OBJETIVO	INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	ETAPAS DA ATIVIDADE	RESULTADOS ESPERADOS	RESULTADOS ALCANÇADOS
<b>Introdução ao turismo como “Pedagogia de Resistência”</b>	Retratos do Bairro Industrial	Sensibilizar a comunidade sobre o turismo como ferramenta de empoderamento, valorização cultural e geração de renda	Desenhos representativos elaborados pela comunidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Diálogo introdutório sobre turismo em territórios urbanos, periféricos e ribeirinhos</li> <li>- Desenhos de lugares significativos</li> <li>- Compartilhamento dos desenhos</li> <li>- Construção de painel coletivo</li> <li>- Reflexão final sobre turismo como “Pedagogia de Resistência”</li> </ul>	Identificar a oferta turística do bairro a partir do olhar comunitário, considerando os potenciais identitários	Identificação de potenciais turísticos nos lugares significativos para os moradores
<b>Turismo Comunitário Criativo e Articulação Comunitária</b>	Mãos que criam, histórias que inspiram	Despertar o potencial criativo da comunidade, reconhecendo saberes e fazeres locais como base das experiências turísticas	Desenhos das mãos + painel coletivo	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Acolhimento e desenhos das mãos com base nos saberes e fazeres</li> <li>- Compartilhamento oral das habilidades e histórias</li> <li>- Construção do painel coletivo</li> <li>- Imaginação de experiências turísticas a partir dos talentos locais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Mapear possíveis experiências turísticas a partir da cocriação e inovação</li> </ul>	Reconhecimento de saberes, fazeres e talentos locais como ativos turísticos; fortalecimento da autoestima e da identidade comunitária

<p><b>Elaboração de um roteiro turístico Comunitário-Criativo</b></p>	<p>De onde partimos e para onde queremos ir</p>	<p>Construir de forma participativa as atividades que podem compor um roteiro turístico</p>	<p>Mapa da situação atual e mapa da situação futura</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Diálogo sobre atividades e experiências turísticas</li> <li>- Construção de mapas com pontos de visitação, vivências e atividades</li> <li>- Identificação de ações necessárias para viabilizar o roteiro</li> <li>- Compartilhamento dos mapas e debate coletivo</li> </ul>	<p>Estruturar um roteiro turístico comunitário-criativo</p>	<p>Mapeamento de pontos de visitação, vivências e atividades culturais; levantamento de ações e necessidades para viabilização do roteiro</p>
---	---	---	---	---	---	---

Fonte: Elaboração Própria, 2025.

Os instrumentos aplicados, como desenhos representativos, dinâmicas manuais e mapas colaborativos, foram interpretados com base em categorias que dialogam com os objetivos do turismo comunitário criativo. Entre elas destacam-se: **(1) elementos identitários da paisagem natural e cultural**, que refletem a percepção coletiva dos potenciais turísticos do Bairro Industrial; **(2) práticas, saberes e fazeres locais**, que sinalizam as possíveis experiências turísticas que podem ser utilizados no contexto da cocriação como experiência autêntica e imersiva; **(3) afetos e memórias associados ao território**, revelando vínculos subjetivos e simbólicos com base no sentimento de pertencimento da comunidade; e **(4) demandas por infraestrutura e valorização**, que emergem do contraste entre a situação atual e o roteiro turístico desejado, nesse contexto essa categoria de análise fortalece e estimula novas pesquisas com a narrativa turística na comunidade, bem como provocar a gestão pública para um novo olhar para os equipamentos turísticos e de lazer da localidade.

As análises dessas categorias permitiram não apenas compreender o território a partir do olhar da comunidade, mas também orientar de forma ética e cocriativa a construção de um roteiro turístico que respeite, preserve e valorize as identidades locais.

Dessa maneira, as oficinas de DRP realizadas no Bairro Industrial cumpriram um papel fundamental no processo metodológico desta pesquisa, ao proporcionar um espaço de escuta, reflexão e cocriação com a comunidade. A sistematização das dinâmicas revelou não apenas a percepção coletiva sobre os potenciais turísticos e as demandas locais, mas também indicou caminhos concretos para a construção de um roteiro comunitário-criativo ancorado na identidade, nos saberes e nas memórias do território.

Esse processo, ao mesmo tempo que valoriza o protagonismo comunitário, oferece subsídios práticos para futuras ações de planejamento participativo e para o fortalecimento do turismo como ferramenta de inclusão social, desenvolvimento local e pedagogia de resistência. Com isso, os resultados das oficinas revelam um conjunto de ações integradas, que articulam melhorias estruturais, sociais e culturais confirmando o potencial do Bairro Industrial para a implementação de práticas de turismo comunitário-criativo pautadas na participação social e na valorização do patrimônio local.

## CAPÍTULO 3

### ROTEIROS TURÍSTICOS COMO FERRAMENTA DE DIVERSIFICAÇÃO TURÍSTICA LOCAL SOB A ÓTICA DO TURISMO COMUNITÁRIO-CRIATIVO E A INOVAÇÃO SOCIAL

Este capítulo tem como objetivo discutir o potencial dos roteiros turísticos como ferramenta estratégica para a diversificação da atividade turística local, com base nos princípios do turismo comunitário-criativo e no conceito de inovação social. A elaboração de roteiros turísticos é compreendida aqui não apenas como uma prática de organização da visita, mas como um processo que pode agregar valores, o fortalecimento de identidade territorial, especialmente em contextos urbanos e periféricos.

No caso da cidade de Aracaju (SE), observa-se uma oferta turística ainda limitada em termos de variedade de roteiros. Atualmente, apenas três roteiros principais são comercializados: o City Tour, o Roteiro Litoral Sul e o Roteiro Croa do Goré e Ilha dos Namorados (Sergipe, 2024). Essa constatação reforça a necessidade de refletir sobre novas possibilidades de roteirização, capazes de revelar outros espaços, narrativas e experiências dentro do território urbano.

Com base nesse cenário, este capítulo analisa como os autores da área do turismo compreendem a elaboração de roteiros turísticos enquanto estratégia de diversificação de produtos turísticos. A proposta considera os roteiros não apenas como sequências de atrativos conectados por vias de acesso, mas também como instrumentos de valorização territorial e inovação social, promovendo o fortalecimento de identidades locais e a criação de experiências turísticas.

#### **3.1 Abordagens conceituais sobre roteiros turísticos**

O turismo, para além de ser compreendido como uma atividade econômica, é um fenômeno social e político, razão pela qual diversos termos são usados para definir e segmentar as suas atividades. Nesse contexto, diversos autores debatem a roteirização turística através de diferentes abordagens.

Segundo Nitsche (2007, p. 50) roteiro turístico é “um roteiro pertinente ao estudo de caso que compreende vários atrativos dispostos num determinado espaço, interligados por via de acesso, normalmente sinalizadas de forma a prestar orientações ao visitante”. Já Bahl (2004, p. 42) enfatiza que o roteiro turístico é a “indicação de uma sequência de atrativos existentes numa localidade e merecedores de serem visitados”.

Nesses dois conceitos percebe-se que a análise parte da perspectiva de roteiros turísticos compreendidos através de uma abordagem espacial, envolvendo a organização e a apresentação de atrativos turísticos. Todavia, essa conceituação não é vista da mesma forma por outros autores. Desse modo, Moletta (2002, p. 40) entende o roteiro turístico “como um pequeno plano de viagem em que o turista segue a descrição de todos os pontos a serem visitados, tendo estipulado o tempo de permanência em cada local e a noção dos horários de parada”.

Nessa mesma abordagem, Brambatti (2002, p. 15) define roteirização como “percursos, caminhos, rotas percorridas por turistas, com o objetivo de usufruir de um contexto, visto no seu conjunto, de forma organizada e atrativa”. Esses dois conceitos compreendem a roteirização turística a partir da perspectiva do turista, considerando um conjunto de atrativos em um determinado contexto.

De fato, ao discutir a magnitude do fenômeno turístico, em uma escala regional e/ou local, vários fatores devem ser levados em consideração no momento de elaboração de um roteiro turístico, tendo em vista que por meio deste é possível diversificar a oferta turística local e ser um instrumento importante para o desenvolvimento territorial.

Segundo o Ministério do turismo o roteiro turístico trata-se de um “itinerário caracterizado por um ou mais elementos que lhe conferem identidade, definido e estruturado para fins de planejamento, gestão, promoção e comercialização turística” (Brasil, 2010, p. 31).

Apesar dessa definição técnica é necessário também identificar aspectos operacionais importantes, relacionados a logística e infraestrutura local, bem como torna-se relevante acrescentar que o roteiro turístico deve ser elaborado e contextualizado, a partir das potencialidades endógenas da localidade.

A vista disso, Tavares (2002, p. 14) corrobora que o roteiro turístico deve ser cuidadosamente planejado de acordo com as características do local onde é implementado uma

vez que "[...] não devem ser concebidos tão somente como uma sequência de atrativos a serem visitados, mas como uma importante ferramenta para a leitura existente e da situação sociocultural vigente na localidade".

Ainda de acordo com a ideia da autora, os roteiros “tornaram-se peças fundamentais na organização e na comercialização do turismo como produto” (Tavares, 2002, p. 15), ou seja, transformam-se em produtos a serem comercializados aos turistas. Assim sendo, tende a aumentar o tempo de permanência do turista no local, gerando assim um maior consumo no destino turístico.

Essa definição está em concordância com o que é apresentado no Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil, que destaca a roteirização turística como uma diretriz operacional, que visa “a criação de novos produtos turísticos com qualidade e, a ampliação, a diversificação e a qualificação dos já existentes, contribuindo para o objetivo do programa de regionalizar a oferta turística” (Brasil, 2008, p. 35).

Dessa forma, ao considerar as diretrizes do Programa de Regionalização do Turismo, compreende-se que o roteiro turístico constitui um produto que requer planejamento e execução articulados, fundamentados em princípios de qualidade e sustentabilidade. Esse processo envolve a integração entre infraestrutura, qualificação profissional, promoção e posicionamento de mercado, assegurando experiências turísticas de excelência.

Além disso, o planejamento de roteiros favorece a ampliação e a diversificação da oferta turística, contribuindo para a descentralização da atividade e o fortalecimento de territórios emergentes ou ainda pouco explorados pelo visitante. Desta feita, considerando então um roteiro enquanto um produto turístico, se faz necessário distinguir alguns termos utilizados em *sites* de informações turísticas e alguns canais de comunicação que utilizam a nomenclatura de rota e roteiro turístico como sinônimo. Torna-se relevante mencionar que esse equívoco, em muitos casos, é utilizado para a supervalorização de cunho publicitário, o que dificulta a compreensão das conceituações acadêmicas.

Nesta pesquisa se faz necessário contextualizar os conceitos de rota e roteiro, para que assim possa contribuir efetivamente na apropriação adequada da roteirização turística para o presente estudo e a sua aplicabilidade em Aracaju, mesmo porque o aprofundamento teórico sobre o tema pode subsidiar futuros estudos ou iniciativas voltadas à inclusão do bairro

Industrial em uma rota turística, ampliando as possibilidades de valorização territorial e de fortalecimento da atividade turística na região.

Assim sendo, o Ministério do Turismo define rota como “um percurso continuado e delimitado cuja identidade é reforçada ou atribuída pela utilização turística” (Brasil, 2007, p.28). A vista disso, pode-se citar como exemplo, a rota das emoções, um percurso no nordeste brasileiro, que conecta destinos como Jericoacoara, no estado do Ceará; os Lençóis Maranhenses, no Maranhão e, o Delta do Parnaíba, no estado do Piauí.

Assim, torna-se possível perceber que uma rota turística conecta diferentes destinos, desde que possuam uma identidade que os una. Desta forma, é nesse panorama que o Ministério do Turismo afirma que “a rota é um itinerário com contexto na história, ou seja, o turismo se utiliza da história como atrativo para fins de promoção e comercialização turística” (Brasil, 2007a, p. 29).

A partir do conceito apresentado, pode-se afirmar que a rota é um percurso contínuo que interliga diversos pontos de interesse, seja relacionado à história, meio ambiente ou cultura, podendo considerar não apenas um, mas também outros destinos turísticos. Santos, Santos e Campos (2012, p. 7) afirmam também que “[...] a rota apresenta ordem sequenciada de visita nos atrativos e, por conseguinte, ponto inicial e ponto final do percurso. No entanto, é importante ressaltar que uma rota pode conter vários roteiros e perpassar por várias regiões turísticas”.

Desta feita, considerando então o entendimento dos autores já citados até aqui, percebe-se que a principal diferença entre as nomenclaturas de rota e roteiro, se dá a partir da estrutura oferecida em cada uma delas, ou seja, enquanto um roteiro turístico é um composto por diferentes atrativos turísticos e equipamentos que podem ser visitados de forma aleatória; por outro lado, a rota turística tende a ter uma estrutura mais linear, ao conectar outros destinos turísticos a partir das características que possuam em comum, mas que também pode ser desenvolvido dentro de uma mesma região, criando uma conexão entre diversos atrativos turísticos, a fim de destacar as suas particularidades.

Assim, partindo desse pressuposto e considerando o objeto deste estudo, o bairro Industrial, ao reconhecê-lo como um potencial destino turístico, evidencia-se a possibilidade de criação de um roteiro turístico comunitário-criativo. Tal iniciativa busca valorizar as

especificidades locais e fortalecer a identidade territorial associada ao manguezal, elemento natural que constitui um dos principais símbolos culturais e ambientais da região da Grande Aracaju. A partir dessa perspectiva, o roteiro proposto contribui para promover experiências autênticas, integrando o visitante à dinâmica comunitária e ao patrimônio natural do bairro.

### **3.2 Roteiros como estratégia de diversificação turística local**

A elaboração e operacionalização de um roteiro turístico constituem-se como ferramentas estratégicas para a diversificação da oferta turística local, sobretudo em destinos que concentram fluxos em atrativos específicos. Em Aracaju, historicamente observa-se que o turismo tem se consolidado em áreas convencionais, como a Orla de Atalaia, principal cartão-postal da cidade, com sua rede de bares, restaurantes, equipamentos de lazer e infraestrutura litorânea no litoral sul.

Tais espaços, embora fundamentais para a economia turística, acabam por centralizar a experiência do visitante em um recorte relativamente restrito do município, limitando, em certa medida, o potencial de valorização de outros territórios. A proposição de um roteiro que contemple áreas ainda pouco exploradas da capital sergipana configura-se como uma oportunidade estratégica para ampliar e diversificar a oferta turística local.

Nessa direção, o Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil ressalta que o processo de diversificação “significa tornar diverso, diferente, variado, fazer variar. A roteirização é fundamental para atingir esse objetivo, por meio da oferta e da aceitação de produtos diferenciados nos mercados nacional e internacional” (Brasil, 2007a, p. 16).

Entretanto, essa concepção não deve estar ancorada apenas na perspectiva mercadológica, ou seja, voltada apenas para a competitividade e inovação da oferta turística, tendo em vista que se deve pensar em abordagens que promovam a inclusão social, valorização da cultura e empoderamento comunitário. Desta forma torna-se possível pensar em uma roteirização que não seja apenas um reposicionamento de produtos e destinos.

Partindo-se desse princípio, a elaboração de novos roteiros turísticos poderá atuar no processo de diversificação do turismo de Aracaju, uma vez que o destino ofertará produtos distintos, não sobrecarregando um único segmento como o sol e praia ou cultural através do *City Tour*. Vale ressaltar que para a compreensão da diversificação turística na cidade é

necessário um documento norteador, como um Plano Municipal de Turismo ou mesmo um inventário atualizado dos atrativos, equipamentos e serviços turísticos. A ausência destes instrumentos estruturantes representa um desafio para o planejamento integrado e sustentável da atividade turística na capital.

Essa lacuna dificulta a identificação de potencialidades e fragilidades, além de comprometer a definição de diretrizes em médio e longo prazo. Ainda assim, é necessário reconhecer os avanços recentes promovidos pela Secretaria de Turismo de Aracaju (SETUR), como a iniciativa de roteiros integrados entre Aracaju, Barra dos Coqueiros e Nossa Senhora do Socorro, municípios integrantes da Região Metropolitana de Aracaju e a sinalização da elaboração do Plano Municipal de Turismo de Aracaju. Tais iniciativas favorecerão o planejamento estratégico, o que possibilitará a análise do espaço, da circulação de visitantes e da distribuição mais equilibrada dos fluxos, evitando a saturação de determinados espaços. Boullón (2002) afirma que a organização espacial do turismo demanda a criação de produtos integrados.

Nessa proposta, o Bairro Industrial apresenta-se como uma das áreas em destaque, inserindo-se no contexto regional de forma estratégica, o que demonstra sensibilidade da gestão pública para com territórios que historicamente não foram contemplados pelas políticas de promoção turística. Essa realidade fica evidente a partir do roteiro integrado supracitado proposto pela gestão municipal, em que o bairro seria apenas ponto de embarque e desembarque em roteiros de turismo náutico.

Portanto, pensar a elaboração de roteiros turísticos em Aracaju demanda uma dupla perspectiva: por um lado, problematizar a centralização da atividade em atrativos já consagrados e a carência de instrumentos de planejamento municipal; por outro, reconhecer e valorizar as iniciativas institucionais que apontam para uma maior integração regional e para a diversificação da oferta da cidade.

A partir desse equilíbrio, abre-se espaço para a necessidade de construção de um turismo mais democrático, inclusivo e inovador, capaz de posicionar o Bairro Industrial como um novo eixo de desenvolvimento turístico no município a partir do processo de roteirização turística, transcendendo a lógica mercadológica e passando a representar estratégias de desenvolvimento territorial valorizando identidades únicas e singulares, garantindo maior autenticidade na experiência turística.

### 3.3 Roteiros turísticos sob a ótica do turismo comunitário-criativo e a inovação social

A discussão sobre a roteirização turística, quando analisada a partir da perspectiva do turismo comunitário-criativo, permite compreender que os roteiros ultrapassam a simples função de organizar deslocamentos de visitantes. Nesse modelo, a ênfase recai sobre a participação ativa da comunidade na construção das experiências, promovendo processos de inclusão social, empoderamento e geração de renda.

O turismo comunitário-criativo, conforme evidenciado no capítulo I dessa pesquisa, parte da ideia de que o turista não busca apenas observar, mas vivenciar experiências autênticas, interagindo com os modos de vida, saberes, tradições e expressões culturais da comunidade anfitriã. Assim, o roteiro turístico deixa de ser apenas um itinerário preestabelecido e passa a configurar-se como uma ferramenta de cocriação, onde moradores e visitantes compartilham valores, histórias e práticas cotidianas (Richard, 2006).

Ao considerar a cocriação na perspectiva turística, autores como Payne *et al.* (2008) definem como um processo de interação e transações que ocorrem entre turistas e/ou visitantes e os prestadores de serviços turísticos do destino.

Atrelado a isso, a inovação social pode ser relacionada à criação de valor e mudança social. De acordo com Hulgard e Ferrarini (2010 *apud* Schmechel, 2017, p. 17)

[...] pois se apresenta de forma participativa e integrada. Isso faz com que as pessoas sejam envolvidas no processo de forma mais consciente dos seus espaços e reconhecendo sua importância como agentes na elaboração, implementação e prestação do serviço de bem-estar público.

Considerando essa perspectiva, a inovação social na elaboração de roteiros turísticos se configura não apenas como processo econômico ou técnico, mas principalmente como uma prática coletiva e participativa, bem como propõe o turismo comunitário-criativo como modelo de gestão em turismo. Essa perspectiva rompe com os modelos tradicionais, uma vez que reconhece a comunidade como agente ativa na elaboração e implementação de experiências turísticas.

Conforme apontam Canada e Bispo (2025, p.25) “o turismo comunitário urbano, que se baseia na vontade de transformar a percepção dos bairros populares, destacando seus aspectos culturais, históricos e produtivos”. Assim sendo, no caso do bairro Industrial, ao considerar essa

perspectiva, propõe-se que as artes visuais, o saber criativo das artesãs como também as histórias oralizadas pela comunidade tornem-se recursos turísticos importantes para a construção de um roteiro turístico comunitário-criativo.

Nessa perspectiva, a roteirização turística trata-se de uma iniciativa que vai além do valor de mercado. Irving (2015) salienta que a inclusão da comunidade nas atividades turísticas e no processo de roteirização não pode ser passiva, tendo em vista que as comunidades locais devem ser as principais protagonistas no processo, sendo, simultaneamente, atores e autores dos roteiros a serem construídos.

Deve-se levar em consideração que os roteiros turísticos sob a ótica do turismo comunitário-criativo e a inovação social em ambientes urbanos demandam atenção em alguns elementos tais como: a gestão participativa entre os órgãos públicos, os *stakeholders* e a comunidade anfitriã. Outrossim, deve-se pensar na capacidade de desenvolvimento local, relacionada à infraestrutura turística e, por fim, à qualidade da experiência turística proposta.

Assim, ao considerar esses elementos, a roteirização cumpre o papel de “não é apenas uma determinação de um itinerário. Trata-se de uma política pública com o objetivo de proporcionar, nos próprios termos do texto, ‘desenvolvimento socioeconômico’” (Brasil, 2007a, p. 13).

A vista disso, ao considerar novos modelos no processo de roteirização turística pautado na inovação social em áreas urbanas, deve-se levar em consideração a visão de Mtapuri e Giampiccoli (2020) que explicitam a importância de adaptar o turismo comunitário às dinâmicas e especificidades das cidades. Embora reconheçam que os contextos urbanos enfrentam seus próprios desafios, como maior complexidade na governança e na coesão social, os autores destacam também vantagens significativas, como: a) a proximidade com mercados turísticos; b) a disponibilidade de infraestruturas essenciais (aeroportos, meios de hospedagem, agências de turismo); e c) a presença de redes sociais mais amplas e diversificadas. Tais condições favorecem novas oportunidades, bem como a criação de iniciativas colaborativas e sustentáveis, capazes de fortalecer a identidade local.

Em síntese, a roteirização turística orientada pelo turismo comunitário-criativo e pela inovação social oferece um quadro promissor para diversificar a oferta turística local, fortalecer identidades e gerar desenvolvimento territorial.

## CAPÍTULO 4

### CARACTERIZAÇÃO DO TURISMO EM ARACAJU E O “NOVO MANGUE” EM QUESTÃO

Nesse capítulo será contextualizado o processo de formação da cidade de Aracaju e do bairro Industrial, objeto de estudo dessa pesquisa. No entanto, antes de abordar as potencialidades turísticas do referido bairro, será necessário entender alguns processos históricos e culturais da cidade de Aracaju, bem como processos ambientais da degradação do ecossistema de manguezal.

#### 4.1 Processo de formação de Aracaju - “do velho ao novo mangue”

A cidade de Aracaju, capital do estado de Sergipe, tem seu nome derivado do topônimo tupi e tem por significado “Cajueiro dos Papagaios”. De acordo com Campos (2017, p. 56) “A cidade de Aracaju apresenta em sua trajetória urbana conteúdos específicos de uma morfologia social e espacial única. Promovida oficialmente a cidade e capital da Província de Sergipe del Rey em 17 de março de 1855 através de Decreto-Lei”.

Esse marco histórico ocorreu quando o então presidente da província de Sergipe, Del Rey, o senhor Inacio Joaquim Barbosa, decidiu transferir a capital de São Cristóvão para a cidade de Aracaju. Esta mudança foi impulsionada em razão do intenso processo de lutas políticas e principalmente atender às necessidades econômicas e geográficas de estabelecer um porto para a exportação da produção agrícola (Campos, 2017).

A criação de Aracaju como capital estava associada à ideia de progresso quanto às demandas econômicas da época. Nesse sentido, Santos e Vargas (2007, p. 2) reforçam que “A ideia de progresso esteve, de certa maneira, estreitamente ligada ao projeto de civilização. O pensamento que prevaleceu foi o de que o desenvolvimento conduziria ao progresso, e que progresso era o que todos almejavam para permanecerem civilizados”. Assim, a ideia de progresso estava associada ao crescimento, sobretudo no âmbito econômico e das transformações materiais.

Assim sendo, Aracaju foi idealizada a partir de um planejamento urbano, inspirada em um tabuleiro de xadrez através do projeto do Engenheiro Militar Sebastião Pirro. Entretanto, torna-se relevante ressaltar que já naquela época a ideia de progresso e crescimento afetava o principal ecossistema de regiões litorâneas, o Manguezal.

A vista disso, Machado (1989, p.73) afirma que “A cidade passa então a ocupar a planície pantanosa, promovendo uma aceleração de aterros de riachos e mangues, com materiais retirados basicamente das dunas desmontadas, e dos tabuleiros (barreiras) da redondeza”. A respeito disso, “o primeiro registro sobre os aterros do ecossistema manguezal remonta aos anos iniciais da nova capital, mais precisamente ao dia 31 de março de 1856” (Almeida; Ribeiro, 2009, p. 34). Os autores ainda complementam que os engenheiros iniciaram o processo de aterro do mangue devido a alguns motivos:

O manguezal na época era visto com um empecilho á navegação do então rio Cotinguiba, mais tarde rio Sergipe. Ou seja, havia a necessidade de acesso ao rio. O terceiro motivo corrobora o pensamento vigente da época, de que o manguezal estava associado á disseminação de febres, visto que o mesmo exalava miasmas que contagiavam as pessoas, por conta de suas águas “pudridas” e paradas. Todavia esse pensamento já estava disseminado mesmo antes da transferência da capital, em 1855 (Almeida; Ribeiro, 2009, p. 34).

A partir da citação acima, é percebido que o manguezal, apesar de ser um dos ecossistemas mais ricos em biodiversidade, nunca foi visto como prioridade, até porque o aterro do mangue não se deu por conta de questões relacionadas à insalubridade e sim pela busca de novos acessos para a expansão urbana da cidade de Aracaju.

Desta forma, “o mangue que é caracterizado pela troca de matéria orgânica entre a água doce e a salgada, o mangue representa um dos ecossistemas mais rico no mundo, considerado como o meio fundamental da cadeia alimentar marinha. Assim, os mangues são o símbolo da fertilidade, da diversidade e da riqueza” (Tesser, 2007, p. 74).

Apesar de tamanha importância, é percebido através dos autores citados anteriormente, que nos primeiros anos de urbanização de Aracaju, o manguezal foi desconsiderado como ecossistema fundamental.

Assim, trazer à tona esse recorte ambiental histórico, é uma forma de resgatar e valorizar a importância do mangue como ecossistema rico e diverso. Além disso, essa análise abre espaço para contextualizar historicamente o bairro Industrial, onde o manguezal é frequentemente encontrado. Segundo Almeida e Ribeiro (2009), o processo de urbanização do bairro Industrial teve origem em uma área de manguezal, refletindo a intervenção humana sobre o ecossistema natural.

A respeito disso, Almeida e Ribeiro (2009) observam que os grandes aterros realizados na primeira metade do século XX foram impulsionados pela busca por novos acessos e pelo

desenvolvimento urbano de Aracaju, especialmente no bairro Industrial. Essa perspectiva é corroborada com a mensagem enviada à Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe em 1920 pelo Coronel Pereira Lobo, na qual ele relatou a execução de grandes extensões de aterro para superar o difícil acesso causado por uma imensa lagoa de apicum localizada no bairro Industrial.

Ponto, grandemente frequentado, da maior comunicação com diferentes locais da cidade, a estação da estrada de ferro, até então, era um dos demais difícil acesso, principalmente em tempos invernosos, pela imensa lagoa que se formava nos terrenos de apicum, que separam a rua Japarutuba, do bairro Industrial” (Lobo, 1920, p. 79 *apud* Almeida; Ribeiro, 2009, p.14).

Esses relatos reforçam a ideia de que boa parte do ecossistema nativo do bairro Industrial - o manguezal -, passou pelo processo de intervenção humana e de reconfiguração para o espaço urbano e de integração para o centro de Aracaju. Desta feita, é notório que além da perspectiva do meio ambiente natural, o manguezal está entrelaçado com a cultura e a história do bairro Industrial.

#### **4.2 Caracterização do bairro Industrial - “o novo mangue”**

Cada lugar apresenta suas próprias características naturais e sociais, seu povo, seus costumes e memórias que resultam em uma ativa e dinâmica construção social. O bairro Industrial, por sua vez, é um exemplo desse processo contínuo de mudança social e ambiental.

O bairro Industrial está localizado na zona norte de Aracaju, próximo a atrativos turísticos já consolidados, a exemplo dos Mercados Municipais a sul e ao norte da Colina do Santo Antônio (Figura 3).

**Figura 3 - Aracaju – Localização do Bairro Industrial, 2025**



Fonte: IBGE, 2025  
Elaborado por Cristiane Alcântara, 2025.

O bairro Industrial apresenta uma paisagem diversificada, tendo em vista que está situado às margens do rio que dá nome ao estado - Sergipe -, e preserva algumas rugosidades paisagísticas históricas que remetem a uma época importante para a cidade de Aracaju. Segundo Graça (2005), o bairro recebe esse nome em 13 de janeiro de 1920, através da lei municipal de nº. 250, devido à grande concentração de indústrias localizadas na área.

No entanto, nos primeiros anos da capital, o bairro era conhecido pelo nome Maçaranduba, em alusão a sua paisagem natural, visto que naquela época, além de mangue, o local era constituído por sítios com plantações de árvores frutíferas, onde se destacava a maçaranduba, que apresenta o nome científico de *Pouteria Ramiflora*. De acordo com Cruz (2014), as pessoas menos abastadas que habitavam o centro da cidade, principalmente o

“Tabuleiro de Pirro”, foram levadas para os arredores da cidade, dando origem a bairros como o Industrial.

Nessa direção, para Graça (2005), o processo inicial de ocupação urbana do bairro se deu, sobretudo, por colônias de pescadores, atraídos pelo rio, que por suas características de estuário, permitiram a atividade de pesca. As habitações eram caracterizadas por sua rusticidade, estruturas simples e coberturas de palha.

Em meados do século XIX, o bairro passa por um novo processo de ocupação e passou a chamar-se Chica Chaves, segundo afirma o portal de notícias *f5 news*, em uma entrevista realizada com o geógrafo e roteirista Sergio Borges, que em 2015, lançou um documentário sobre o Bairro Industrial. De acordo com Borges (2015 *apud* Araújo, 2015), o nome Chica Chaves era em homenagem a uma moradora antiga do bairro que possuía muitos hectares de terras e distribuía para as pessoas pobres daquela região e “Tinha terras na beira do rio Sergipe, que antigamente era praia, aí chamava ‘Prainha da Chica Chaves’ no final do século 19. Aquela praia era frequentada pela burguesia, pelos donos de engenhos da cana de açúcar” (Borges, 2015 *apud* Araújo, 2015)<sup>7</sup>.

Com a chegada das Fábricas de Tecido Sergipe Industrial em 1884 e Confiança em 1907, tornou-se conhecido como bairro Industrial. Estas fábricas foram imprescindíveis para o desenvolvimento do bairro, bem como para a expansão ocupacional, tendo em vista que muitas pessoas passaram a viver no bairro em busca de empregos nas fábricas.

Conforme afirma Jesus (2021, p. 68)

A atividade industrial atraía parte da população do interior sergipano, que vinha para a capital fugindo da seca e da falta de oportunidades de trabalho. Os migrantes eram atraídos pela oportunidade de ter uma vida digna com emprego, moradia, alimentação, educação, atendimento médico, odontológico e lazer. As fábricas representavam a esperança de dias melhores.

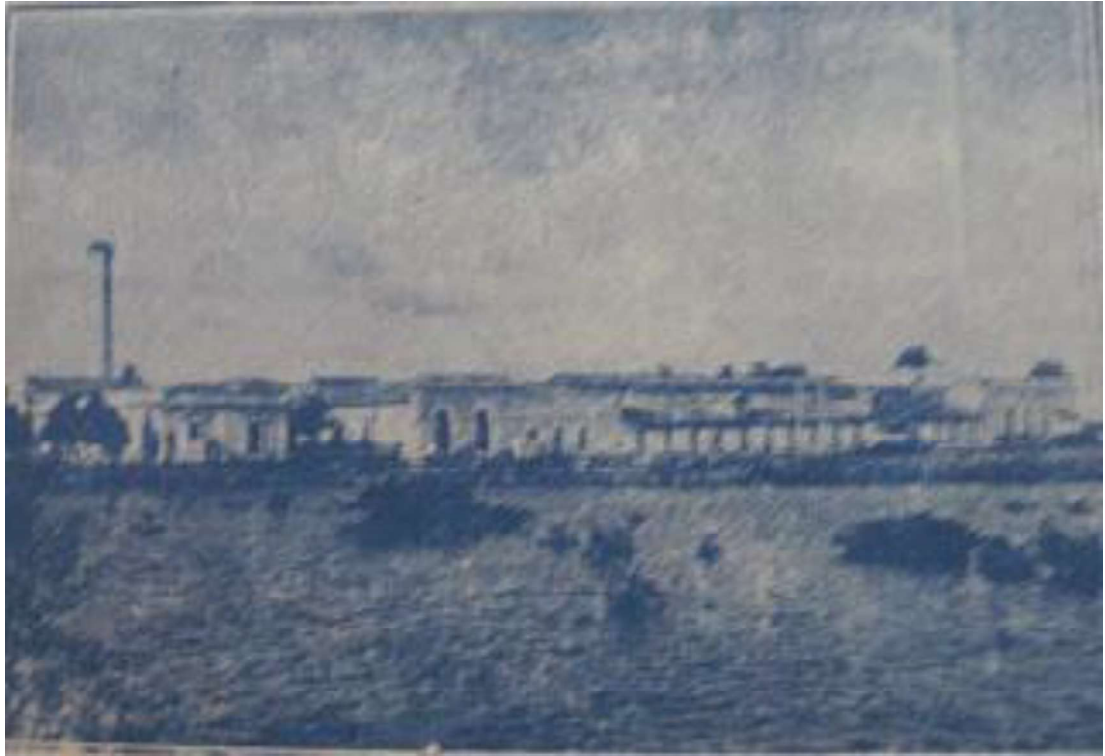
A vista disso, destaca-se a fábrica Sergipe Industrial (Figura 4), que em 1884 passa ser administrada por Thalez Ferraz que criou e manteve uma grande área de lazer para os operários

---

<sup>7</sup> Informação disponível em: ARAUJO, Fernanda. **Documentário Chica Chaves é lançado no centro cultural de Aracaju**. F5 News. Disponível em: [https://www.f5news.com.br/entretenimento/documentario-chica-chaves-e-lancado-no-centro-cultural-de-aracaju\\_19966/](https://www.f5news.com.br/entretenimento/documentario-chica-chaves-e-lancado-no-centro-cultural-de-aracaju_19966/). Acesso em: 01.10.24.

e suas famílias, denominado Parque Sergipe Industrial. De acordo com Oliveira Filho (2009), este parque possuía cinema e teatro, além de palco para apresentações musicais.

**Figura 4 - Fábrica Sergipe Industrial (1884)**



Fonte: Blog Aracaju Antiga, 2009.

Atualmente, o espaço que abrigava a fábrica Sergipe Industrial está ocupado com o Aracaju Parque Shopping, empreendimento inaugurado em 2019, mas que carrega vestígios importantes da fábrica de tecido (Foto 6).

**Foto 6 - Aracaju Parque Shopping (2019)**



Fonte: Aracaju Parque Shopping, 2025.

Nessa mesma direção de oportunidade de trabalho e mudança espacial, pode-se citar também a Fábrica Confiança, fundada em 18 de outubro de 1907 pelo Coronel Sabino José Ribeiro (Figura 5). Trata-se da segunda fábrica do Setor Têxtil em Aracaju e, um dos seus impactos foi a concessão de benefícios sociais aos operários e familiares como: casas - Vila Operária- (Figura 6), assistência médica (Policlínica Operária Sabino Ribeiro), creches e uma Associação Desportiva (Oliveira Filho, 2009).

**Figura 5: Vila Operária-Fábrica Confiança (1938)**



Fonte: Blog Aracaju Antiga, 2009.

**Foto 7:** Antiga Vila Operária – Av. General Calazans



Fonte: Larissa Bomfim, 2024.

Percebe-se que a memória é essencial para compreender aspectos da trajetória cultural e histórica do bairro Industrial. Ao resgatar esse contexto histórico, torna-se possível compreender a identidade dos moradores do bairro, que como visto, passou por enorme processo de mudança e ocupação, que se reflete até hoje.

Desta forma, com o passar dos anos, a história segue seu curso e, na década de 1970, houve um decréscimo nas atividades industriais do bairro, conforme afirma Araujo (2011, p. 118)

A barra do Rio Sergipe era muito rasa, o que dificultava a entrada de matérias primas e o escoamento da produção pelo porto estuarino. Estas dificuldades impulsionaram a saída das indústrias do bairro Industrial para uma área mais próxima às rodovias. Sucessivamente a isso, ocorreu a implantação do Distrito Industrial de Aracaju (D.I.A.), no bairro Inácio Barbosa, em 1974.

Sendo assim, na década de 1970, encerram-se as fábricas de tecido no bairro Industrial, dando início a um novo processo de urbanização que reverbera até os dias atuais. No que diz respeito a atividade industrial do bairro na atualidade, pode-se citar a fábrica de alimentos Moinhos de Trigo Indígena S/A – Motrisa, também conhecida como Sarandi. No entanto, destaca-se também a Celi que se trata de uma empresa de construção civil com sua sede no bairro Industrial (Fotos 8 e 9).

**Foto 8** - Fachada da empresa Sarandi



Fonte: Larissa Bomfim, 2024.

**Foto 9** - Fachada da empresa Celi



Fonte: Larissa Bomfim, 2024.

Com o fim das atividades industriais no bairro, inicia-se um novo processo de ocupação, dessa vez voltada a uma infraestrutura de lazer e do turismo. Nesse sentido, destaca-se a inauguração do Parque José Rollemberg Leite, conhecido popularmente como Parque da

Cidade, no ano de 1979. Este parque está localizado no Morro do Urubu e conta com uma área de 750 mil metros quadrados (Foto 10).

**Foto 10** - Parque José Rollemberg Leite “Parque da Cidade”



Fonte: Larissa Bomfim (2024)

Importante ressaltar que este parque abrigava uma grande reminiscência de Mata Atlântica presente na cidade de Aracaju (Araujo; Freitas; Braghini, 2011). Assim, nos primeiros anos de funcionamento o parque contava com a fauna e flora que restava desse bioma (Foto 11) e com uma grande quantidade de atrativos voltados para o lazer, com destaque para o zoológico, áreas esportivas e restaurantes. Atualmente, o parque conta com o teleférico de Aracaju, um importante atrativo turístico de Aracaju, operado por uma empresa privada, que realiza o passeio pelas partes altas do parque e dá acesso ao mirante superior, onde é possível visualizar o monumento em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade de Aracaju.

Vale destacar que o monumento da Santa Nossa Senhora da Conceição mantém-se como ponto de contemplação e símbolo identitário do Parque da Cidade. Observa-se, contudo, a necessidade de revitalização estética sobretudo pintura e pequenos reparos, para preservar a integridade do espaço e a qualidade da experiência turística. Nas imediações do monumento, nota-se também a presença de pequenos ambulantes, cuja movimentação contribui para o dinamismo local e a oferta de produtos ao visitante, além disso, a presença da base da Polícia

Militar reforça a proteção do espaço, dessa forma a combinação entre infraestrutura turística, gestão compartilhada público e privada favorece a atratividade e a sustentabilidade do parque.

O empreendimento privado que operacionaliza o teleférico tem adotado medidas de gestão voltada a segurança e manutenção do percurso para a trilha de acesso ao monumento supracitado e ao mirante, tais como: câmeras de segurança em pontos estratégicos, disponibilização de lixeiras ao longo do trajeto e presença de segurança privada em dias de fluxo, que segundo relatos dos mesmos através do site oficiais e dos perfis nas redes sociais, visam reduzir os riscos e ampliar a sensação de segurança aos visitantes (Teleférico, 2025).

**Foto 11** – Trilha aberta na vegetação nativa do Parque da Cidade

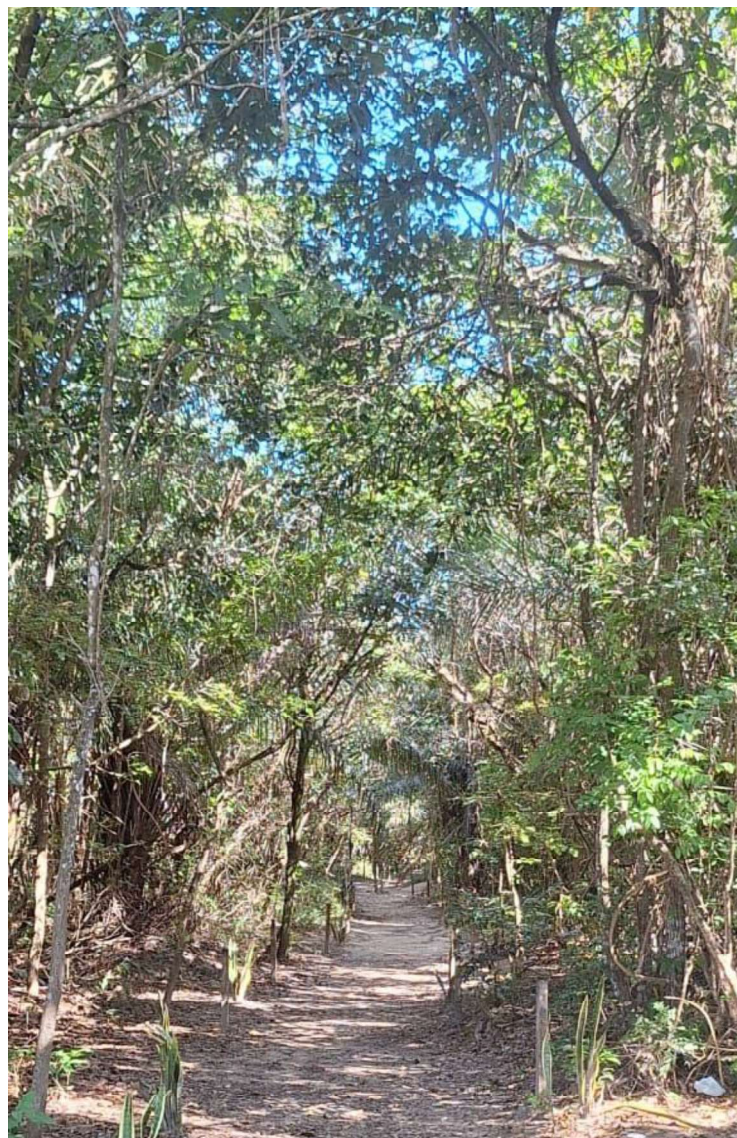


Foto: Cristiane Alcântara, 2025

Outro marco significativo foi a implementação da Orlinha do bairro Industrial no ano de 2003. De acordo com Araujo (2011, p. 249) “O intuito governamental era o de sanar o processo de decadência e degradação urbana e econômica ocasionada pelo êxodo das atividades industriais e atrair novos investimentos ao bairro”. Atualmente, a orlinha se configura como um dos cartões postais de Aracaju, uma vez que está localizada às margens do rio Sergipe, o que contribui para que se possa observar a integração entre a natureza e o espaço urbano (Foto 12).

**Foto 12 - Orla do Bairro Industrial**



Fonte: Solutudo, 2018.

Na orla do bairro Industrial também está instalado o Centro de Artesanato Chica Chaves (Foto 13), um espaço que contempla 10 box de artesanato que são utilizados para comercialização de *souvenirs*, rendas e bordados.

**Foto 13** - Centro de Artesanato Chica Chaves



Fonte: Larissa Bomfim, 2024.

Atualmente, a “Marinete do Forró” (Fotos 14 e 15) foi revitalizada na nova gestão municipal de Aracaju e retomada em um novo formato, resultado da parceria entre a empresa de transporte Viação Progresso, o Clube do Antigo do Farol (CAF), a Fecomércio/SE e a Secretaria Municipal do Turismo de Aracaju (SETUR). A Viação Progresso, responsável pela operação do projeto desde o seu surgimento em 2001 (Aracaju, 2010), cedeu o veículo histórico símbolo das festividades juninas da capital ao Clube do Antigo do Farol em 2025, para fins de restauração e adaptação (F5 News, 2025).

Com a formalização do termo de fomento entre as instituições parceiras, a iniciativa passou a integrar de maneira estruturada a agenda turística do ciclo junino, oferecendo passeios todas as sextas-feiras dos meses de junho e julho de 2025, sob o nome “Forrozeando por Aju”. A programação incluiu apresentações culturais, com trios de forró e dançarinos, além de visitas guiadas aos principais atrativos da cidade. Entre os pontos de parada para a visita, destacam-se a Orla do Bairro Industrial e o Centro de Artesanato Chica Chaves, que registraram significativo aumento no fluxo de visitantes e na movimentação econômica local.

**Foto 14:** Marinete do Forró



Fonte: Larissa Bomfim, 2024.

**Foto 15:** Marinete do Forró sob nova gestão



Fonte: Ascom/Setur, 2025.

Outra obra de grande impacto para a região foi à construção da ponte Construtor João Alves, inaugurada em 2006, com a intenção de fazer a ligação entre o município de Barra dos Coqueiros e Aracaju (Foto 16). Vale ressaltar que a construção da ponte, além de agregar a paisagem da orla do bairro Industrial, possibilitou diversas formas de ocupação e de manifestação cultural, principalmente a cultura periférica, que se encontra nos espaços localizados embaixo da ponte.

**Foto 16** - Ponte Construtor João Alves vista do alto do Morro do Urubu



Foto: Cristiane Alcântara, 2025

A realização de festas populares também se destaca no bairro, a exemplo da festa de Bom Jesus dos Navegantes, que acontece todos os anos no dia 1º de janeiro, que apresenta grande repercussão entre os moradores. Além disso, a tradicional “Segundona do turista”, evento que acontece às segundas-feiras na rua de São João - rua centenária que resgata as tradições juninas e autêntico forró-raiz- ocorre de forma quinzenal de maio a dezembro.

Ainda no segmento de eventos destaca-se o espaço conhecido como o “Castelinho”, imóvel do início do século XX construído em estilo eclético que foi inteiramente restaurado e atualmente funciona através de aluguel para realização de shows e eventos. Recentemente, o espaço sediou a mostra de arquitetura, *design* de interiores e paisagismo da Casa Cor Sergipe (Foto 17).

**Foto 17 - Espaço Castelinho**



Fonte: Larissa Bomfim, 2024.

Diante do exposto, pode-se perceber que o bairro Industrial oferece uma combinação de patrimônio histórico, atrativos naturais e vivência cultural, de trabalhadores, pescadores, marisqueiras e artesãs fazendo dele um destino que pode atrair diferentes perfis de visitantes. No entanto, apesar desses elementos que tornam o bairro Industrial uma matéria-prima para o turismo, não existem roteiros turísticos que contemplem o bairro.

Essa lacuna reforça a necessidade de uma proposta inovadora para o turismo, que possa não somente diversificar a oferta turística de Aracaju, como também valorizar os aspectos culturais e naturais do bairro Industrial através de um roteiro turístico comunitário-criativo. Essa proposta possibilitará a criação de novas experiências turísticas.

Na tentativa de alcançar esse modelo de turismo no território do bairro Industrial, a próxima seção irá se debruçar no olhar da comunidade acerca do espaço e das potencialidades do bairro.

### **4.3 O “Novo Mangue” sob o olhar da comunidade**

Com a finalidade de dialogar com a comunidade e compreender suas percepções sobre o bairro Industrial, foram realizadas as oficinas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) conforme descrito no capítulo 2. Essa metodologia permitiu coletar informações de forma colaborativa, estimulando a participação ativa da comunidade e promovendo a escuta de seus saberes, fazeres, suas necessidades e expectativas com relação ao bairro. Dessa forma, as oficinas constituíram-se como um instrumento fundamental para o mapeamento das potencialidades locais, identificação de desafios e construção coletiva para o roteiro “Arrudiando o novo mangue” aliado aos princípios do turismo comunitário-criativo.

Para Morin (2005), o ser humano não pode ser compreendido de maneira fragmentada, mas sim a partir da complexidade que integra dimensões racionais, simbólicas, afetivas e imaginárias. Assim, as oficinas não se limitaram a identificar recursos turísticos a partir potenciais retornos econômicos, para além disso ficou perceptível o quanto os participantes puderam revelar os seus modos de ver o bairro e de se perceber enquanto comunidade, permitindo se posicionar a partir das possibilidades de desenvolvimento turístico.

#### **4.3.1 Oficina 1- Introdução ao turismo como “Pedagogia de Resistência”**

Utilizando como referência as iniciativas de turismo comunitário urbano de Bispo e Canada (2025, p. 08) entendendo que “o turismo também se tornou parte de uma disputa entre interesses conflitantes”, os autores revelam que, em territórios periféricos, o turismo pode tanto atender aos interesses do capital, buscando atrativos singulares, quanto servir como ferramenta para empoderamento comunitário “para fortalecer a economia popular, se organizar coletivamente e fazer frente a múltiplas violências” (Bispo; Canada, 2025, p. 08).

Assim, ao considerar essa análise, a primeira oficina teve por objetivo refletir e sensibilizar a comunidade de como o turismo pode fortalecer as identidades locais, possibilitar renda extra e preservar saberes e fazeres locais, a partir do princípio da sustentabilidade. Partindo-se desse princípio, o turismo foi contextualizado como uma pedagogia de resistência. Diante disso, para a coleta de dados, o instrumento utilizado para a realização dessa oficina se deu por meio de desenhos representativos, em que a comunidade sinalizava lugares significativos, seja na paisagem natural e/ou cultural como potenciais turísticos.

A partir da elaboração desses desenhos foi possível contextualizar sobre o turismo e seus impactos positivos e negativos. Além disso foi realizada uma abordagem de como o

turismo pode ser um instrumento de resistência para se manter na comunidade. No final foi realizada uma roda de conversa e compartilhamento desses desenhos.

Nesse processo, a condução das oficinas e análise dos desenhos se deu a partir das representações sociais, pois de acordo com Garcia (2015, p. 4) “O espaço social se constitui de afetos, simbolismos e signos que não são apreendidos pela realidade objetiva, mas são realidades que permeiam o cotidiano”.

Portanto, considerando isto, os desenhos, os relatos através da escrita ou de histórias orais demonstraram o afeto e o pertencimento da comunidade com o bairro e foram coletados relacionado - os com três dimensões centrais, sendo elas:

- **Memória:** Foi possível perceber como a memória tem um caráter primordial para a construção de um roteiro turístico comunitário-criativo, uma vez que está presente e aguçada na comunidade. Uma das participantes relatou o que muito ouvia de sua mãe ao lembrar quando ela dizia que “O bairro Industrial era o coração de Aracaju”. Já outra participante escreveu com emoção a lembrança de quando ouvia “A fábrica confiança, que eu acordava ouvindo o apito às 05:00 e às 06:00 da manhã levantava, para ir à escola, era o meu despertador”. Outra participante relatou que “A Rua de São João, quando ainda era um tablado de madeira, com ruas sem pavimentação, sujando os pés na lama, mas que ainda assim fazíamos questão de ir prestigiar as quadrilhas”. Esses relatos demonstram como a memória do bairro se faz presente no cotidiano da comunidade. Dentro desse contexto é válido ressaltar que “a memória não pode ser enquadrada, emoldurada de acordo com os interesses próprios, pois é livre e atua em seus personagens de forma bastante livre sem interferências” (Batista, 2005, p. 4). Assim, a dimensão do resgate da memória foi de suma importância para compreender o olhar singular de cada participante em relação aos potenciais turísticos do bairro Industrial, ao passo que também refletia a projeção coletiva da comunidade. Esse exercício permitiu compreender o território não como objeto de estudo isolado, mas como um conjunto de relações e significados que se entrelaçam.
- **Identidade:** A dimensão da identidade se manifesta nos desenhos indicando a valorização do bairro como espaço singular e único para Aracaju, contrapondo-se aos estigmas atribuídos por uma parcela da sociedade aracajuana, que ainda

considera o bairro com um estigma negativo e por vezes marginalizado. Essa imagem não condiz com olhar da comunidade, uma vez que a partir dos desenhos ficou perceptível a identidade comum ao bairro vinculada a forte influência da natureza manifestada a partir da repetição de elementos como o rio, o Morro do Urubu e o mangue (Foto 18). Já no contexto cultural destacam-se: o artesanato, a cultura ribeirinha, a rua de São João, o espaço imbuçã e as fábricas de tecido. A identidade se evidencia na afirmação explícita do “nós” coletivo, uma vez que esses elementos foram repetidos com frequência configurando a ferramenta utilizada na oficina de DRP como um manifesto visual de pertencimento.

**Foto 18** – Elementos do bairro Industrial retratos pela comunidade



Fonte: Oficinas turismo como pedagogia de resistência, 2025

Foto: Larissa Bomfim, 2025

- **Afeto:** Destaca-se essa dimensão em razão do que ficou percebido durante as oficinas, uma vez que, de forma unanime, percebeu-se entre os participantes a relação de afeto com o bairro. Importante ressaltar que os desenhos expressaram cuidado com o território, evidenciando vínculos emocionais que fortalecem o sentimento de que o bairro é mais do que um local físico, pois trata-se de um lugar que se manifesta através do sentimento de lar, memória e afetividade. Os

traços revelam vínculos emocionais com o lugar, traduzidos em orgulho e cuidado com o espaço vivido. Há uma valorização do cotidiano simples, mas significativo, que reforça a ligação afetiva entre os moradores e o bairro (Foto 19).

**Foto 19** – Resultados das oficinas turismo como pedagogia de resistência



Fonte: Oficinas turismo como pedagogia de resistência, 2025

Foto: Larissa Bomfim, 2025

Assim, as produções gráficas por meio de desenhos nas oficinas de DRP transcenderam a função ilustrativa, tornando-se instrumentos de leitura do território e de construção coletiva de sentidos. Elas revelaram como os moradores concebem sua própria história, reafirmam sua identidade, expressam afetos e projetam um futuro desejado, em que o turismo se apresenta como estratégia de visibilidade, resistência e valorização cultural e, sobretudo, como uma pedagogia de resistência.

Por fim, foi possível identificar as potencialidades e os atrativos turísticos do bairro a partir do olhar da comunidade. Dentre as potencialidades culturais destacam-se: Campo do Confiança (Estádio Sabino Ribeiro), Igreja São João Batista, as chaminés das antigas fábricas de tecido, o Centro de Artesanato Chica Chaves, os vestígios da Vila Operária, a rua de São João, o espaço Imbuça e a quadrilha Junina Século XX.

Já com relação os atrativos turísticos naturais, destacam-se: o Rio Sergipe; o parque da cidade; o mirante do Morro do Urubu; a prainha do Bairro Industrial e o manguezal. No entanto, um elemento da paisagem muito identificado nas oficinas são os barcos artesanais localizados as margens do rio Sergipe.

#### 4.3.2 Oficina 2- Turismo Comunitário- Criativo e Articulação Comunitária

A segunda ferramenta metodológica aplicada nas oficinas de Diagnóstico Rápido Participativo teve como objetivo despertar o potencial da comunidade, reconhecendo os saberes e fazeres locais como base para a construção de experiências turísticas. Para tanto, utilizou-se a técnica “O que essa mão já fez e o que é capaz de fazer”, inspirada na metodologia de Verdejo (2010). Essa proposta buscou resgatar a história de vida dos participantes, valorizando suas trajetórias individuais e coletivas, ao mesmo tempo em que contribuiu para a autoestima e o autoconhecimento. A atividade foi intitulada “Mãos que criam, histórias que inspiram” e teve como objetivo identificar habilidades, talentos e práticas culturais da comunidade, reconhecendo também os sabores locais como ativos relevantes para o turismo. A técnica favoreceu a valorização das competências individuais e coletivas, ao promover uma construção simbólica compartilhada.

Como resultado, foi elaborado um painel coletivo reunindo as representações das mãos e dos desenhos produzidos, que materializaram o potencial criativo da comunidade (Foto 20).

**Foto 20 - Mãos que tudo fazem**



Fonte: Oficinas Mãos que criam, histórias que inspiram, 2025

Foto: Larissa Bomfim, 2025

Além disso, a dinâmica permitiu mapear possíveis experiências turísticas a partir de processos de cocriação e inovação, reafirmando a articulação comunitária como elemento essencial para o desenvolvimento do turismo comunitário-criativo (Fotos 21 e 22).

**Foto 21** - Mãos que tudo fazem



**Foto 22** - Mãos que tudo fazem



Fonte: Oficinas Mãos que criam, histórias que inspiram, 2025  
Fotos: Larissa Bomfim, 2025

No contexto da comunidade ribeirinha da Prainha, no Bairro Industrial, emergiram habilidades relacionadas ao modo de vida tradicional, como o trabalho das marisqueiras, a confeitaria artesanal, o bordado, a culinária caseira e a construção de barcos. Também se destacaram lideranças comunitárias e moradores que exercem papéis de cuidado com o território. Essas práticas, quando vistas sob a perspectiva do turismo comunitário-criativo, revelam um patrimônio vivo que pode ser transformado em experiências significativas para visitantes, ao mesmo tempo em que reforçam a identidade cultural local.

O reconhecimento desses saberes possibilita pensar em roteiros que incluam vivências diretas, como oficinas de vivências ribeirinhas, degustações de pratos típicos e demonstrações de técnicas de construção naval artesanal.

Já no Complexo Dona Finha, localizado embaixo da ponte Aracaju-Barra, foram identificados talentos ligados às expressões artísticas e culturais urbanas, como a poesia, a escrita, a pintura, o *rap* e a comunicação social. Essas manifestações expressam formas de resistência cultural e de criação estética que podem se integrar às práticas de turismo criativo.

A presença desses artistas amplia as possibilidades de experiências imersivas, que podem incluir saraus, batalhas de rima, oficinas de pintura ao ar livre e circuitos culturais.

Nesse sentido, a valorização das artes de rua, quando articulada a um processo de cocriação, reforça o caráter inclusivo do turismo comunitário, incorporando diferentes linguagens artísticas à narrativa do território.

No Centro de Artesanato Chica Chaves, identificou-se uma ampla variedade de trabalhos manuais e expressões artesanais, como crochê, renda de filé, bordado, costura criativa, *amigurumi*<sup>8</sup>, pintura em tecido, bonecas de pano, artesanato com material reciclável, *biscuit*, fuxico, *vagonite*<sup>9</sup>, além da culinária. Essa diversidade produtiva demonstra a riqueza cultural e criativa da comunidade, permitindo estruturar experiências turísticas que vão além da venda de produtos, transformando o artesanato em processo pedagógico e vivencial.

A partir da identificação dessas atividades torna-se possível idealizar a realização de oficinas de bordado, aulas de crochê e demais práticas artesanais incorporadas ao roteiro comunitário-criativo, o que ultrapassará a lógica da simples comercialização de produtos e se transformará em experiências culturais imersivas. Essas vivências favorecem o intercâmbio entre visitantes e artesãs, possibilitando o compartilhamento de técnicas, histórias de vida e saberes tradicionais que compõem a memória coletiva do bairro.

Além de fortalecer a economia local por meio da valorização do trabalho artesanal, tais atividades ressignificam o fazer manual como patrimônio cultural vivo, reafirmando o artesanato enquanto ferramenta de inclusão social, empoderamento comunitário e reconhecimento identitário.

A realização dessa oficina nos três espaços - a comunidade ribeirinha da Prainha, o Complexo Dona Finha e o Centro de Artesanato Chica Chaves - evidenciou a riqueza de talentos, saberes e práticas que, quando articulados, formam a base para um roteiro turístico comunitário-criativo singular. Na Prainha, emergiram os ofícios tradicionais ligados ao rio e à pesca, que reafirmam a identidade ribeirinha e o vínculo com a natureza. No Complexo Dona

---

<sup>8</sup> O *amigurumi* é uma técnica de artesanato que combina crochê ou tricô para criar bonecos fofos e encantadores, como bichinhos, personagens e objetos variados. Originária do Japão, a palavra “*amigurumi*” vem da junção de “*ami*”, que significa malha ou tricô, e “*nuigurumi*”, que significa boneco de pelúcia. (Linhas Corrente, 2024).

<sup>9</sup> *Vagonite* é um estilo de bordado. Uma técnica simples, muito recomendada para iniciantes. Nesse tipo de costura, duas características são muito importantes, Avesso perfeito e Desenhos geométricos (Linhas Corrente, 2020).

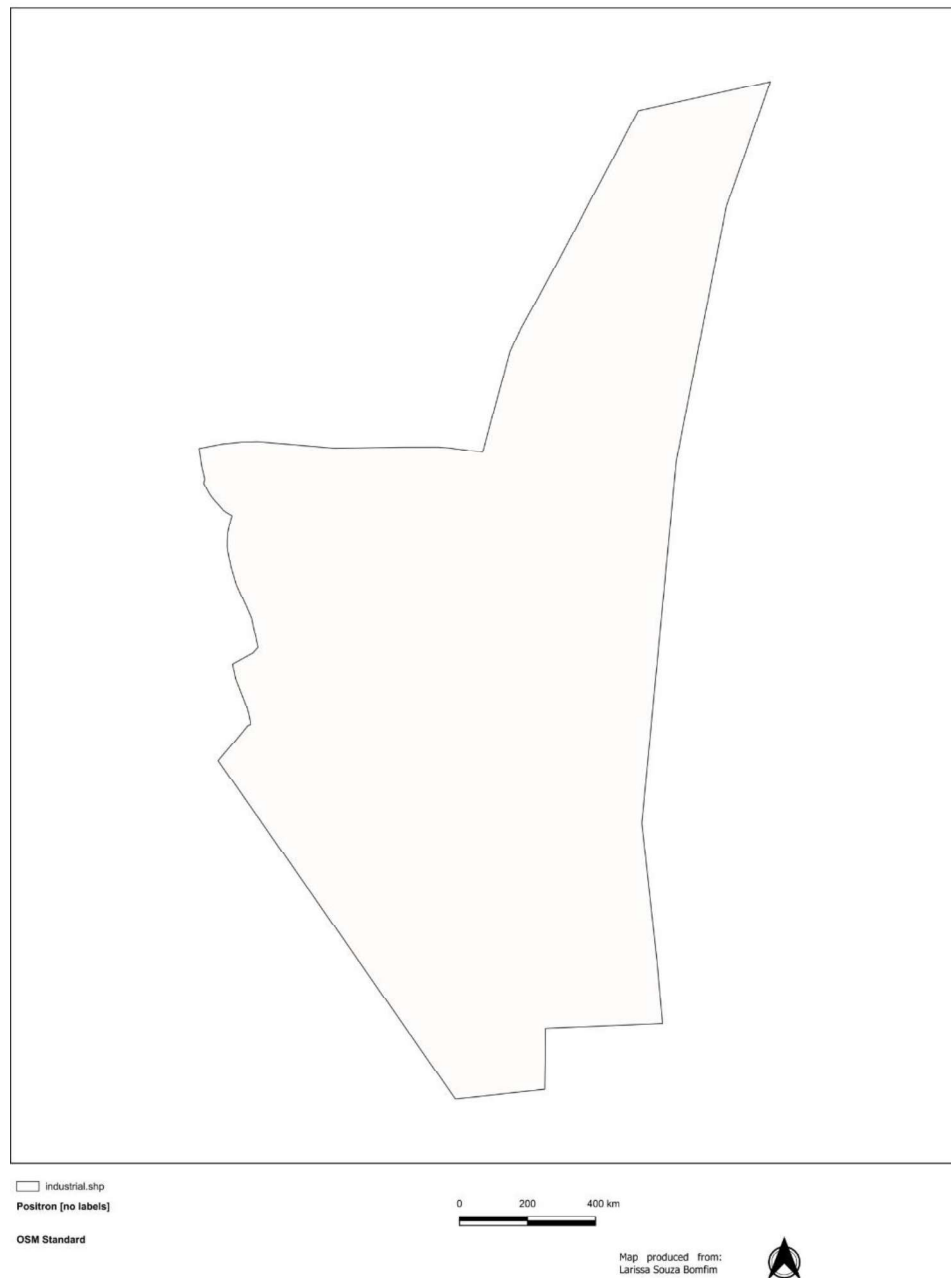
Finha, destacaram-se as expressões artísticas contemporâneas, como poesia, música, pintura e comunicação, que ampliam a narrativa do bairro a partir da voz da juventude e da resistência cultural. Já no Centro de Artesanato, sobressaiu a diversidade do fazer manual, em que o trabalho das artesãs transforma memórias e técnicas tradicionais em produtos criativos que expressam pertencimento e identidade local.

Assim, a integração desses três núcleos não apenas fortalece a autoestima da comunidade, mas também aponta caminhos para experiências turísticas autênticas, que unem tradição, arte e criatividade em um processo de cocriação capaz de valorizar o bairro Industrial como destino inovador no turismo comunitário.

#### **4.3.3 Oficina 3- Elaboração de um Roteiro Turístico Comunitário- Criativo**

A terceira e última oficina teve por objetivo construir de forma participativa uma sinalização de roteiro turístico que possibilitem experiências autênticas e imersivas com base nos potenciais turísticos e no potencial criativo da comunidade, considerando o princípio da cocriação dos visitantes com a comunidade.

Como instrumento de coleta de dados desta oficina foi utilizada a dinâmica do “Mapa da situação atual” e do “Mapa da situação futura”. Nessa atividade, cada participante recebeu uma folha com a ilustração do mapa do Bairro Industrial (Figura 6).

**Figura 6 – Mapa base do Bairro Industrial**

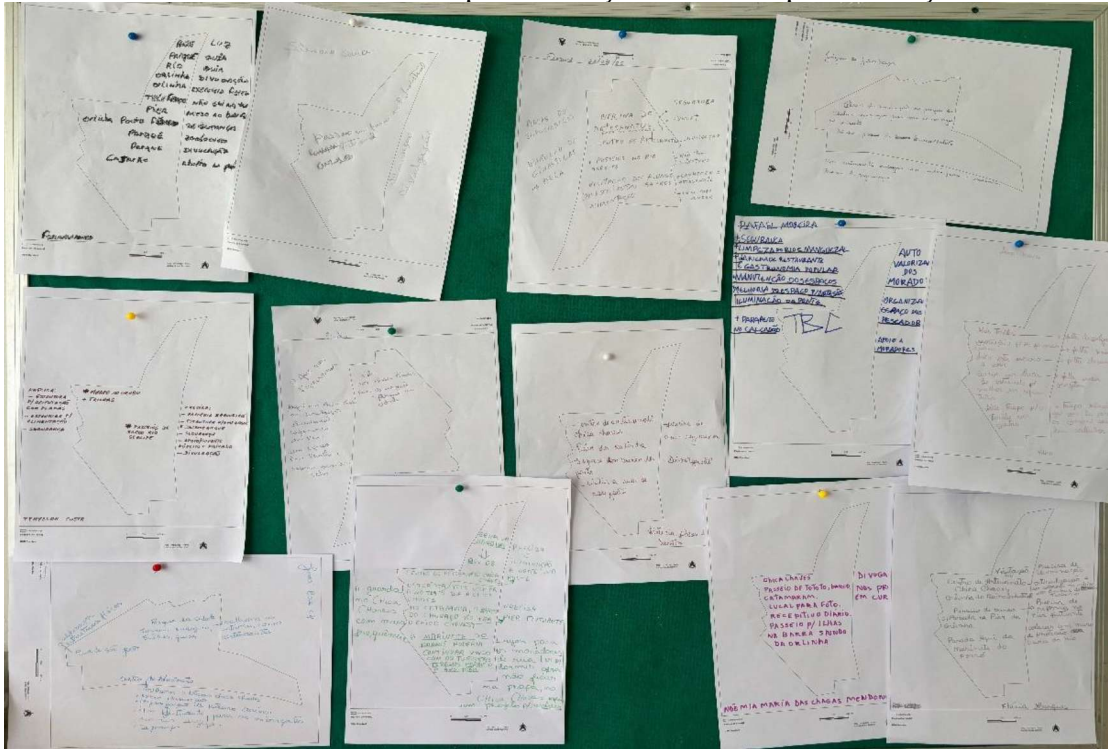
Fonte: IBGE, 2025  
Elaborado por Cristiane Alcântara, 2025.

No mapa da situação atual, os grupos elaboraram um esboço de roteiro, indicando pontos de partida, lugares a serem visitados e experiências possíveis em cada local. Já no mapa da situação futura, foram apontadas ações necessárias para viabilizar essas experiências, destacando os locais que precisam de infraestrutura adequada (Foto 23).

Esse processo permitiu compreender melhor o olhar da comunidade sobre seu território e, ao mesmo tempo, inseri-la nas etapas de planejamento e roteirização turística. Somado às

visitas *in loco* e ao registro em diários de bordo, o uso das oficinas de DRP possibilitou a identificação de necessidades e demandas fundamentais ao desenvolvimento do turismo comunitário-criativo no bairro Industrial.

**Foto 23 - Resultados DRP- Mapa da situação atual e mapa da situação futura**



Fonte: Oficina elaboração de roteiro, 2025

Fotos: Larissa Bomfim, 2025

A partir da escuta da comunidade e da observação direta, os apontamentos foram organizados em quatro dimensões principais: a) infraestrutura turística e ordenamento urbano; b) economia criativa; c) divulgação e, d) sensibilização. Para melhor gerenciar os resultados e orientar a construção de estratégias futuras, cada dimensão foi desdobrada em eixos temáticos, contendo demandas, oportunidades e sugestões apresentadas pelos participantes.

Na dimensão da infraestrutura turística e urbana destacaram-se demandas voltadas à melhoria das condições físicas do território, a exemplo da iluminação da ponte Aracaju–Barra, a instalação de parapeitos na beira do rio, a adequação da estrutura de embarque e desembarque no Rio Sergipe, além da implementação de placas de sinalização turística. Também foi mencionada a necessidade de manutenção dos espaços de lazer e de limpeza do rio e do manguezal, aspectos essenciais tanto para a valorização da paisagem quanto para a segurança de visitantes e moradores.

Em relação ao ordenamento e segurança, a comunidade apontou a importância da organização dos espaços dos pescadores e da maior presença da Guarda Municipal na orla do bairro Industrial. Outro ponto sensível foi a necessidade de criação de espaços adequados para a população em situação de rua, de forma a assegurar condições dignas e evitar a permanência dessas pessoas no Centro de Artesanato Chica Chaves.

Na dimensão da economia criativa, ressaltou-se a centralidade do fortalecimento das práticas culturais locais. Foram sugeridas oficinas de capacitação para as artesãs do Centro de Artesanato Chica Chaves e a criação de pontos instagramáveis, capazes de atrair visitantes e valorizar a estética cultural do bairro. Além disso, a visita de alunos do bairro foi apontada como estratégia de fortalecimento do roteiro e principalmente a valorização da educação patrimonial e de valorização das expressões culturais, fortalecendo o sentimento de pertencimento e identidade local.

Por fim, nas dimensões de divulgação e sensibilização, destacou-se a necessidade de ampliar a promoção do bairro como destino turístico, com investimentos em estratégias de comunicação e marketing capazes de dar visibilidade às suas potencialidades. Também foram consideradas fundamentais as ações de sensibilização voltadas tanto à comunidade quanto aos visitantes, visando reforçar a identidade local e consolidar o turismo como ferramenta de desenvolvimento comunitário.

A sistematização a seguir apresenta de forma organizada os principais aspectos levantados. No entanto, o quadro busca não apenas registrar as falas da comunidade, mas também orientar a formulação de ações integradas e participativas, fortalecendo o protagonismo local e subsidiando futuras tomadas de decisão (Quadro 5).

**Quadro 5 - Apontamentos identificados através do DRP**

<b>DIMENSÃO</b>	<b>EIXO TEMÁTICO</b>	<b>DEMANDAS DA COMUNIDADE</b>	<b>OPORTUNIDADES</b>	<b>SUGESTÕES/ ENCAMINHAMENTOS</b>
<b>Infraestrutura turística e ordenamento urbano</b>	Espaços públicos e lazer	Manutenção dos espaços de lazer; Limpeza do rio e do manguezal	Potencial de uso comunitário e turístico com integração à natureza	Campanhas de mutirão, parcerias com órgãos ambientais e manutenção periódica
	Mobilidade e segurança	Iluminação da Ponte Aracaju–Barra; Parapeito na beira do rio; Presença da Guarda Municipal na orla	Possibilidade de pontos instagramáveis e Aumento da segurança para turistas e moradores	Projetos de iluminação cênica, tal qual a inauguração da ponte.
	Estrutura de apoio ao turismo	Organização dos espaços dos pescadores; Estrutura de embarque e desembarque no Rio Sergipe; Placas de sinalização turística	Potencial de ordenamento das práticas tradicionais e fortalecimento do turismo náutico	Planejamento urbano integrado e instalação de sinalização padronizada
<b>Economia criativa</b>	Inclusão social	Espaço adequado para população em situação de rua	Garantia de dignidade e organização dos espaços públicos	Parcerias intersetoriais com assistência social e abrigos municipais
	Artesanato e cultura local	Oficinas de artesanato para artesãos do Centro Chica Chaves	Fortalecimento da identidade cultural e geração de renda	Parceria com SEBRAE, universidades e ONGs culturais
	Turismo de experiência	Criação de pontos instagramáveis	Atrativos de baixo custo que geram visibilidade e engajamento	Design urbano criativo e mobiliário comunitário

<b>Sensibilização e envolvimento comunitário</b>	Educação patrimonial	Visitação dos alunos do bairro	Formação de multiplicadores locais e valorização da Sergipanidade	Inserção do Bairro Industrial em atividades escolares e projetos de turismo pedagógico
<b>Divulgação</b>	Promoção e marketing territorial	Maior divulgação sobre o bairro	Fortalecimento da imagem do território e atração de visitantes	Campanhas digitais, roteiros integrados e parcerias com influenciadores.

Fonte: Elaboração Própria, 2025.

Em síntese, os aspectos levantados pela comunidade, organizados em dimensões estratégicas para fins de planejamento, revelam que o fortalecimento do turismo comunitário-criativo no bairro Industrial depende da articulação entre melhorias na infraestrutura e ordenamento, ações de sustentabilidade ambiental, valorização da cultura e da economia criativa, além de estratégias eficazes de divulgação e hospitalidade.

Essas demandas evidenciam a necessidade de um planejamento integrado que considere tanto a preservação dos recursos naturais e culturais quanto o protagonismo comunitário, consolidando o bairro como um território inovador e inclusivo para o desenvolvimento do turismo. Dessa forma, as oficinas realizadas a partir da metodologia do Diagnóstico Rápido Participativo não apenas favoreceu a escuta ativa e o engajamento da comunidade do bairro Industrial, como também concluiu um dos objetivos específicos dessa pesquisa, fornecendo um rico material visualmente rico e simbólico para análise qualitativa dessa pesquisa.

#### **4.4 Coleta de dados através de questionário semiestruturado**

A análise integrada dos dados obtidos ao longo da pesquisa contempla tanto a escuta da comunidade por meio das oficinas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) quanto a perspectiva das agências de turismo receptivo atuantes em Aracaju. Essa articulação metodológica possibilitou compreender de forma mais ampla como os diferentes atores percebem, vivenciam e projetam o potencial do Bairro Industrial no contexto do turismo comunitário-criativo.

Assim, os resultados expostos a seguir buscam evidenciar os principais desafios e oportunidades para a consolidação do território como um destino turístico, ao mesmo tempo em que discutem estratégias capazes de fortalecer a valorização cultural, a participação social e a diversificação da oferta turística da cidade.

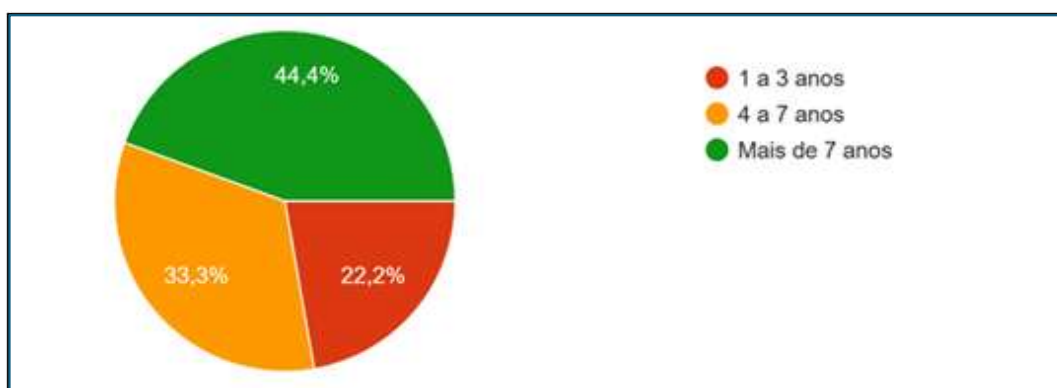
A análise dos dados coletados junto às agências de turismo receptivo em Aracaju permitiu compreender a percepção dessas sobre o bairro Industrial como destino turístico inovador para Aracaju, assim como atender a um dos objetivos específicos desta pesquisa que consiste em analisar os roteiros turísticos ofertados por elas. A investigação evidencia não apenas os produtos turísticos mais recorrentes no mercado local, mas também as percepções, resistências e possibilidades associadas à inclusão de novos territórios na lógica do turismo receptivo.

Nesse sentido, os resultados aqui apresentados oferecem subsídios para refletir sobre como as agências comercializam seus produtos turísticos e quais estratégias podem favorecer a inserção do bairro Industrial em um cenário mais plural, criativo e comprometido com a valorização cultural e comunitária.

Com relação a amostra desses dados foi realizada de forma intencional, com as agências de turismo receptivo mais atuante em Aracaju: Aracaju Turismo; Aracaju Viagens e Passeios; Top Tour; Farol Tour; Costa Nova Turismo; Oxente Turismo; Caribe de Couro Turismo. Para além dessas agências, também foi inquirido o Presidente do Sindicato das Empresas de Turismo (SINDETUR), a fim de analisar o olhar do *trade* turístico Sergipano sobre o bairro Industrial. A coleta de dados se deu de forma presencial entre os dias 02 e 05 de setembro do corrente ano.

Com relação ao perfil das agências que responderam ao questionário ficou perceptível um panorama diversificado em relação ao tempo de atuação e à natureza dos produtos ofertados. Entre as respostas obtidas, observa-se que a maioria apresenta mais de sete anos de experiência (44,4%), enquanto outros 33,3% atuam entre quatro e sete anos. Esse dado revela um grupo de profissionais com trajetória consolidada, o que confere maior relevância às percepções levantadas, uma vez que refletem olhares de indivíduos que vivenciam cotidianamente os desafios e as oportunidades do setor turístico em Aracaju (Gráfico 1).

**Gráfico 1 - Tempo de Atuação no Mercado**



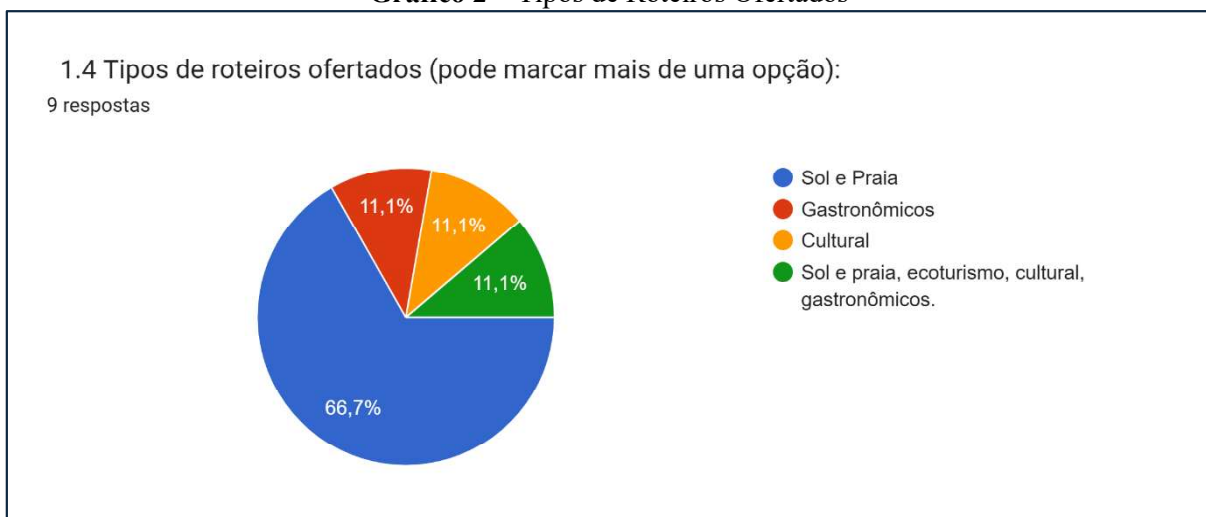
Fonte: Elaboração própria via *Google forms*, 2025.

Esses dados evidenciam tanto a continuidade de agências de turismo tradicionais quanto o surgimento de novos empreendimentos interessados no setor turístico. Além disso, os dados coletados junto às agências de turismo receptivo de Aracaju revelam que os roteiros ofertados se concentram majoritariamente em produtos tradicionais, como o turismo de sol e praia, *city tours* e visitas a atrativos consagrados, a exemplo da Croa do Goré, Praia do Saco, Cânion do

Xingó, Lagoa dos Tambaquis e Mangue Seco, sendo este último um produto do estado da Bahia. Desta forma, reforça-se a importância de compreender como essas empresas estruturam seus roteiros e como percebem a possibilidade de incorporar novos territórios, como o bairro Industrial, às suas práticas comerciais.

Com relação aos tipos de roteiros comercializados em Aracaju, predomina o turismo de Sol e Praia, que segundo Brasil (2010b, p.16) “Constitui-se das atividades turísticas relacionadas à recreação, entretenimento ou descansos em praias, em função da presença conjunta de água, sol e calor”. Entre os respondentes 66,7 % apresentou essa segmentação como a mais comercializada (Gráfico 2).

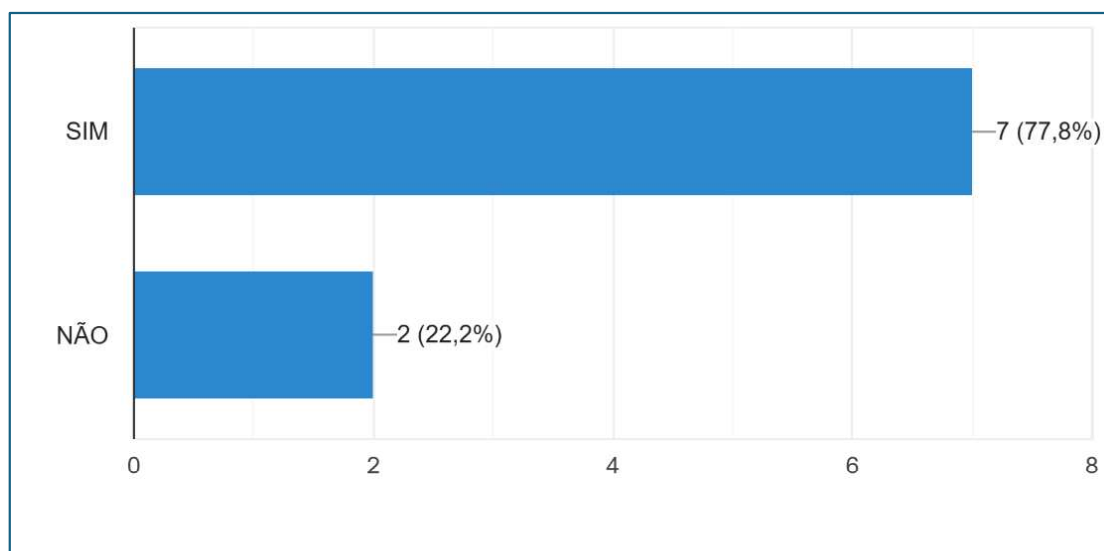
**Gráfico 2 – Tipos de Roteiros Ofertados**



Fonte: Elaboração Própria via *Google Forms*, 2025.

Essa concentração em experiências de turismo de sol e praia reflete uma lógica consolidada do mercado que privilegia destinos já estruturados e de forte apelo comercial, em detrimento de territórios menos explorados, como o bairro Industrial, uma vez que entre os respondentes nenhuma oferece experiências comunitárias.

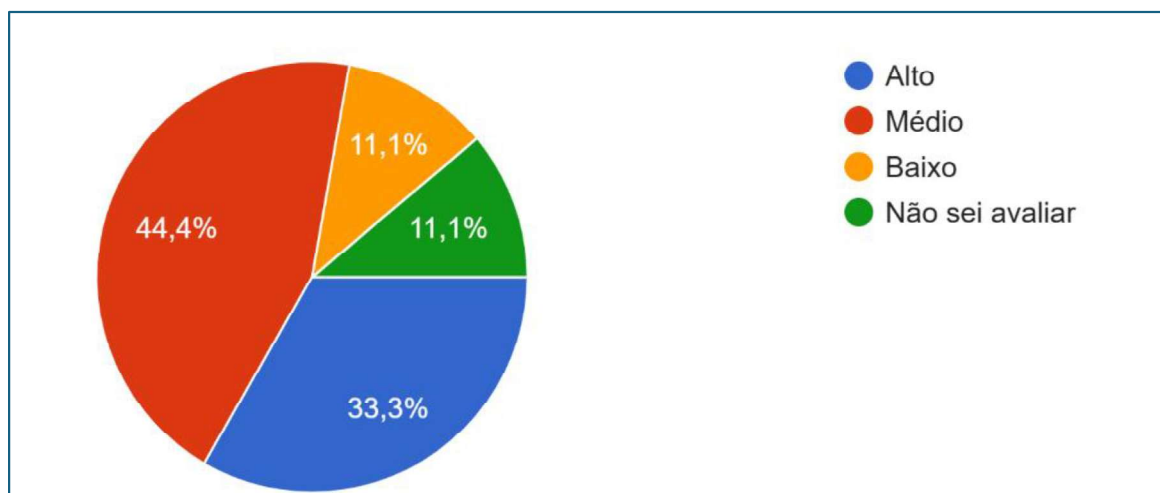
No entanto, ao analisar a percepção dos agentes sobre esse bairro, percebe-se a abertura para reconhecer seu potencial turístico, sobretudo, pela sua relevância histórica, cultural e pela presença de equipamentos como a Orla do bairro Industrial, o Parque da Cidade e o Centro de Artesanato Chica Chaves, uma vez que 77,8 % afirmam que consideram incluir o bairro Industrial em seus roteiros e 22,2 % afirmam que não consideram incluir o bairro em seu portfólio (Gráfico 3).

**Gráfico 3** - Possibilidade de incluir o Bairro em seus roteiros

Fonte: Elaboração Própria via *Google Forms*, 2025

Apesar de ainda existir uma parcela que enxerga o potencial como baixo (22,2%), os dados sugerem que há uma predisposição favorável à valorização do território e às iniciativas que busquem fortalecer sua atratividade cultural, histórica e comunitária.

A análise das respostas referentes ao potencial turístico do bairro Industrial demonstra uma percepção predominantemente positiva por parte das agências de receptivo. Para 44,4% dos respondentes, o bairro apresenta potencial médio enquanto 33,3% o classificaram como alto, reforçando a ideia de que o território dispõe de elementos capazes de atrair visitantes, especialmente quando sua história e identidade cultural são valorizadas. Apenas 11,1% avaliaram o potencial como baixo e 11% declararam não possuir informações suficientes para opinar, o que aponta também para a necessidade de maior divulgação e sensibilização do *trade* turístico sobre os atrativos existentes (Gráfico 4).

**Gráfico 4 - Potencial Turístico do Bairro Industrial**

Fonte: Elaboração Própria via *Google Forms*, 2025

Com as bases nas informações obtidas pelo questionário, foi possível identificar também os fatores que influenciam a inserção do bairro nos roteiros turísticos de Aracaju. Esses elementos foram coletados de modo a evidenciar tanto aspectos que favorecem o reconhecimento do território como espaço de interesse turístico quanto aqueles que limitam sua consolidação enquanto destino. O quadro 6 exposto a seguir sintetiza os pontos fortes e fracos na visão dos inquiridos.

**Quadro 6 - Pontos fortes e fracos para a inserção do bairro nos roteiros turísticos**

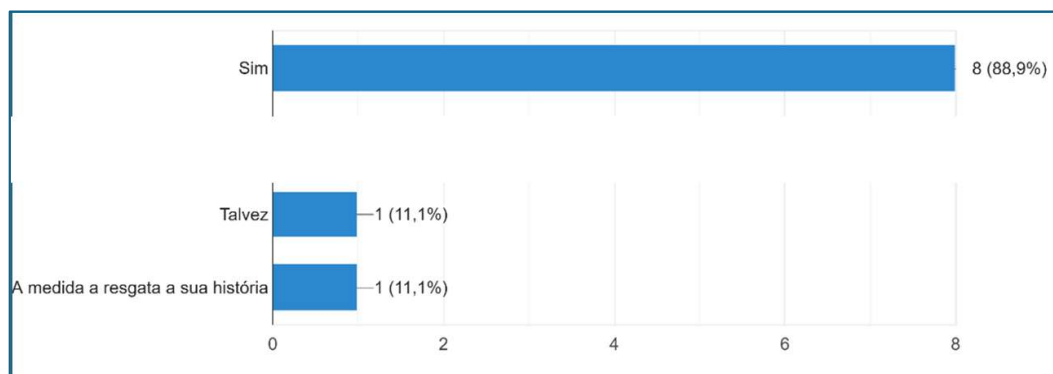
PONTOS FORTES	PONTOS FRACOS
História vinculada à formação da cidade de Aracaju	Falta de investimentos públicos
Presença de equipamentos turísticos previamente identificados	Ausência de maior engajamento da iniciativa privada
Relação com o rio Sergipe	Descontinuidade no funcionamento dos atrativos
Tradição cultural da comunidade local	Concentração histórica de políticas públicas voltadas à zona sul da cidade
	Visão limitada de alguns guias de turismo sobre o bairro
	Ausência de monumentos ou espaços de destaque visual (“pontos instagramáveis”)

Fonte: Elaboração Própria via dados do *Google Forms*, 2025

Essas dualidades revelam que, embora exista um reconhecimento de potencial, sua materialização depende diretamente de estratégias de gestão e articulação entre poder público,

comunidade e mercado receptivo. Outro dado que se destaca é em relação ao reconhecimento do bairro Industrial como um possível destino turístico inovador para Aracaju, já que 88,9% dos respondentes consideram que o bairro apresenta uma possibilidade de inovação para Aracaju. Por outro lado, 11% afirmam que talvez o bairro possa ser um fator de inovação para o turismo de Aracaju (Gráfico 5).

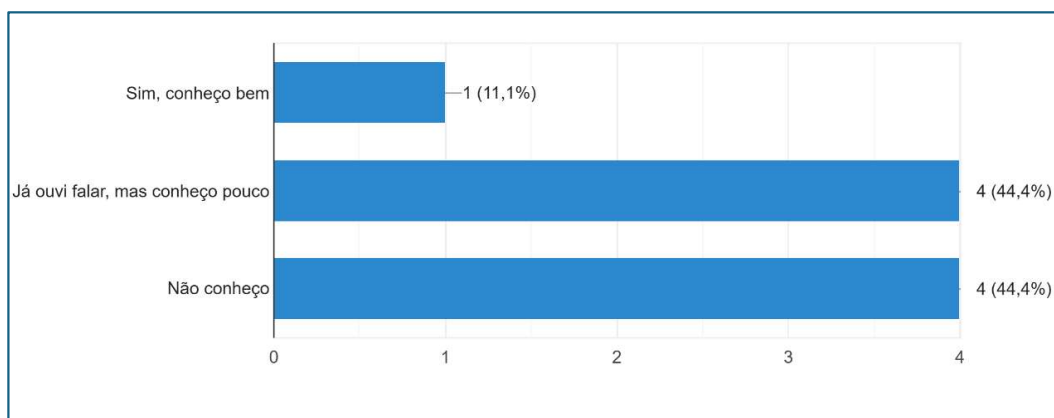
**Gráfico 5 - Bairro Industrial como um possível destino inovador**



Fonte: Elaboração Própria via *Google Forms*, 2025

Os resultados da pesquisa revelam uma percepção bastante favorável em relação ao bairro como possível destino turístico inovador, indicando assim que o bairro possui atributos capazes de diferenciar Aracaju dentro da oferta turística tradicional. Apenas 11% mostraram-se indecisa, apontando que a consolidação dessa inovação depende de um processo contínuo e mais consistente de estruturação e integração do bairro nas dinâmicas turística de Aracaju.

No que se refere ao conhecimento sobre o turismo comunitário-criativo, os resultados apontam para um dado significativo: 88,8% dos respondentes declararam desconhecer ou possuir apenas um conhecimento superficial sobre o tema, enquanto 11% declararam ter um conhecimento consolidado (Gráfico 6).

**Gráfico 6 - Conceito sobre o turismo comunitário- criativo**

Fonte: Elaboração Própria via *Google Forms*, 2025.

Esse cenário evidencia a necessidade de ações de sensibilização para um modelo de turismo em que a comunidade receptora esteja envolvida, ao passo que também reforça a importância dessa pesquisa para a disseminação sobre o turismo comunitário-criativo. De modo geral, os gráficos demonstram um campo fértil para a disseminação e, sobretudo, implementação do turismo comunitário - criativo em Aracaju, especialmente no bairro Industrial.

Contudo, para que esse potencial seja transformado em prática, torna-se indispensável promover estratégias de divulgação, educação e envolvimento dos atores sociais no turismo, de forma a disseminar e ampliar o conhecimento sobre o modelo de gestão de turismo proposto. Foi possível identificar também que 88% dessas agências nunca desenvolveram roteiros com foco em experiências comunitárias e/ou criativas, enquanto apenas 11% afirmaram que já realizou essas vivências dentro dos roteiros comercializados.

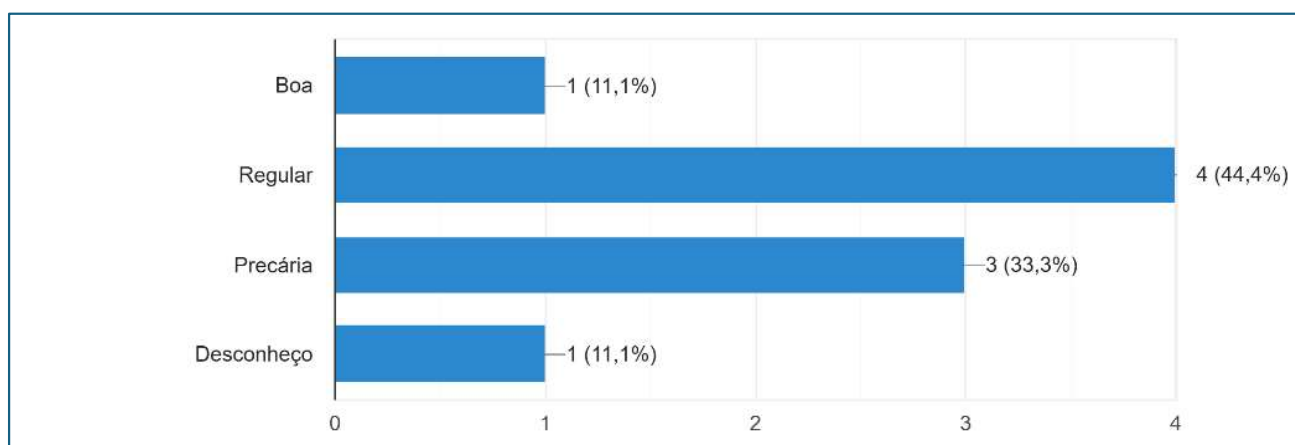
A análise das respostas obtidas junto às agências de turismo receptivo evidencia um quadro marcado por ausências de iniciativas com a proposta do turismo comunitário-criativo, mas também pela abertura para futuras colaborações. Quando questionadas se já haviam desenvolvido ou participado de roteiros com esse enfoque, a maioria das agências afirmaram não ter experiência prévia nesse tipo de iniciativa, o que demonstra tanto uma lacuna no mercado quanto uma oportunidade de inovação.

Apesar dessa ausência de vivências anteriores, a maioria dos respondentes reconhece que o bairro Industrial apresenta potencial para a implementação desse modelo turístico, ainda que de forma heterogênea. Alguns destacaram de modo positivo aspectos ligados à tradição da pesca e à forte identidade comunitária, enquanto outros expressaram incerteza ou dificuldade

em identificar esse potencial. De fato, trata-se de um reflexo do desconhecimento sobre o território e de sua limitada visibilidade no circuito turístico tradicional.

No que se refere à infraestrutura turística atual do bairro, prevaleceu a percepção de que ainda é precária ou regular, embora uma minoria tenha considerado a estrutura boa. Esse dado reforça a necessidade de investimentos direcionados à qualificação dos espaços públicos, segurança, sinalização e equipamentos de apoio ao visitante, aspectos indispensáveis para consolidar o bairro como destino receptivo (Gráfico 7).

**Gráfico 7 - Avaliação da infraestrutura turística atual do Bairro**



Fonte: Elaboração Própria via *Google Forms*, 2025.

Por outro lado, ao serem questionados sobre o interesse em colaborar com projetos de turismo comunitário-criativo no bairro Industrial, a maioria das agências sinalizou abertura positiva, variando entre respostas afirmativas e possibilidades de colaboração futura. Esse dado revela um cenário de predisposição que pode ser aproveitado para a construção de parcerias estratégicas, desde que o bairro avance na melhoria de sua infraestrutura e no fortalecimento de sua imagem como destino turístico.

Em síntese, os resultados indicam que, embora ainda exista desconhecimento e cautela por parte das agências, há reconhecimento do potencial turístico do bairro Industrial e interesse em participar de iniciativas inovadoras. Essa combinação sugere que o território pode se tornar um lugar de práticas de turismo comunitário-criativo, desde que as ações de planejamento sejam conduzidas de forma participativa, integrando comunidade, poder público e o *trade* turístico.

A escolha metodológica adotada nessa pesquisa, fundamentada em oficinas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) bem como na coleta de dados junto às agências de turismo receptivo de Aracaju, possibilitou não apenas compreender a configuração atual dos roteiros turísticos ofertados, como também evidenciou a percepção e expectativas acerca do bairro Industrial como um destino turístico comunitário-criativo para Aracaju.

O questionário semiestruturado aplicado as agências revelou informações relevantes sobre o perfil delas, seus produtos comercializados, bem como possibilitou compreender a visão delas acerca do turismo comunitário-criativo no bairro Industrial e sobre as possibilidades de diversificação da oferta turística de Aracaju.

A análise dos resultados apontou que, embora as agências reconheçam o potencial histórico, cultural e territorial do Bairro Industrial, ainda existem limitações concretas relacionadas a infraestrutura, a falta de investimentos e a baixa inserção efetiva do bairro nos roteiros comercializados. Assim, observa-se uma tensão entre o discurso de inovação, que valoriza o bairro como espaço promissor, e a prática turística, que permanece concentrada em atrativos já consolidados.

## CAPÍTULO 5

### ROTEIRO TURÍSTICO “ARRUDIANDO O NOVO MANGUE”: PRODUTO TECNOLÓGICO E SUAS APLICABILIDADES

Este capítulo constitui a materialização prática desta pesquisa. Os resultados aqui expostos são frutos de dois anos de pesquisa, em que a intenção, inicialmente, foi de compreender as narrativas sociais, naturais e culturais que compõem o território do bairro Industrial, e a partir desse entendimento, com o olhar atento e participação da comunidade, foi possível elaborar um roteiro turístico a ser entregue como um novo produto para o *trade* turístico aracajuano e, acima de tudo, evidenciar a importância histórica e cultural para a cidade Aracaju.

A proposta desse capítulo será discutida a partir de suas contribuições ao desenvolvimento local, de sua aplicabilidade prática para o mercado turístico e de seus desdobramentos enquanto estratégia de inovação social, conectando saberes acadêmicos à realidade comunitária.

Considerando o objetivo geral dessa pesquisa, ao pensar em produto tecnológico, deve ser levado em consideração não só a contribuição acadêmica ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional (PPMTUR), como também a sua aplicabilidade junto ao *trade* turístico aracajuano, bem como dar um retorno a comunidade do bairro Industrial, a fim de que sejam beneficiados, principalmente no contexto do turismo comunitário-criativo.

A vista disso, este trabalho visa apresentar três produtos tecnológicos:

- a) um roteiro turístico comunitário-criativo intitulado “Arrudiando o novo mangue”;
- b) uma logomarca; e,
- c) um *folder* com o mapa turístico enquanto ferramenta de espacialização do referido roteiro.

Esses produtos foram criados com o objetivo de aprimorar a experiência turística, fortalecer a comunidade local e facilitar a compreensão do roteiro pelos visitantes.

## 5.1 Roteiro turístico “Arrudiando o Novo Mangue”

A abordagem comunitária-criativa na concepção desse roteiro foi desenvolvida através dos princípios da inovação social, levando-se em consideração os elementos culturais, sociais e ambientais da comunidade do bairro Industrial. Assim sendo, a participação dos membros da comunidade nas oficinas voltadas para a realização do DRP permitiu identificar os atrativos do bairro que representam a identidade local, ribeirinha e periférica.

Assim sendo, o roteiro foi estruturado para oferecer uma experiência autêntica e imersiva, em que turistas e visitantes terão a oportunidade de participar ativamente através da cocriação com a comunidade local. Ao elaborar o roteiro foram considerados os seguintes elementos (Chimenti; Tavares, 2020):

- a) Nome do roteiro
- b) Objetivo do roteiro
- c) Horário/Local de embarque e retorno
- d) Atrativos turísticos a visitar /paradas
- e) Público-alvo
- f) Tipo de transporte
- g) Número mínimo e máximo de PAX<sup>10</sup>
- h) Serviços inclusos e/ou opcional
- i) Recomendações aos turistas
- j) Precificação

Além disso, a estrutura do roteiro inclui informações sobre cada atrativo, o horário de funcionamento, recomendações de atividades, dicas de restaurantes, além de sugestões de itinerários personalizados de acordo com o perfil do visitante.

O roteiro “Arrudiando o Novo Mangue” utiliza essa nomenclatura para referenciar o dialeto nordestino através da palavra *arruviar* que significa dar a volta. Assim sendo, o nome sugere e instiga a percorrer o bairro em voltas. Já o termo Novo Mangue faz referência ao manguezal - principal ecossistema existente no bairro Industrial -, que ao longo da história de Aracaju foi negligenciado, mas que por outro lado, foi e é fonte de subsistência para a

---

<sup>10</sup> PAX - Passageiro

comunidade. Desse modo, o roteiro propõe apresentar o manguezal em diferentes perspectivas, porém interligadas, tais como:

- **Ecosistema natural:** Que por muitos anos foi fonte de sobrevivências para as comunidades ribeirinhas, sendo utilizado para alimentação e comercialização na pesca, na coleta de mariscos, lazer e sustento familiar. No entanto, as mudanças sociais e econômicas ocorridas ao longo das décadas, provocaram impactos significativos no meio ambiente, como o despejo de esgoto, o acúmulo de lixo e a degradação da fauna e flora. Importante ressaltar que estas evidências ainda são perceptíveis em diversos pontos do rio Sergipe.

Dentro do processo de “arruinar”, ou seja, dar a volta ao bairro, as experiências turísticas propostas visam proporcionar um novo olhar sobre o manguezal, especialmente na perspectiva visual e sensorial. A vivência se inicia com um passeio náutico pelas margens do rio Sergipe, conduzido por um guia de turismo local que contextualiza a história do Bairro Industrial e suas relações com o mangue. O visitante é convidado a uma imersão de sentidos ao ver, ouvir, tocar e sentir em uma jornada itinerante que combina narrativa histórica e afetiva.

Durante o percurso, é possível navegar pelo rio Sergipe, visitar a Ilha Pomonga e observar o bairro Industrial como paisagem viva, repleta de histórias e “estórias” compartilhadas pelos moradores. O roteiro também propõe momentos de cocriação com pescadores e marisqueiras, permitindo a troca de saberes e o reconhecimento do mangue.

- **Ecosistema cultural:** O novo mangue transcende a esfera enquanto o ecossistema natural e se consolida como um território cultural, simbolizando resistência e expressão criativa. Inspirado no movimento *Manguebeat*<sup>11</sup>, idealizado por Chico Science na década de 1990, o bairro também manifesta essa força cultural em expressões locais como a poesia marginal, o grafite e a música periférica. Um dos principais exemplos é o movimento Do Mangue pro Mundo e do Mundo pro Mangue (DMPM), que por meio do *hip hop*, evidencia o senso de pertencimento da comunidade, cantando o cotidiano, as lutas e os afetos do bairro Industrial.

---

<sup>11</sup> O Movimento Manguebeat desenvolveu-se em Recife, capital do estado de Pernambuco, a partir de 1991, e consistiu em uma “cena cultural”, especialmente de corte musical, que misturava elementos da cultura regional de Pernambuco, como o maracatu rural, com a cultura pop, sobretudo o *rock'n roll* e o *hip-hop* (Fernandes, 2024).

Nessa etapa do roteiro, após a vivência aquática, o visitante é convidado a uma experiência de caminhada pelo Complexo Dona Finha, localizado sob a ponte Aracaju–Barra. O espaço revela a força da arte periférica por meio de grafites, possibilidade de apresentações de *hip hop* e *break dance*, proporcionando uma vivência totalmente autêntica e singular de Aracaju. Esta vivência, a partir da cocriação com os artistas locais e com a sinalização de oficinas de arte urbana, música e dança, propiciará o fortalecimento do vínculo entre visitantes e comunidade.

- **Ecosistema urbano:** Compreender o mangue como parte de um ecossistema urbano é reconhecer que muito do solo hoje ocupado pelo bairro Industrial foi construído sobre o antigo manguezal enquanto bairro Maçaranduba. Ao longo dos 170 anos de história de Aracaju, esse ecossistema passou por sucessivas transformações territoriais, reflexo do crescimento urbano e da reconfiguração da cidade. O “Novo Mangue” propõe revisitar esse processo a partir da valorização dos espaços que salvaguardam a memória e a identidade da comunidade, como:
  - a) **Morro do Urubu:** que oferece uma vista panorâmica de Aracaju e do manguezal às margens do rio Sergipe;
  - b) **Capela São João Batista:** Localizada no Aracaju Parque Shopping, símbolo de resistência, preservada graças à mobilização popular que impediu sua demolição durante a construção do empreendimento;
  - c) **Estádio Sabino Ribeiro:** Conhecido como “campo do Confiança”, pois é onde está localizada a sede do time de futebol sergipano - o Confiança. O estádio de futebol é administrado pela Associação Desportiva Confiança, cuja origem remete aos trabalhadores da antiga Fábrica Confiança, representando a força do proletariado aracajuano;
  - d) **Rua de São João:** Espaço da valorização do forró com 115 anos de festejos juninos que carrega não só a essência das manifestações culturais juninas, como também está na memória afetiva da comunidade.
  - e) **Espaço Imbuça:** Segundo o grupo Imbuça, o espaço foi fundado em 1977, é um dos mais tradicionais grupos de teatro popular de Sergipe. Desde 1991, está sediado no Bairro Industrial, onde transformou uma antiga escola desativada em um espaço cultural vivo, que ao longo do tempo, consolidou-se como um importante polo de arte e resistência cultural, oferecendo oficinas, apresentações

e atividades formativas que fortalecem o sentimento de pertencimento e valorizam a cultura local.

Toda essa narrativa exposta sobre o “Novo Mangue” é para valorizar a topofilia da comunidade em relação ao bairro, conforme proposto por Tuan (2012, p. 19) ao afirmar que “topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou o ambiente físico”. Essa ligação é perceptível na forma como a comunidade se relaciona com o território, transmitindo emoções, lembranças e pertencimento.

Em outra obra, Tuan (2013, p. 19) complementa que “A experiência é constituída de sentimento e pensamento”. Assim, a vivência turística proposta por este produto tecnológico busca unir emoção, afeto e aventuras, convidando o visitante a uma imersão no bairro construída a partir de uma análise semiótica realizada a partir dos resultados das oficinas de DRP.

A semiótica em questão advém do grego *semeiotike* que significa signo e trata-se da área de estudo ou “disciplina que se ocupa dos signos, do sentido e da comunicação” (Volli, 2007, p. 13). Considerando o que foi elaborado com a comunidade, a partir dos signos expostos nos desenhos durante a realização da oficina “Introdução ao turismo como ‘Pedagogia de Resistência”, propõe-se que as experiências turísticas do roteiro devem partir das ideias de Tuan (2013, p. 17) que afirma que a experiência

é o termo que abrange as diferentes maneiras por intermédio das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade, variando desde os sentidos mais diretos e passivos, como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização.

Portanto, o roteiro “Arrudiando o Novo Mangue” ultrapassa a simples lógica de deslocamento turístico e se configura como uma vivência ancestral e afetiva, regada por memórias, resistências e significados. Mais do que visitar um destino, trata-se de reconhecer e valorizar a potência simbólica do bairro Industrial que se configura como um território que insiste em resistir e existir, reafirmando sua identidade através do turismo comunitário-criativo a partir do processo de ver, tocar, degustar e sentir.

A inclusão do Bairro Industrial - território historicamente marcado por sua função produtiva e por aspectos socioculturais - em um roteiro turístico da capital poderia contribuir para descentralizar o fluxo de visitantes e, ao mesmo tempo, fortalecer vínculos comunitários,

estimulando práticas de turismo criativo e comunitário. Importante ressaltar que a inclusão do bairro na roteirização turística não busca competir com os espaços já consolidados, mas sim complementar a experiência, revelando outras dimensões da cidade.

A partir desse enfoque, o roteiro não deve ser concebido apenas um produto de consumo, mas um instrumento de transformação social, que gera pertencimento, amplia a autoestima coletiva e fortalece vínculos comunitários, uma vez que promove o contato com os modos de vida das comunidades ribeirinhas, o cotidiano de pescadores e das artesãs, bem como a cultura manifestada no bairro possibilitando assim novas alternativas turísticas.

A seguir serão apresentados os elementos que compõem a proposta do roteiro, a partir do olhar da comunidade nas oficinas realizadas enquanto procedimentos metodológicos para inventariação e diagnóstico do espaço do bairro Industrial (Quadro 7).

**Quadro 7 – Elementos que compõem o roteiro “Arrudiando o novo mangue”**

<b>Elemento</b>	<b>Descrição / Observação</b>
<b>Nome do roteiro</b>	Arrudiando o Novo Mangue
<b>Objetivo do roteiro</b>	Proporcionar uma experiência imersiva e afetiva no Bairro Industrial, um dos bairros mais antigos de Aracaju, a partir do turismo comunitário - criativo.
<b>Horário / Local de embarque e retorno</b>	Saída às 8:00 horas da Orla de Atalaia e retorno previsto para 16:00 horas no mesmo local.
<b>Atrativos turísticos a visitar / paradas</b>	1º) Orla do Bairro Industrial 2º) Ilha Pomonga 3º) Complexo Dona Finha 4º) Almoço na Prainha do Bairro Industrial 5º) Visita ao Estaleiro Naval 6º) Morro do Urubu 7º) Colina do Santo Antônio
<b>Público-alvo</b>	Turistas e visitantes interessados em experiências comunitárias e criativas; jovens adultos; estudantes e pesquisadores de diversas áreas; moradores de Aracaju que desejam redescobrir o território sob uma nova perspectiva.
<b>Tipo de transporte</b>	Carro ou Van
<b>Número mínimo e máximo de PAX</b>	Mínimo de 4 e máximo de 15 participantes.

<b>Serviços inclusos e/ou opcionais</b>	Inclusos: transporte, guia de turismo credenciados, embarcação e almoço. Opcionais: Oficinas de Cocriação
<b>Recomendações aos turistas</b>	Usar roupas leves e confortáveis, protetor solar, chapéu e calçados confortáveis. Sugestão: Levar sua própria garrafa de água.
<b>Precificação</b>	Valor estimado: A partir de R\$138,00

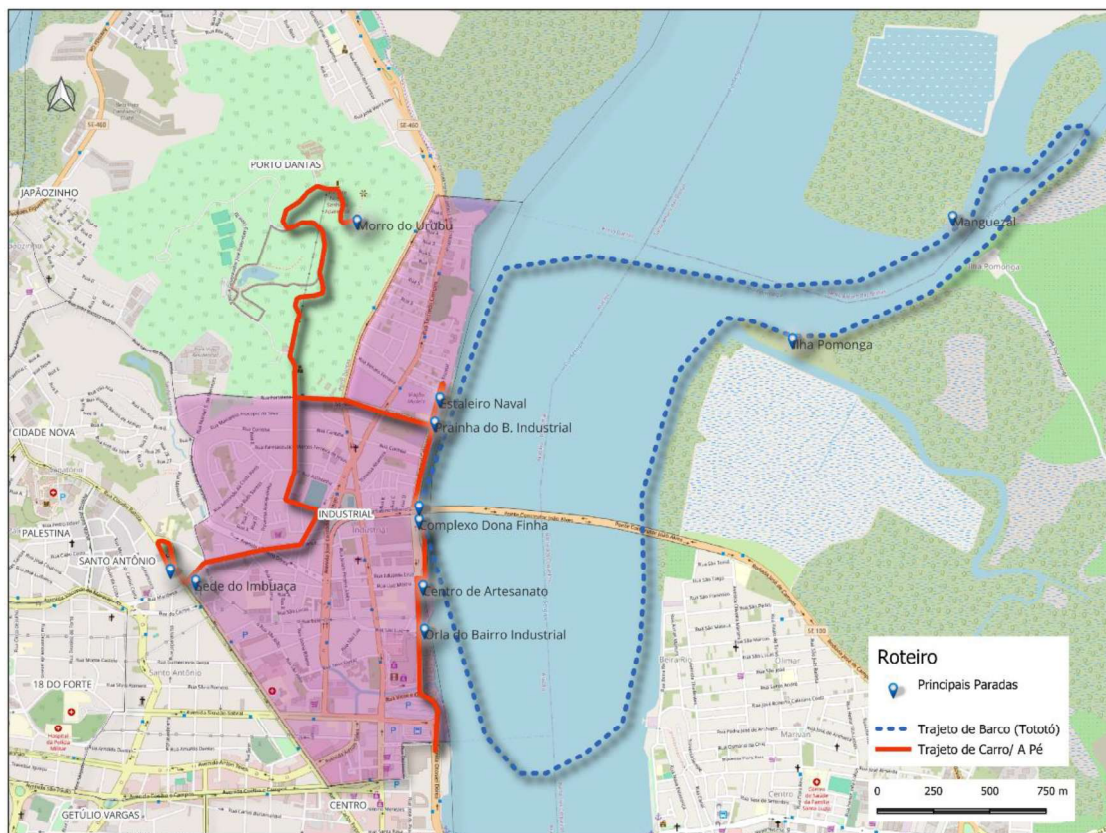
Fonte: elaboração própria, 2025.

Os elementos apresentados seguem a metodologia proposta por Chimenti e Tavares (2020) que orienta a estrutura técnica para a elaboração de um roteiro turístico. Para além do que já foi exposto, o objetivo central do roteiro, conforme apontado no quadro acima, consiste em proporcionar uma experiência imersiva e afetiva no Bairro Industrial, um dos bairros mais antigos de Aracaju, a partir do turismo comunitário – criativo. Com isso será possível promover o maior reconhecimento do patrimônio natural, cultural e histórico do bairro, ressaltando a sua relevância para a cidade de Aracaju e fortalecendo o sentimento de pertencimento à comunidade local.

O embarque do roteiro inicia-se na orla de Atalaia, onde se concentra a maior parte da rede hoteleira da cidade e, conseqüentemente, a presença dos turistas. A saída foi estabelecida no horário das 08:00 horas da manhã, a fim de que o turista ou visitante faça sua primeira alimentação do dia com tranquilidade e já possibilite um diferencial competitivo para o roteiro, uma vez que os roteiros comercializados em Aracaju têm saída regular a partir das 07:00 horas. O horário previsto de retorno é às 16:00 horas, garantida a logística adequada para o visitante. O público-alvo inclui turistas, visitantes, moradores de Aracaju e estudantes a partir de 18 anos interessados em experiências turísticas comunitária-criativas.

O itinerário contempla os seguintes atrativos: 1º) Orla do Bairro Industrial; 2º) Ilha Pomonga; 3º) Complexo Dona Finha; 4º) Almoço na Prainha do Bairro Industrial; 5º) Visita ao Estaleiro Naval; 6º) Morro do Urubu; 7º) Colina do Santo Antônio (Figura 7).

**Figura 7 – Itinerário do Roteiro Arrudiando o Novo Manguê**



**Fonte:** Elaborado pelo Professor Dr. Antonio Carlos Campos, 2025

Desta forma, os atrativos turísticos presentes no itinerário contemplam espaços de referência simbólica para a comunidade do bairro. Importante ressaltar que, mesmo que o último ponto de visitação - a Colina do Santo Antônio - não esteja localizado no bairro, uma vez que está situada no bairro Santo Antônio, sua localização estratégica permite contemplar o bairro Industrial do alto, possibilitando assim registros fotográficos dessa experiência ao ter o bairro como plano de fundo (Foto 24).

**Foto 24** – Registro fotográfico do bairro Industrial do Alto da Colina do Santo Antônio



Foto de Larissa Bomfim, 2025.

Quanto ao transporte, busca-se assegurar conforto e personalização. O roteiro está estruturado para grupos mínimos de 4 e máximo de 15 pessoas, utilizando-se da van, o que favorece a interação e a vivência coletiva. Entre os serviços inclusos destacam-se a presença de um guia de turismo e de condutores locais, quando necessário, embarcação e almoço comunitário. Este último é preparado por moradores da comunidade ribeirinha da Prainha, com base nos insumos disponibilizados pelo mangue. Como opcionais, integram-se ainda rotas temáticas com oficinas de cocriação.

Recomenda-se que os participantes utilizem roupas leves, protetor solar e garrafa de água, considerando o clima e as características do percurso. Durante a permanência na ilha Pomonga, bebidas e pequenos petiscos serão comercializados na embarcação, devido à inexistência de estabelecimentos de alimentos e bebidas no espaço visitado.

Por fim, a precificação foi estimada, visando assegurar tanto a qualidade e experiência turística, como também a sustentabilidade financeira, a fim de garantir sua continuidade. O cálculo se baseia nos custos operacionais para a definição do valor líquido por *Pax*, acrescido de uma margem de lucro de 20% por *Pax* (Quadro 8).

**Quadro 8 – Custo do roteiro**

COMPONENTES	TIPO DE TRANSPORTE	
<b>Transporte</b>	Carro Pequeno	Van
<b>Pax</b>	4	15
<b>Custo (R\$)</b>	200,00	500,00
<b>Guia de Turismo (R\$)</b>	200,00	300,00
<b>Embarcação (R\$)</b>	200,00	400,00
<b>Almoço/Pax (R\$)</b>	35,00	35,00
<b>Valor (Tarifa Net) (R\$)</b>	185,00	115,00
<b>Valor Tarifa Balcão (20% de Lucro) (R\$)</b>	222,00	138,00

Fonte: Elaboração própria, 2025.

No que se refere aos opcionais, destacam-se as oficinas de cocriação, considerando que o tempo previsto para a realização delas não se integra à proposta do roteiro base. Assim sendo, trata-se de atividades complementares e adicionais, vinculadas ao roteiro. Essas oficinas apresentam uma proposta que extrapola a simples visitação, uma vez que se prioriza a vivência participativa nas oficinas de cocriação, o que fortalecerá a dimensão criativa e comunitária da experiência turística. Desta forma, sugere-se as seguintes oficinas:

- **Oficinas Filhas do Chica Chaves**

A identidade desta oficina está associada à valorização das artesãs do Centro de Artesanato Chica Chaves, priorizando a cocriação como principal atividade. Nesse formato, não há um itinerário turístico fixo, cabendo ao participante a definição prévia de locais de interesse a serem visitados. O foco está na participação em oficinas conduzidas pelas artesãs, em especial a confecção da boneca *Abayomi*. De acordo com Borsetto e Aragão (2020), a boneca *Abayomi*, de origem africana, era confeccionada por mulheres escravizadas a partir de tiras de tecido retiradas de suas próprias vestimentas, unidas por nós e tranças, sem traços fisionômicos, simbolizando afeto, proteção e resistência. A tradição oral relata que, durante as travessias atlânticas, as mães produziam essas figuras para acalmar seus filhos e transmitir valores culturais. Além da oficina de *Abayomi*, as artesãs oferecem oficinas de artesanato identitário em crochê e *biscuit*, inspiradas no símbolo do caju e de costura criativa. Todas as atividades ocorrem no Centro de Artesanato Chica Chaves, com valor opcional de R\$ 50,00 por participante.

- **Oficinas *Brooklin Tour***

Inspirada no bairro de Nova Iorque considerado berço do *hip hop* mundial, esta oficina propõe ressignificar e valorizar a cultura periférica do Bairro Industrial, frequentemente marcada por estigmas e processos de marginalização. A vivência se materializa em oficinas de cocriação vinculadas aos quatro elementos fundamentais do *hip hop*: poesia marginal, grafite e *break*. Essa experiência busca fortalecer a identidade cultural local e proporcionar experiências de cocriação com os visitantes. O valor opcional é de R\$ 50,00 por participante.

- **Rota Mangue *Walking Tour***

Com o intuito de tornar o roteiro mais acessível, a Rota Mangue *Walking Tour* propõe a realização do “Arrudiando o Novo Mangue” de forma inteiramente a pé, sem o uso de transporte ou embarcação. Dessa maneira, o itinerário turístico percorre exclusivamente os atrativos já previstos na estrutura da rota, possibilitando uma vivência mais próxima da realidade local e de baixo custo. O valor estimado por participante é de R\$ 85,00, considerando guia de turismo, alimentação e a margem de lucro de 20%.

A incorporação das oficinas temáticas como opcionais ao roteiro “Arrudiando o Novo Mangue” amplia a diversidade de experiências e reforça o caráter criativo e comunitário previsto no processo de elaboração do roteiro. Ao contemplar tanto atividades imersivas vinculadas ao patrimônio cultural, natural e histórico do bairro Industrial quanto às práticas de cocriação centradas na valorização da identidade local, o roteiro consolida-se como uma alternativa inovadora para o turismo de Aracaju, bem como consolida o modelo de turismo comunitário-criativo para além da teoria.

No entanto, para que o roteiro possa se consolidar, diagnosticou-se a partir das oficinas realizadas com a comunidade que são necessárias algumas ações, a dizer:

- Processos participativos contínuos de planejamento com moradores e agentes locais; Programas de capacitação em hospitalidade criativa e gestão de projetos culturais em parcerias com universidades ou agentes públicos;
- Definição de mecanismos claros de monitoramento de impactos sociais e econômicos; e,
- Articulação com políticas públicas urbanas que promovam infraestrutura e acesso.

Só assim o roteiro deixará de ser apenas um produto e passará a ser um instrumento de transformação social e cultural, em consonância com os princípios da inovação social.

Assim sendo, o produto tecnológico aqui apresentado, favorece a inclusão social e a geração de renda. Além disso, o modelo apresentado promove a ressignificação do território, ao mesmo tempo em que estabelece novas formas de relação entre visitantes e visitados, pautadas pelo respeito, pela participação ativa e pelo reconhecimento da potência cultural do bairro.

## **5.2 Análise do pré-teste do roteiro “Arrudiando o Novo Mangue”**

Visando validar o roteiro turístico comunitário-criativo proposto como produto tecnológico desta pesquisa, foi realizado no dia 17 de outubro de 2025, o pré-teste do roteiro “Arrudiando o Novo Mangue”, no bairro Industrial, em Aracaju/SE. A atividade teve como principal objetivo coletar a percepção de profissionais do turismo e de áreas correlatas acerca de diferentes dimensões do roteiro, tais como: diversidade de produtos e serviços, infraestrutura dos locais visitados, potencial dos atrativos, vivências comunitárias proporcionadas e a aplicação da metodologia comunitária-criativa que orientou todas as etapas da experiência.

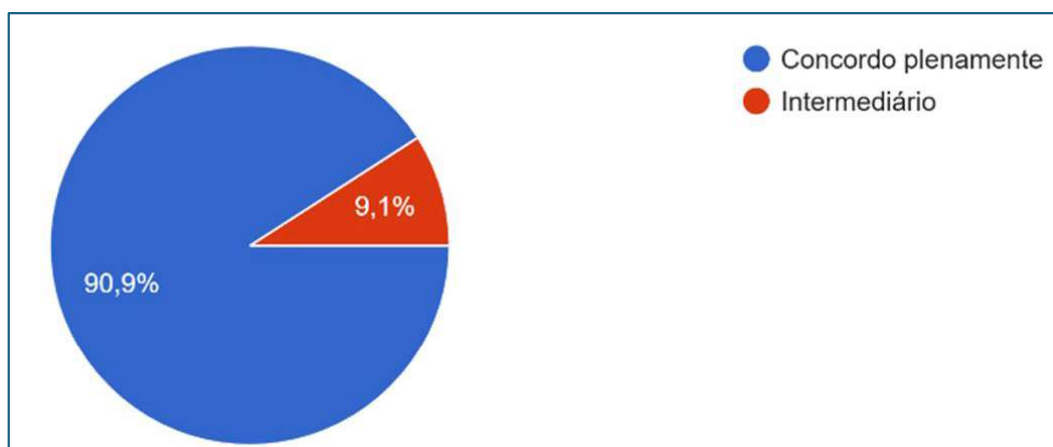
A coleta de dados foi realizada por meio de um formulário *on-line*, o qual permitiu registrar as impressões dos participantes sobre os pontos fortes e os aspectos a serem aprimorados no roteiro. Essa análise representa um momento fundamental no processo de validação do roteiro, pois possibilita compreender, a partir de múltiplos olhares profissionais, como o roteiro é percebido em termos de atratividade, autenticidade, organização e potencial de desenvolvimento comunitário.

Cabe destacar que o público de 11 participante apresentou perfis profissionais diversos, tais como: profissionais guias de turismo, proprietários de agência de turismo receptivo, docentes da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e do Instituto Federal de Sergipe (IFS) das áreas de Serviço Social, Geografia e Turismo, bem como profissionais da Enfermagem, do Direito e da Publicidade e Propaganda. Assim sendo, foi possível englobar diferentes áreas de atuação e experiências dentro do campo do turismo. Essa pluralidade de perspectivas enriqueceu o processo avaliativo, permitindo identificar convergências nas percepções sobre os elementos que compõem o roteiro. A seguir, são apresentados os principais resultados do pré-

teste, destacando as visões, impressões e contribuições dos participantes acerca da proposta “Arrudiando o Novo Mangue”.

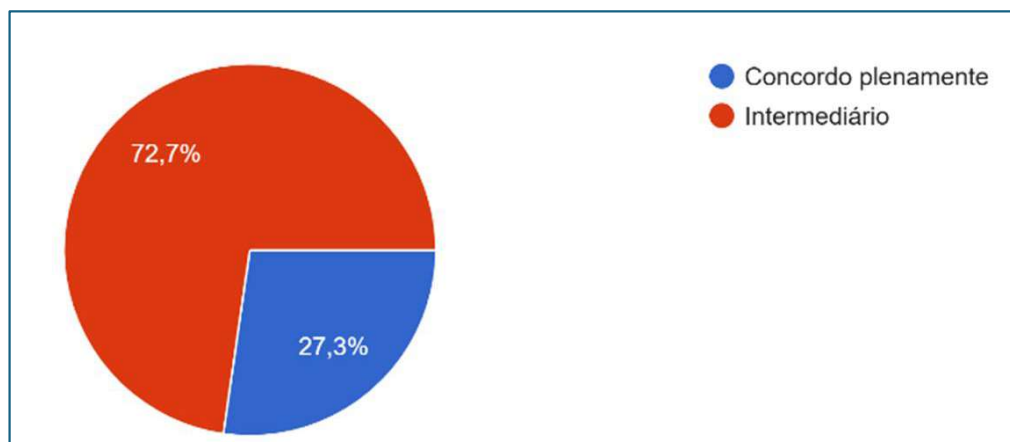
De modo geral, os participantes reconheceram que o roteiro apresenta boa diversidade de produtos e serviços (90,9%), enquanto apenas (9,1%) alegaram que a diversidade em termos de produtos e serviços é intermediária (Gráfico 8). Desta feita, percebe-se que as diferentes articulações e experiências, como visitas a empreendimentos locais, como o centro de artesanato Chica Chaves, visita aos espaços culturais, a exemplo do complexo Dona Finha; e atividades de interação comunitária a partir do princípio da cocriação. Essa pluralidade foi destacada como um ponto positivo, pois amplia o interesse do visitante e favorece a valorização de diferentes expressões culturais do território.

**Gráfico 8:** Diversidade em termos de produtos e serviços do roteiro



Fonte: Pesquisa de avaliação do roteiro, 2025.

Entretanto, ao considerar a infraestrutura dos locais visitados no roteiro, 72,7% dos participantes alegaram que a infraestrutura dos locais visitados é intermediária, apenas 27,3% avaliaram de forma positiva a infraestrutura. Esses dados sinalizam a necessidade de políticas públicas relacionadas à melhoria na infraestrutura turística no bairro Industrial, conforme apresenta-se no gráfico abaixo (Gráfico 9).

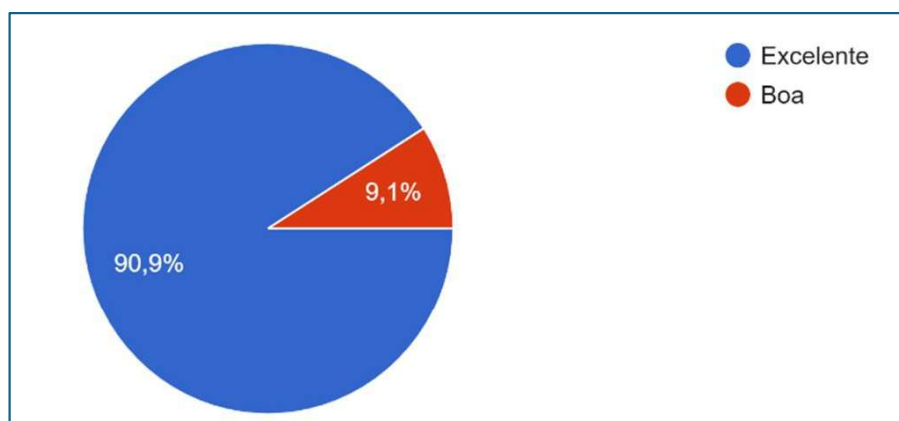
**Gráfico 9:** Avaliação da infraestrutura dos locais visitados

Fonte: Pesquisa de avaliação do roteiro, 2025.

Quando questionados se os empreendimentos e atrativos do roteiro possuem potencial para manter o interesse do turista, 100% dos respondentes afirmaram concordar plenamente com essa proposição. O mesmo índice foi observado em relação à afirmação de que o roteiro conserva os meios de vida e de produção autênticos, reforçando a percepção coletiva sobre a coerência do roteiro com os princípios do turismo comunitário e criativo.

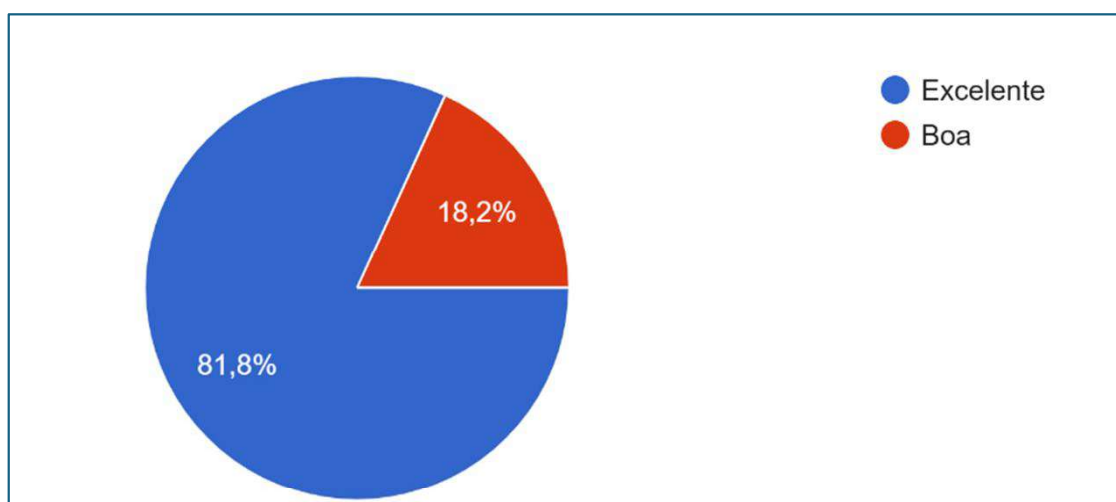
Esses dados indicam que as experiências propostas no “Arrudiando o Novo Mangue” são percebidas como autênticas e sustentáveis, permitindo uma imersão genuína na realidade local. Além disso, sugerem que o roteiro promove não apenas o interesse continuado do visitante, mas também o reconhecimento e a valorização das práticas socioculturais e econômicas das comunidades envolvidas.

No que se refere à vivência e interação com a comunidade local, observa-se que 90,9% dos respondentes classificaram a experiência como “Excelente”, enquanto 9,1% avaliaram como “Boa”, não havendo registros nas categorias “Regular” ou “Ruim” (Gráfico 10). Esse resultado demonstra que a interação entre visitantes e comunidade ocorreu de forma positiva e significativa, evidenciando o protagonismo dos moradores locais na condução das atividades e a receptividade em compartilhar seus saberes, fazeres e modos de vida.

**Gráfico 10:** Avaliação da vivência e interação com a comunidade local durante o roteiro

Fonte: Pesquisa de avaliação do roteiro, 2025.

Em relação às experiências de cocriação com a comunidade que englobam atividades compartilhadas, trocas interativas e práticas de produção coletiva, os dados indicam que 81,8% dos participantes consideraram a vivência “Excelente” e 18,2% “Boa”, sem avaliações negativas (Gráfico 11). Essa predominância sinaliza que as ações colaborativas foram percebidas como autênticas, envolventes e capazes de gerar pertencimento e aprendizado mútuo, fortalecendo a noção de que o roteiro se constitui como um espaço de criação conjunta entre visitantes e comunidade anfitriã, em consonância com os princípios do turismo criativo-comunitário.

**Gráfico 11:** Avaliação das experiências de cocriação com a comunidade

Fonte: Pesquisa de avaliação do roteiro, 2025.

Vale destacar que as experiências de cocriação vivenciadas no pré-teste incluíram:

- a) Roda de conversa no Centro de Artesanato Chica Chaves;

- b) Almoço comunitário na Prainha do bairro Industrial;
- c) Visita ao estaleiro de barcos artesanais;
- d) Visita à Área de Proteção Ambiental (APA) Morro do Urubu.

A roda de conversa no Centro de Artesanato Chica Chaves, onde as artesãs puderam verbalizar suas experiências com o artesanato, bem como apresentar a oficina “Filhas do Chica Chaves” com destaque para a confecção da boneca “*abayomi*”, pois muitos dos participantes não sabiam da narrativa que envolve a confecção da boneca (Fotos 25 e 26).

**Foto 25** - Artesã Vilma apresentando a boneca “*Abayomi*”



Foto de Larissa Bomfim, 2025.

**Foto 26** - Participantes do pré-teste com as artesãs do Chica Chaves



Foto de Larissa Bomfim, 2025.

A outra experiência de cocriação foi realizada durante o período da refeição. Mais do que um momento de confraternização, a refeição representou uma continuidade simbólica das vivências imersivas realizadas anteriormente, especialmente na Ilha da Pomonga. Vale destacar que os mariscos e frutos do mar servidos durante o almoço foram pescados nos arredores da ilha, reforçando o vínculo entre a experiência turística e os modos de vida locais. Essa prática valoriza o ciclo produtivo tradicional e o protagonismo das famílias envolvidas na pesca artesanal, além de proporcionar aos visitantes uma vivência autêntica dos sabores e saberes da comunidade. Assim, o almoço comunitário configurou-se como um momento de interação da comunidade com os participantes do roteiro, reafirmando os princípios do turismo comunitário-criativo, em que cada etapa do roteiro se conecta à identidade e às práticas cotidianas dos moradores (Fotos 27 e 28).

**Foto 27:** Almoço na Prainha do Bairro Industrial**Foto 28:** Refeições servidas

Foto de Larissa Bomfim, 2025.

Após o almoço, foi realizada uma caminhada pela Prainha do bairro Industrial, conduzida por um membro da própria comunidade, que durante as oficinas demonstrou habilidades e potencial para atuar como condutor local, desde que devidamente acompanhado por um guia de turismo credenciado pelo Ministério do Turismo.

Como já exposto anteriormente, a comunidade da Prainha é reconhecida não apenas por sua trajetória de luta por moradia, mas também por sua tradição na construção de embarcações artesanais. A partir dessa narrativa histórica, seguindo os princípios metodológicos que orientam o roteiro, os visitantes tiveram a oportunidade de visitar um estaleiro de barcos artesanais e dialogar com os mestres construtores, em um momento de intensa troca de saberes e experiências. Essa vivência foi amplamente destacada pelos participantes como memorável e enriquecedora, especialmente por revelar processos manuais e conhecimentos tradicionais que, muitas vezes, são desconhecidos por quem vive fora do contexto ribeirinho (Fotos 29, 30 e 31).

**Foto 29 - Visita ao estaleiro naval da prainha****Foto 30 - Visita ao estaleiro naval**

Foto de Larissa Bomfim, 2025.

**Foto 31 - Registros da visita no estaleiro naval**

Foto de Larissa Bomfim, 2025.

Ao longo de todo o percurso, a experiência foi se configurando como um ciclo completo de imersão comunitária e ribeirinha, tendo em vista que os visitantes navegaram em embarcações artesanais, vivenciaram o cotidiano do manguezal na Ilha da Pomonga, degustaram a culinária regional à base de frutos do mar e, por fim, conheceram o processo de construção dos barcos que sustentam grande parte da economia e da identidade local. Assim, o

roteiro “Arrudiando o Novo Mangue” reafirma seu caráter educativo, participativo e criativo, promovendo um turismo que valoriza o saber-fazer tradicional e fortalece os laços entre visitantes e comunidade anfitriã (Foto 32).

**Foto 32:** Registros da finalização da experiência na Prainha



Foto de Larissa Bomfim, 2025.

Para além das experiências voltadas à cocriação e à imersão comunitária, o roteiro também proporcionou a visita à Área de Proteção Ambiental (APA) Morro do Urubu, ampliando o olhar dos participantes sobre o território e suas múltiplas dimensões ambiental, cultural e simbólica. A atividade foi conduzida por um guia de turismo credenciado, que apresentou uma contextualização histórica do local, bem como informações sobre a biodiversidade e as curiosidades que envolvem a área (Foto 33).

Durante a visita, um morador da comunidade compartilhou sua própria percepção sobre o lugar, referindo-se ao espaço como o “Morro da Verdade”. Segundo seu relato, diante da beleza exuberante e da natureza preservada, aquele é um ambiente onde é possível conectar-se profundamente com a natureza, um espaço em que “apenas a verdade prevalece”. Essa fala, carregada de simbolismo e afeto, expressa o vínculo emocional e espiritual da comunidade com o bairro, revelando como o sentir e o pertencer também constituem dimensões fundamentais da experiência turística.

Tal relato sensibilizou os participantes, ampliando a compreensão de que o turismo comunitário-criativo vai além da visitação de espaços: ele envolve vivências que tocam o sensível, promovendo uma relação de respeito, escuta e reconexão com o meio ambiente e com as narrativas locais. Dessa forma, o momento no Morro do Urubu reafirmou o potencial do roteiro em articular natureza, cultura e emoção em uma proposta de turismo transformador e participativo (Figura 33).

**Foto 33** - Visita ao Morro do Urubu



Foto de Larissa Bomfim, 2025

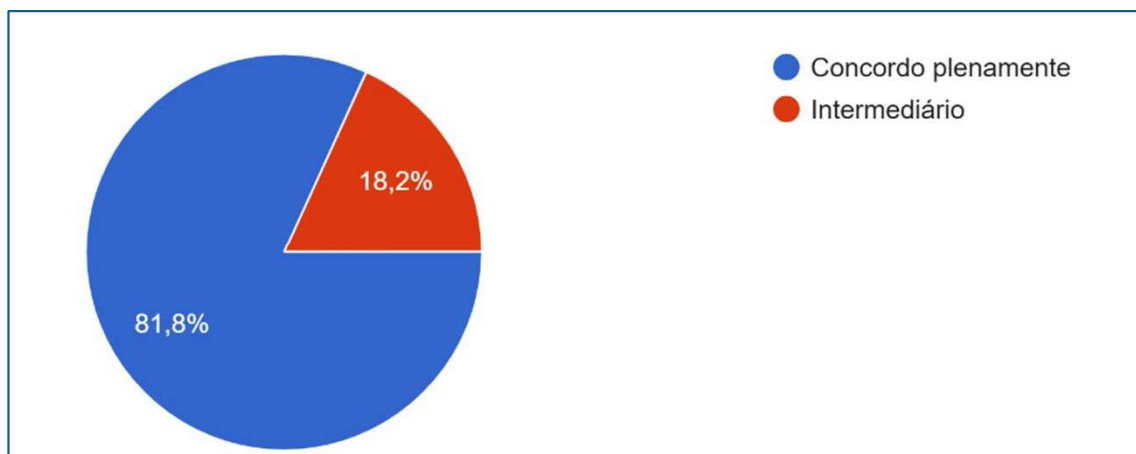
Em continuidade à proposta, a experiência finalizou no alto da Colina do Santo Antônio, atrativo que, embora não esteja localizado no Bairro Industrial, proporcionou uma visão panorâmica de toda a região. Antes da chegada ao local, foi possível contextualizar elementos emblemáticos do bairro, como o Espaço Imbuça e a Rua de São João, ampliando a compreensão dos participantes sobre os processos sociais e culturais que contribuí para o processo de histórico e cultural do bairro. Do alto da colina, os visitantes puderam observar a paisagem urbana do bairro Industrial e compreender de forma mais ampla o processo histórico de formação da cidade de Aracaju, conectando o itinerário vivenciado e às origens e transformações da capital sergipana (Foto 34).

**Foto 34:** Chegada na Colina do Santo Antônio

Foto de Larissa Bomfim, 2025

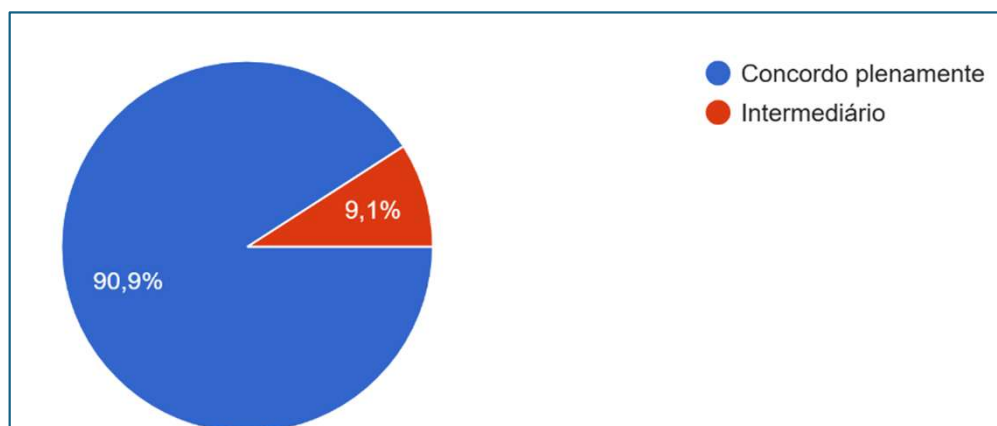
De modo geral, as experiências vivenciadas ao longo do roteiro “Arrudiando o Novo Mangue” evidenciam o êxito das práticas de cocriação com a comunidade, ao integrarem atividades produtivas, saberes tradicionais, narrativas locais e dimensões afetivas em um mesmo roteiro turístico. A articulação entre natureza, cultura e comunidade consolidou um processo de aprendizagem mútua e de valorização identitária, reafirmando o potencial do roteiro como uma pedagogia de resistência transformadora. Assim, as vivências analisadas demonstram que o turismo comunitário-criativo, quando orientado pelo respeito às territorialidades e pelo protagonismo local, é capaz de promover experiências autênticas, sensíveis e sustentáveis, fortalecendo tanto o sentimento de pertencimento das comunidades quanto o envolvimento emocional e reflexivo dos visitantes.

A partir do que já foi mencionado sobre as vivências do pré-teste do roteiro, observa-se uma avaliação amplamente positiva quanto à estrutura e organização do “Arrudiando o Novo Mangue”. Em relação ao tempo de saída, chegada e permanência nos atrativos, 81,8% dos participantes afirmaram concordar plenamente com a adequação do cronograma, enquanto 18,2% avaliaram como intermediário, sugerindo pequenos ajustes, mas sem comprometer a experiência geral (Gráfico 12). Esse resultado indica que a distribuição temporal das atividades foi considerada satisfatória, permitindo uma vivência equilibrada entre deslocamentos, momentos de observação e de interação com a comunidade.

**Gráfico 12:** Avaliação da estrutura do roteiro

Fonte: Pesquisa de avaliação do roteiro, 2025.

No que se refere à seleção dos pontos que compõem o roteiro, a avaliação foi ainda mais expressiva: 90,9% dos respondentes concordaram plenamente que os locais escolhidos são pertinentes e representativos da proposta e apenas 9,1% classificou a estrutura como intermediária (Gráfico 13).

**Gráfico 13 -** Pontos selecionados para composição do roteiro

Fonte: Pesquisa de avaliação do roteiro, 2025.

Esses dados reforçam a coerência temática e territorial do roteiro, demonstrando que a escolha dos espaços visitados, a partir das oficinas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), conseguiu integrar atrativos culturais, naturais e comunitários de forma harmoniosa. Assim, a percepção dos participantes aponta que o roteiro apresenta potencial consolidado de atratividade e fluidez operacional, aspectos essenciais para sua continuidade e futura replicabilidade no contexto do turismo comunitário-criativo.

Os relatos apresentados pelos participantes reforçam, de maneira enfática, o caráter autêntico, participativo e imersivo do roteiro “Arrudiando o Novo Manguê”. Entre os pontos positivos mais mencionados, destacam-se a diversidade de experiências proporcionadas tais como: o passeio de *tototó*<sup>12</sup>, a imersão no manguezal, a visita à Ilha da Pomonga e o contato direto com os moradores locais, bem como a forte presença de elementos culturais, históricos e naturais que conferem identidade singular à proposta.

As falas evidenciam que o roteiro é percebido como inovador e diferenciado, rompendo com o formato tradicional de visitação turística. Essa inovação se manifesta tanto na integração entre natureza, cultura e comunidade, quanto na valorização das práticas cotidianas dos moradores do bairro Industrial, que passam a ser reconhecidos como protagonistas do processo turístico. O sentimento de pertencimento dos condutores e artesãos locais, especialmente figuras como o senhor Humberto - mestre barqueiro - e o condutor Igor, foi amplamente destacado como um diferencial simbólico e afetivo, capaz de emocionar e engajar os visitantes.

Outro aspecto fortemente ressaltado nas respostas foi a sensação de encantamento e acolhimento comunitário, associada ao contato com a natureza e à hospitalidade dos moradores. A vivência no manguezal e o compartilhamento de saberes tradicionais foram descritos como “experiências multissensoriais, que despertam o olhar do visitante”<sup>13</sup> para a riqueza ambiental e cultural do território, ao mesmo tempo em que valorizam as práticas de subsistência locais, como a pesca artesanal e a gastronomia à base de frutos do mar.

Os participantes também reconheceram o roteiro como um instrumento de educação patrimonial e ambiental, ao possibilitar que muitos aracajuanos redescubram a história e a importância cultural do bairro Industrial, um território frequentemente invisibilizado nos produtos turísticos tradicionais. Essa redescoberta se associa à percepção de que o roteiro é dinâmico, acessível e adaptável a diferentes perfis de visitantes, apresentando potencial comercial, pedagógico e sustentável.

Por fim, na avaliação positiva os depoimentos destacam que o grande diferencial do roteiro está na participação ativa da comunidade, que, ao receber e compartilhar suas vivências,

---

<sup>12</sup> Tototós são canoas construídas de madeira movidas por motor, que, diariamente, fazem a travessia de passageiros e também de turistas entre os dois municípios de Aracaju/Barra dos Coqueiros. São Patrimônio Cultural Sergipano

<sup>13</sup> Informação coletada no formulário de avaliação do pré-teste do roteiro aplicado em 17/10/25;

gera trocas simbólicas e afetivas entre visitantes e anfitriões. Essa interação, somada ao ritmo equilibrado das atividades e ao aproveitamento do tempo de permanência, contribui para experiências significativas e transformadoras, reafirmando os princípios do turismo comunitário-criativo como prática de valorização cultural, fortalecimento identitário e geração de oportunidades locais.

A partir da análise das respostas sobre os pontos negativos do roteiro, observa-se que a maioria das críticas se relaciona à infraestrutura dos atrativos e aos aspectos operacionais da visita, refletindo desafios comuns em experiências de turismo comunitário em áreas com baixo investimento público. Entre as principais observações, destacam-se a necessidade de melhorias nos espaços de parada para banho, incluindo sinalização, cordas de segurança e controle de áreas de mergulho, considerando a segurança dos visitantes que não possuem familiaridade com ambientes aquáticos.

Foram também mencionadas questões relacionadas à limpeza e manejo de resíduos, apontando a presença de lixo em alguns pontos naturais, o que reforça a importância de estratégias de educação ambiental e sensibilização dos visitantes e comunitários. No tocante à infraestrutura, surgiram críticas quanto à falta de banheiros adequados, estrutura precária no restaurante escolhido e à ausência de locais de apoio nas paradas, como chuveiros ou pontos de descanso, sobretudo considerando o perfil diversificado do público participante, incluindo idosos.

Outro ponto recorrente nas respostas foi a preocupação com a segurança física dos visitantes, exemplificada pelo relato de um participante que sofreu pequeno ferimento ao pisar em fragmentos de casca de ostra durante a visita ao manguezal, o que evidenciou a necessidade de planejar medidas de mitigação de riscos, como o uso de calçados adequados e o preparo prévio do trajeto, sem comprometer o equilíbrio ambiental.

No campo da mediação e condução das atividades, as observações ressaltaram a importância de capacitar os condutores locais, fortalecendo aspectos como comunicação, postura profissional, vestimenta e adoção de condutas adequadas, o que contribuiria para aprimorar a experiência e ampliar a credibilidade das iniciativas comunitárias. Além disso, foi sugerida a entrega de máscaras durante a visita ao estaleiro, em razão da presença de partículas em suspensão que podem causar desconfortos respiratórios. Esta sugestão denota atenção às condições de saúde e bem-estar dos participantes.

De forma mais ampla, os participantes destacaram que não identificaram falhas graves no roteiro, mas perceberam limitações estruturais decorrentes da ausência de investimento público, reforçando o potencial do bairro Industrial como território de grande valor histórico, cultural e ambiental, ainda subexplorado pelo poder público. As justificativas das respostas indicam que, por se tratar da primeira execução do roteiro, as fragilidades observadas são compreendidas como “pequenas arestas” passíveis de aperfeiçoamento gradual, com destaque para a necessidade de integração contínua entre comunidade, guias e gestores públicos.

Por fim, as sugestões reforçam o potencial transformador do roteiro como ferramenta de fortalecimento identitário e geração de renda, apontando caminhos como o diálogo com empreendedores locais, ampliação da permanência em determinados pontos, incentivo ao turismo educativo e valorização dos espaços de produção artesanal.

De modo geral, as críticas e recomendações revelam uma percepção construtiva, em que a experiência é entendida como um processo em evolução, cujas melhorias dependem de planejamento participativo, formação comunitária e suporte do poder público para alcançar um modelo sustentável e representativo do bairro Industrial e de sua comunidade.

Assim sendo, a avaliação do roteiro piloto evidência que a experiência alcançou seus objetivos principais ao promover uma imersão significativa no bairro e fortalecer o diálogo entre profissionais do turismo, comunidade local e espaços de memória do bairro Industrial. As respostas dos participantes revelam um reconhecimento coletivo do potencial do roteiro enquanto instrumento de valorização cultural, educativa e ambiental, ao mesmo tempo em que apontam para a necessidade de ajustes pontuais que garantam maior conforto, segurança e infraestrutura.

A leitura conjunta dos dados sugere que o “Arrudiando o Novo Mangue” constitui uma iniciativa promissora e em processo de consolidação, que deve ser aperfeiçoada de forma colaborativa, respeitando o protagonismo comunitário e os princípios do turismo sustentável. Assim, o roteiro se reafirma não apenas como uma proposta de visitação, mas como uma ferramenta pedagógica e social capaz de sensibilizar olhares, fomentar pertencimento e inspirar novas práticas de turismo comunitário-criativo e sustentável em Aracaju.

### **5.3 Logomarca**

A marca do Arrudiando o Novo Mangue, nasce com uma identidade que une tradição, comunidade e inovação, ressignificando o bairro Industrial em Aracaju através do turismo comunitário - criativo. O nome já carrega um simbolismo forte - “Arrudiar” – que, como já dito anteriormente, significa dar a volta, percorrer e conhecer, reforçando exatamente o que a essência do roteiro turístico aqui proposto (Figura 8).

**Figura 8:** Logomarca



**Fonte:** Elaborado pelo designer Ian Silva, 2025

A marca foi elaborada pelo *design* gráfico Ian Silva e apresenta esse movimento circular - o ato de *arrudiar* - por meio de composições orgânicas e do traço fluido da tipografia que remetem à escrita manual, à criatividade popular e ao caráter da cocriação da experiência. A paleta de cores foi inspirada, na natureza do manguezal e nos elementos que compõem o Bairro Industrial (Figura 9).

**Figura 9 - Paleta de Cores**

Fonte: Elaborado pelo designer Ian Silva, 2025

O marrom representa a terra fértil e a base comunitária, enquanto o ocre dourado traduz a energia do sol e da criatividade. O azul remete as águas do rio Sergipe, o terracota conecta-se ao artesanato e a cultura local, o bege claro equilibra a composição com suavidade e acolhimento.

A marca integra elementos naturais e culturais do bairro Industrial, traduzindo em seus traços orgânicos e fluidos a ideia de movimento e do “arruviar”. A ponte Aracaju-Barra surge reinterpretada como símbolo de travessia e pertencimento, enquanto o *lettering*<sup>14</sup> remete a expressão cultural nordestina e ao caráter artesanal da experiência (Figura 10).

**Figura 10 - Ícones visuais para fortalecer a marca**

Fonte: Elaborado pelo designer Ian Silva, 2025

<sup>14</sup> *Lettering*: É a arte de desenhar letras como se fossem formas ou símbolos, e permite combinar diferentes estilos, tamanhos e cores (Adobe, 2021).

Essa construção reforça a identidade local, ressignifica o território como destino turístico inovador e contribui para a valorização da comunidade local e mantém a versatilidade para as diferentes aplicações do digital ao impresso, conforme visualizado abaixo (Figura 11).

**Figura 11** - Visualização da aplicabilidade da marca



Fonte: Elaborado pelo designer Ian Silva, 2025.

Desta forma, a marca do roteiro expressa visualmente a identidade e os valores do projeto “Arrudiando o Novo Manguê”, constituindo-se como elemento essencial de coesão estética e comunicacional.

#### **5.4 Folder com mapa turístico**

Este produto tecnológico trata-se não somente de um instrumento de navegação, como também, uma ferramenta essencial para expansão do roteiro. O mapa apresenta uma representação visual dos atrativos turísticos que compõe o roteiro, de maneira clara e acessível, a fim de agregar valor à experiência do visitante. Dessa forma, se configura como um recurso

estratégico que amplia o alcance e o impacto do roteiro, fortalecendo a conexão e sinergia entre os visitantes e a comunidade local.

A experiência do visitante é enriquecida quando se tem a disposição um mapa interativo e bem elaborado, permitindo uma autonomia ao visitar o bairro Industrial sob a ótica do “novo mangue”. Assim, considera-se que o mapa permite que os visitantes personalizem a sua experiência, escolhendo elementos do roteiro que se alinhem com seus interesses pessoais (Graça; Fernandes, 2014; Anjos, 2016).

A partir disso, as informações contidas no *folder* foram definidas com o objetivo de divulgar e auxiliar no processo de comercialização do produto. Entretanto, Melo (2004) destaca que o *folder* turístico também aporta outros benefícios ao produto: a) Visibilidade e Alcance; b) Material Promocional Acessível; c) Qualidade da Informação; d) Impressão de Marca e Identidade; e) Acesso e Conveniência; e, f) Promoção de Parcerias Locais. Com base nisso, para o *folder* do roteiro “Arrudiando o novo mangue” serão consideradas as seguintes informações (Quadro 9):

**Quadro 9:** Elementos do folder do roteiro “Arrudiando o novo mangue”

O QUE VISITAR	O QUE FAZER
Orla do Bairro Industrial	Contemplar e navegar pelo rio Sergipe, bem como visitar o centro de artesanato chica chaves e possibilita a experiência de oficinas participativas com a aprendizagem da boneca “ <i>abayomi</i> ”, e construção de artesanato identitários de Aracaju
Ilha Pomonga	Apreciar a beleza do manguezal a partir da cocriação com marisqueiras e pescadores, e vivenciar um banho com águas mornas e tranquilas
Complexo Dona Finha	O espaço homenageia a memória de “Dona Finha”, figura de referência comunitária, e oferece ao visitante a contemplação da arte periférica como também a possibilidade de oficinas de imersão na cultura periférica.
Prainha do Bairro Industrial	Visita a comunidade ribeirinha, com o almoço no restaurante comunitário as margens com visita para o rio Sergipe, na prainha também é possível visitar um estaleiro naval e compreender o processo de criação de um barco artesanal
Morro do Urubu	Trilha ecológica na única reserva de Mata Atlântica de Aracaju
Colina do Santo Antônio	Considerada o marco zero de Aracaju, a visita reforça a articulação entre o passado e presente do bairro Industrial, pois o processo de transformação social inicia aqui.

Fonte: Elaboração própria, 2025.

O folder turístico trata-se de um instrumento de orientação e interpretação espacial e configura-se como uma representação visual clara e acessível dos atrativos que compõem o roteiro (Figuras 12 e 13). Para além de sua função informativa, o folder atua como mediador simbólico entre visitantes e comunidade, favorecendo a leitura do território enquanto expressão de identidades, memórias e práticas socioculturais. Desse modo, ultrapassa o caráter meramente ilustrativo ao assumir papel pedagógico e comunicativo, promovendo o reconhecimento e a valorização do patrimônio material e imaterial do bairro.

**Figura 12** – Folder do Arrudiando o Novo Mangue (Frente)



Fonte: Elaborado pelo designer Ian Silva, 2025

**Figura 13**– Folder do Arrudiando o Novo Mangue (Verso)



Fonte: Elaborado pelo designer Ian Silva, 2025.

Os produtos tecnológicos desenvolvidos no âmbito desta pesquisa - o roteiro “Arrudiando o Novo Mangue”, a marca e o folder turístico - se configuram como instrumentos estratégicos para a consolidação e difusão do roteiro comunitário-criativo no Bairro Industrial. No entanto, vale ressaltar que mais do que recursos gráficos, ambos assumem papéis simbólicos e funcionais que dialogam diretamente com a identidade local, reforçando a proposta de um turismo inovador, participativo e sensível às singularidades do bairro.

A articulação entre o folder e a marca reforça a coerência entre representação territorial e expressão visual, consolidando uma narrativa integrada que potencializa o reconhecimento e a legitimidade do roteiro. Enquanto o folder orienta e amplia a experiência turística, a marca consolida sua identidade simbólica, contribuindo para o fortalecimento do pertencimento comunitário e para a inserção do bairro Industrial nas iniciativas de turismo comunitário-criativo em contextos urbanos.

## 5.5 Benefícios dos produtos tecnológicos para a comunidade local

As contribuições dos produtos tecnológicos aqui citados são pensadas em diferentes perspectivas, mas estão pautadas no fortalecimento comunitário, tendo em vista que os produtos citados não só beneficiam o visitante/turista como também fortalecem a conexão entre a comunidade e o roteiro turístico, bem como fortalecem a conexão entre o visitante e a comunidade.

Ao envolver a comunidade no roteiro turístico, garante que seus conhecimentos e as suas vozes que, muitas vezes, são silenciadas pela sociedade ecoem de maneira significativa contribuindo com a preservação do seu saber-fazer, da sua cultura, o que contribui para a construção de uma narrativa mais inclusiva. Dessa forma, estimula-se o senso de pertencimento e orgulho.

A integração entre os diferentes produtos tecnológicos aqui expostos, potencializa os efeitos positivos sobre o território, sobretudo no campo socioeconômico. Esses instrumentos ampliam a visibilidade do bairro e de seus atrativos, favorecendo a circulação de visitantes e a criação de oportunidades de negócios locais, como a oferta de serviços, produtos artesanais e experiências culturais. Conseqüentemente, observam-se o fortalecimento da economia criativa e o incremento da renda comunitária, alinhando-se aos princípios metodológicos já abordados anteriormente.

Além de gerar benefícios econômicos, a integração desses produtos tecnológicos contribui para a consolidação de um modelo de turismo comunitário-criativo, pautado na inovação social, na valorização dos saberes/fazeres locais, na sustentabilidade social e na inovação cultural. Assim, a elaboração e implementação dessas ferramentas fortalecem a identidade cultural, impulsionam a economia local e ampliam a diversificação da oferta turística da cidade de Aracaju, inserindo o bairro Industrial em novas dinâmicas de visibilidade e pertencimento no contexto do turismo urbano.

Em síntese, observa-se que os produtos tecnológicos concebidos no âmbito desta pesquisa transcendem sua dimensão funcional ao assumirem papel estratégico na valorização cultural e no fortalecimento socioeconômico da comunidade local. Mais do que instrumentos de promoção turística, o roteiro “Arrudiando o Novo Mangue”, a marca e o *folder* constituem-se como estratégias de comunicação a partir da mediação simbólica, capazes de promover o diálogo entre território, memória e identidade.

Esses produtos reafirmam o protagonismo comunitário e contribuem para a consolidação de um modelo de turismo pautado nos princípios comunitários, na criatividade, na sustentabilidade e na inclusão social. Desse modo, o conjunto das ações propostas não apenas amplia a visibilidade do bairro Industrial no contexto urbano de Aracaju, como também sinaliza caminhos para práticas turísticas mais éticas, colaborativas e alinhadas às dinâmicas contemporâneas do desenvolvimento local.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme visto ao longo desta pesquisa, o presente estudo teve como objetivo geral elaborar um roteiro turístico comunitário-criativo no bairro Industrial, considerando uma abordagem sustentável e participativa voltada à valorização dos recursos locais. O turismo configura-se como um fenômeno social, econômico e cultural de natureza dinâmica, que reflete e, ao mesmo tempo, influencia múltiplos aspectos da sociedade. Analisando a cidade de Aracaju, observa-se que a atividade turística tem se consolidado de forma crescente, conforme os dados apresentados, evidenciando assim a necessidade da capital sergipana em diversificar seus produtos e experiências.

Diante desse panorama, torna-se fundamental investir em estratégias de diferenciação e inovação capazes de posicionar Aracaju em sintonia com as novas tendências do turismo mundial, voltadas à sustentabilidade, à criatividade e à valorização das comunidades locais.

A pesquisa revelou que os roteiros turísticos se configuram como instrumentos estratégicos de diversificação da oferta turística local, principalmente no contexto do turismo comunitário-criativo como uma abordagem de inovação social, que permite explorar novos espaços, fortalecer a identidade territorial e dinamizar a economia de comunidades, até então, pouco inseridas na cadeia produtiva do turismo.

Nessa perspectiva, o bairro Industrial, um dos mais antigos e culturalmente ricos de Aracaju, despontou como um território singular para a prática do turismo, uma vez que sua história, seu patrimônio imaterial e sua localização às margens do rio Sergipe oferecem condições ideais para a prática de um turismo que una natureza, cultura e a comunidade em um mesmo percurso de experiências turísticas imersivas.

A partir da experiência vivenciada durante o pré-teste do roteiro, foi possível constatar que o produto desenvolvido reúne todos os atributos necessários para consolidar-se como uma proposta inovadora de turismo em Aracaju.

A validação do roteiro “Arrudiando o Novo Mangue” evidenciou a aplicabilidade e a pertinência do modelo de turismo comunitário-criativo no contexto aracajuano, revelando seu potencial de integração entre comunidade, visitantes e natureza.

Para alcançar tal propósito, foram delineados objetivos específicos que orientaram o percurso metodológico tais como: identificar as potencialidades culturais e naturais do bairro; diagnosticar a infraestrutura existente; analisar os roteiros turísticos ofertados pelas agências receptoras de Aracaju; propor ações educativas voltadas à comunidade local; e incentivar sua participação direta na criação e execução das experiências turísticas. Ao final do processo, pode-se afirmar que todos esses objetivos foram efetivamente alcançados, resultando na elaboração de um roteiro turístico que alia teoria e prática, inovação e tradição, planejamento técnico e escuta comunitária.

Os resultados confirmaram a viabilidade e relevância do turismo comunitário-criativo como estratégia de desenvolvimento territorial e diversificação da oferta turística de Aracaju. As oficinas de diagnóstico participativo e os momentos de escuta comunitária foram determinantes para a construção de uma proposta que emerge das narrativas locais, valorizando saberes, modos de vida e as expressões culturais.

Assim, o roteiro “Arrudiando o Novo Mangue” não se limita a apenas um roteiro turístico, tendo em vista que também representa um instrumento de fortalecimento social a partir de uma pedagogia de resistência que desperta o sentimento de pertencimento e contribui para a valorização do bairro, do rio que dá nome ao estado e do ecossistema de manguezal que define a paisagem e a identidade do bairro.

Do ponto de vista teórico, a revisão de literatura possibilitou compreender o turismo comunitário-criativo como uma iniciativa de inovação social, capaz de gerar transformações econômicas, simbólicas e identitárias. A ausência de uma base teórica nacional consolidada sobre o tema configurou uma das principais limitações conceituais do estudo.

Contudo, a literatura internacional, especialmente a produzida em países europeus, como Portugal, forneceu referenciais sólidos que permitiram uma adaptação crítica e contextualizada à realidade brasileira. Essa lacuna teórica nacional, longe de ser um obstáculo definitivo, revela-se como uma oportunidade para novos estudos, incentivando a expansão do debate sobre turismo comunitário-criativo no Brasil e seu papel como vetor de inovação e inclusão social.

Durante o desenvolvimento do projeto, algumas limitações práticas também merecem destaque. Nos primeiros contatos com representantes sociais, como no caso do grupo “Punho

de Ouro”, observou-se que a atuação da pesquisadora enquanto servidora da Secretaria Municipal de Turismo de Aracaju gerou interpretações equivocadas quanto aos interesses e finalidades da pesquisa, o que ocasionou atrasos em algumas atividades previstas. A superação dessas situações exigiu sensibilidade, diálogo e postura ética, reforçando a importância da transparência e da neutralidade institucional em pesquisas que envolvem comunidades e agentes públicos.

Além disso, a falta de infraestrutura adequada, como um ponto de embarque e desembarque específico para as atividades utilizadas no percurso náutico, configurou-se em outro desafio importante, limitando a execução plena do roteiro piloto. Essa limitação reforça a necessidade de investimentos públicos e privados em infraestrutura turística comunitária, fundamental para garantir a segurança, acessibilidade e sustentabilidade das atividades turísticas no bairro Industrial.

Apesar desses desafios, os resultados demonstraram que a proposta contribuiu significativamente para o fortalecimento de uma nova forma de fazer turismo em Aracaju, pautada na criatividade, na comunidade e na sustentabilidade. O roteiro “Arrudiando o Novo Mangue” se consolidou como uma ferramenta de valorização cultural e ambiental, capaz de inspirar políticas públicas e estratégias de planejamento turístico que descentralizem o fluxo de visitantes, promovendo um desenvolvimento equilibrado, participativo e inclusivo da capital sergipana.

Por fim, esta pesquisa abre caminhos para novas investigações acadêmicas e práticas profissionais, tanto no campo do turismo comunitário-criativo quanto nas discussões sobre inovação social aplicada ao turismo. O bairro Industrial, enquanto território de memória, resistência e criatividade, apresenta-se como um laboratório vivo para futuras pesquisas que possam aprofundar as relações entre turismo, cultura e sustentabilidade.

Espera-se que as reflexões e resultados aqui apresentados estimulem gestores, pesquisadores e comunidades a seguirem construindo coletivamente um modelo de turismo mais humano, criativo e transformador, capaz de integrar desenvolvimento econômico, valorização cultural e justiça social.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, M. Sobre a memória das cidades. **Revista da Faculdade de Letras – Geografia**, v.XIV. Departamento de Geografia. Universidade Federal Rio de Janeiro. 1998. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1609.pdf>. Acesso em 25. Out.24
- ADOBE Brasil. *Lettering: o que é e por onde começar*. **Blog Adobe Brasil**.2021. Disponível em: <https://blog.adobe.com/br/publish/2021/09/06/lettering-o-que-e-e-por-onde-comecar>. Acesso em: 30 out. 2025.
- ALMEIDA, F.; RIBEIRO, A. A esfera pública e a devastação dos Manguezais Aracajuanos. **Revista Eletrônica do Prodema**, v. 3, n.1, p. 23-41, jun. 2009.
- AQUINO, R. Mudança comunitária por meio do empreendedorismo social no turismo. **Annals of Tourism Research**, v. 95, p. 103-442, 2022.
- ARACAJU. Prefeitura Municipal. "**Marinete do Forro**" faz animação de turistas e aracajuanos no primeiro dia de funcionamento. Aracaju, 07 jun, 2025. Disponível em: <https://www.aracaju.se.gov.br/noticias/110778/>. Acesso em: 02 nov.2025.
- ARACAJU. Prefeitura Municipal. **Marinte do Forró completa 10 anos de sucesso**. Aracaju, 08 Jun,2010. Disponível em: [https://www.aracaju.se.gov.br/noticias/41915/marinete\\_do\\_forro\\_completa\\_10\\_anos\\_de\\_suce](https://www.aracaju.se.gov.br/noticias/41915/marinete_do_forro_completa_10_anos_de_suce) sso.html. Acesso em: 02 nov.2025.
- ARACAJU. Prefeitura Municipal. **Seminário de Turismo de Aracaju reúne profissionais e marca lançamento de boletim inédito do setor**. Aracaju, 27 set. 2025. Disponível em: [https://www.aracaju.se.gov.br/noticias/113100/seminario\\_de\\_turismo\\_de\\_aracaju\\_reune\\_prof](https://www.aracaju.se.gov.br/noticias/113100/seminario_de_turismo_de_aracaju_reune_prof) issionais\_e-marca-lancamento-de-boletim-inedito-do-setor.html. Acesso em: 02 nov. 2025.
- ARAUJO, F. **Documentário Chica chaves é lançado no centro cultural de Aracaju**.F5.2015. Disponível em: [https://www.f5news.com.br/entretenimento/documentario-chica-chaves-e-lancado-no-centro-cultural-de-aracaju\\_19966/](https://www.f5news.com.br/entretenimento/documentario-chica-chaves-e-lancado-no-centro-cultural-de-aracaju_19966/). Acesso em: 20/07/2024.
- ARAUJO, G., GELBCKE, D. Turismo comunitário: Uma perspectiva ética e educativa de desenvolvimento. **Revista Turismo Visão e Ação**, v. 10, n. 3, p. 357 – 378, novembro 2008.
- ARAUJO, L. R.; FREITAS, D. M.; BRAGHINI, C.R. Ecoturismo como alternativa para o desenvolvimento sustentável da APA do Morro do Urubu – Aracaju (SE). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v. 4, n. 2, p. 228-249, maio-agosto/2011.
- ARAUJO, R. **As relações entre as transformações econômicas e o ritmo da produção do espaço urbano**. Estudo de caso: Aracaju, 2011. Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2011.
- ASHTON, M.; TOMAZZONI, E; EMMENDOERFER, M. Turismo em cidades criativas e validação de novos destinos turísticos competitivos. In: **Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**, 2014, São Paulo. São Paulo, 2014.

Disponível em: <http://www.anptur.org.br/anptur/anais/v.10/Anais/DPG4/100.pdf>. Acesso em: 11.09. 2024.

ANJOS, S.; ZUCCO, F; MOTA, K.; FONTANA, R. A Comunicação nos Destinos Turísticos e a Expectativa dos Turistas. **Turismo – Visão e Ação**, v. 18, n2, 405-418, 2016. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rtva/article/view/8892> . Acesso em: 15 Ago 2025.

BAHL, M. **Viagens e Roteiros Turísticos**. Curitiba: Prottexto, 2004.

BATISTA, C. Memória e Identidade: Aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural. **Caderno Virtual do Turismo**, Rio de Janeiro. N°03. 2005.

BEPA. Gabinete de Conselheiros de Política Europeia. **Capacitar as pessoas, impulsionar a mudança: inovação social na União Europeia**. Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia, 2011.

BISPO, A.; CANADA, E. Turismo Comunitário Urbano no Brasil: uma pedagogia da resistência. **Revista de Economia Crítica**, n.39, 2025. Disponível em: <https://www.albasud.org/noticia/pt/1824/turismo-comunitario-urbano-no-brasil-uma-pedagogia-da-resistencia>. Acesso em: 01/06/25.

BORSETTO, E; ARAGÃO, I. Reflexões acerca da boneca Abayomi enquanto objeto de resistência, identidade e educação. In: **III Seminário Nacional de Sociologia – Distopias dos Extremos: Sociologias Necessárias**, 08 a 16 de outubro de 2020. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2020. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/13865/2/ReflexoesAcercadaBonecaAbayomi.pdf>. Acesso em: 05/10/25.

BOULLÓN, R. C. **Planejamento do espaço turístico**. Bauru, SP: Edusc, 2002.

BRAGHINI, C; SANTOS, W; VIEIRA, L. **Turismo de Base Comunitária: Reflexões e Práticas na Ilha Mem de Sá Sergipe**. Aracaju: Editora IFS, 2020.

BRAGHINI, C; PICANÇO, C; VILAR, J; VIEIRA, L. **Turismo de base comunitária: diálogos e perspectivas**. Aracaju: Instituto Federal de Sergipe, 2020. Disponível em: <https://www.ifs.edu.br/images/EDIFS/ebooks/2020/turismo-de-base-comunitaria.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2025.

BRAMBATTI, L. **Roteiro de Turismo e Patrimônio Histórico**. Porto Alegre: EST edições, 2022.

BRASIL. **Decreto n. 9.763, de 11 de abril de 2019**. Dispõe sobre a Política Nacional de Turismo, com vistas a desenvolver, ordenar e promover os segmentos turísticos relacionados com o Patrimônio Mundial Cultural e Natural do Brasil. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 11 abr. 2019. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2019/decreto/d9763.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/d9763.htm). Acesso em: 10 jul. 2025.

BRASIL. **Decreto nº 9.763, de 11 de abril de 2019**. Institui a Política Nacional de Turismo de Base Comunitária e dá outras providências. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF,

12 abr. 2019. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2019/decreto/d9763.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/d9763.htm). Acesso em: 16.09.24.

BRASIL. Ministério do Turismo. Coordenação Geral de Regionalização. Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil. **Roteirização Turística**. Brasília: Ministério do Turismo, 2007a.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Introdução a Regionalização do turismo**. Brasília: Ministério do Turismo, 2007b.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Programa de Regionalização do Turismo**. Brasília: Ministério do Turismo, 2008.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Segmentação do turismo e mercado**. Brasília: Ministério do Turismo, 2010a.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo de Sol e Praia: Orientações básicas**. 2. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010b.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo Responsável no Brasil**. Brasília: Ministério do Turismo, 2023.

BRASIL. Secretaria-Geral da Presidência da República. **Governo Federal cede terreno e viabiliza projeto “Prainha e Fibra” em Aracaju**. Governo do Brasil: Secretaria-Geral, 8 ago. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/secretariageral/pt-br/noticias/2025/agosto/governo-federal-cede-terreno-e-viabiliza-projeto-201cprainha-e-fibra201d-em-aracaju>. Acesso em: 10 set. 2025. %2C%20em%202023. Acesso em 05.02.24.

BRASIL. **Turismo e Aviação Civil apresentam dados animadores e projetam crescimento para os próximos anos**. Ministério do Turismo. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/turismo-e-aviacao-civil-apresentamdados-animadores-e-projetam-crescimento-para-os-proximos-anos#:~:text=Segundo%20dados%20do%20MPOR%2C%20o,em%20voos%20internacional>

CAMPOS, A. C. **El Desarrollo urbano de Aracaju, Brasil (1855 – 2005): un juego de múltiples agentes**, 2017. Tese (Doutorado em Geografia, Planificación Territorial y Gestión Ambiental) - Departamento de Geografía Humana, Universitat de Barcelona, Barcelona, 2017.

CARVALHO, R. M. F. **Os eventos culturais e criativos poderão ou não contribuir para uma imagem diferenciadora do destino turístico maduro, 2011**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento de Produtos de Turismo Cultural), Instituto Politécnico de Tomar, Tomar, Portugal, 2011.

CHIMENTI, S.; TAVARES, A.M. **Roteiro turístico: é assim que se faz**. São Paulo: SENAC, 2020.

CHMECHEL, E. **Estratégias de Inovação Social na Rota Turística Morro de Amores**. 58f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação de Bacharel em Administração) – Faculdade de Administração e Turismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

CLOUTIER, J. **Qu'est-ce que l'innovation sociale?**. Caderno CRISES- coleção de estudos teóricos. ResearchGate, p.61. novembro 2003. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/272566640\\_Qu%27est-ce\\_que\\_l%27innovation\\_sociale](https://www.researchgate.net/publication/272566640_Qu%27est-ce_que_l%27innovation_sociale). Acesso em: 25/10/23.

CONFÚCIO. **Os Analectos**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

COOPER, C.; FLETCHER, J.; WANHILL, S.; GILBERT, D.; SHEPHERD, W. **Turismo, princípios e prática**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

CORIOLOANO, L. Contribuição do Turismo ao Desenvolvimento Local. In: PORTUGUEZ, A., SEABRA, G.; QUEIROZ, O. **Turismo, espaço e estratégias de desenvolvimento local**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012, p. 61-70.

CORIOLOANO, L; MATOS, A. **Arranjos produtivos locais do turismo comunitário: atores e cenários em mudança**. Fortaleza: Ed. UECE, 2009.

CORRENTE, Equipe Linhas. **Amigurumi para iniciantes**. São Paulo: Linhas Corrente, 23 out. 2024. Disponível em: <https://linhascorrente.com.br/2024/10/23/amigurumi-para-iniciantes/>. Acesso em: 02nov.2025.

CORRENTE, Equipe Linhas. **Vagonite: O que é e como usar?**. São Paulo: Linhas Corrente, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://www.circulo.com.br/post/vagonite-o-que-e-e-como-usar-saiba-agora>. Acesso em 02 Nov.2025.

CREATIVE TOURISM NETWORK®. **Turismo Criativo** – Creative Tourism Network®. [S. l.]: Creative Tourism Network, [s. d.]. Disponível em: <https://www.creativetourismnetwork.org/about/?lang=pt-pt>. Acesso em: 1 jul. 2025.

CRUZ, J. Idade e diálogos com o passado: Memórias de Aracaju na Belle Époque “tardia” (1920-1926). In: **Anais do IV Congresso Sergipano De História & IV Encontro Estadual De História Da ANPUH/SE**, p. 1 – 10, Aracaju, 2014.

DEMO, P. **Pesquisa participante: mito e realidade**. Brasília: INEP, 1982.

DEMO, P. **Pesquisa participante: mito e realidade**. Brasília: INEP, 1982. DENCKER, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 1998.

DENCKER, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 1998.

DIAS, R. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Atlas, 2003.

ESTEVIÃO, E.; SILVA, L. **A Extensão Universitária e a luta pela manutenção da memória tradicional: um relato de experiência na Prainha e Fibra**. Belém: XX ENANPUR, 2023. Disponível em: <https://anpur.org.br/wp-content/uploads/2023/05/st09-04.pdf>. Acesso em: 10 set. 2025.

F5 NEWS. **Marinete do Forró retoma passeios turísticos em Aracaju nessa sexta-feira**. Aracaju, 05 jun, 2025. Disponível em: <https://www.f5news.com.br>. Acesso em: 2 nov. 2025.

FERNANDES, C. Planejamento cultural e turismo criativo em um destino turístico emergente. **Journal of Management Cases**, v. 13, n. 8, p. 629-636, 2011.

FERNANDES, C. **O que foi o Movimento Mangubeat?** História do Mundo, 2024. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/o-que-foi-movimento-mangubeat.htm>. Acesso em: 14 out. 2025.

FERRARI, S. El turismo comunitario urbano como forma de re-existencia cultural y laboral: el modelo de Barrio Egipto (Bogotá). **Cuestiones de Sociología**, v. 24, art. e115, feb.–jul. 2021. ISSN 2346-8904. Disponível em: <https://www.cuestionessociologia.fahce.unlp.edu.ar/article/view/CSe115/13950>. Acesso em: 1 nov. 2025.

FLORES, Y; FARIAS, I. Turismo Comunitário - Criativo: uma descrição da operacionalização de pesquisa na região do Algarve de 2017 – 2019. **Revista Turydes: Turismo y Desarrollo**, n. 27, 2019.

GARCIA, R.M.P. Representações sociais e o turismo: consubstanciação de geossímbolos. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 15, n. 2, p. 109-124, ago. 2015.

GIL, C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas S.A., 2008.

GRAÇA, T. **De Maçaranduba a Industrial: história e memória de um lugar**. Aracaju: Funcaju, 2005

GRAÇA, P; FERNANDES, M. Cartografia turística: propostas de mapeamento temático utilizando representações cartográficas digitais. **Simpósio Brasileiro de Ciências Geodésicas e Tecnologias da Geoinformação**, 5, 2014, Recife. Anais [...]. Recife: Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, p. 206—216.

GRUPO IMBUAÇA. **Quem somos** / Elenco. Imbuaca: site oficial, [s.d.]. Disponível em: <https://www.imbuaca.com.br/elenco>. Acesso em: 5 out. 2025.

HIGUERA, H; ROGELJA, T; SECCO, L. Marco Político como Desafio e Oportunidade para iniciativas de Inovação Social em Ecoturismo na Colômbia. **Política e Economia Florestal**, v. 49, p. 396-406, 2023.

IMPULSE TRAVEL. **Breaking Borders: A história dos gangsters de Bogotá – Bairro Egipto**. Bogotá: Viator, 2025. Disponível em: <https://www.viator.com/pt-BR/tours/Bogota/Breaking-Borders-Tour/d4560-5549P91>. Acesso em: 1 nov. 2025.

IRVING, M. Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária - inovar é possível? In: BARTHOLO, R; SAN SOLO, D; BURSZTYN, I. **Turismo de base comunitária**: Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009, p. 108 – 119.

IRVING, M. A. Turismo, áreas protegidas e inclusão social: uma inclusão necessária em planejamento, no caso brasileiro. In: IRVING, M. A. *et al.* (org.). **Turismo, áreas protegidas e inclusão social**. Diálogos entre saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Folio digital, 2015.

JESUS, E. **Aracaju do Século XX**: Alguns fragmentos da história local: caderno de sequências didáticas. São Cristóvão: Profhistoria, 2021.

JHONSON, A. G.; NEUHOFER, B. Airbnb – uma exploração das experiências de cocriação de valor na Jamaica. **Journal of Contemporary Hospitality Management**, v. 29, n. 9, p. 2361-2376, 2017.

KITCHENHAM, B.; CHARTERS, S. Diretrizes para a realização de revisões sistemáticas da literatura em engenharia de software. **Relatório Técnico EBSE**. Departamento de Ciência da Computação Universidade de Durham, v.2, n.3, p.66, Julho 2007.

KOHLER, A. Turismo Cultural: Principais tipos segundo a motivações dos turistas. **Revista ateliê do turismo**, v.3, p. 8-30, Julho 2019.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do Turismo**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1989.

MACCALLUM, D.; MOULAERT, F.; HILLIER, J.; HADDOCK, S. (Eds.). **Social Innovation and Territorial Development**. Surrey, England: Ashgate Publishing Limitada, 2009. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/44960912\\_Social\\_Innovation\\_and\\_Territorial\\_Development](https://www.researchgate.net/publication/44960912_Social_Innovation_and_Territorial_Development). Acesso em: 25/10/24.

MACHADO, E. **Aracaju**: Paissagens & Fetiches – Abordagens acerca do processo de seu crescimento urbano recente. 1989. Departamento de geociências. Dissertação de Mestrado Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/111314>. Acesso em: 18.09.2024.

MAHATO, S.; PHI, G.; PRATS, L. Design thinking para inovação social: segredos para o sucesso de empreendedores sociais no turismo. **Revista de Gestão de Hospitalidade e Turismo**, v. 49, p. 396-406, 2021.

MALDONADO, C. O turismo rural comunitário na América Latina: gênese, características e políticas. In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Orgs.). **Turismo de Base Comunitária**: diversidade de olhares e experiências brasileiras. São Paulo: Editora Senac, 2009.

MARTINS, L. M.; SANTOS, C. J. A. Gestão de destinos, tecnologia social e inovação: conexão e construção para o turismo. **Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território**, Brasília, v. 10, n. 1, p. 45-58, jan./jun. 2022.

MOLETTA, V. **Comercializando o Produto Turístico**. Porto Alegre: Sebrae, 2002.

MONTEIRO, A. O que é a Inovação Social? Maleabilidade Conceitual e Implicações Práticas. **Dados rev. ciênc. Sociais**, v. 62, n. 3, p. 1 - 34, 2019.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. **Ideias contemporâneas**: entrevistas do Le Monde. São Paulo: Ática, 1984

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MTAPURI, O.; GIAMPICCOLI, A. Beyond Rural Contexts: Community-Based Tourism for A Better Life in The City. **Advances in Hospitality & Tourism Research**, v. 8, n. 2, p. 419-439, dez. 2020. DOI: 10.30519/ahtr.690184.

NITSCHKE, L. **O significado do turismo no roteiro "Caminhos de Guajuvira"**, 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

OLIVEIRA FILHO, J. **Aracaju antiga: o bairro Industrial**. Blogspot, 2009. Disponível em: <https://aracajuantiga.blogspot.com/2009/09/o-bairro-industrial.html>. Acesso em: 30/08/2024.

OLIVEIRA, J; NEVES, C; PANOSSO NETO; SEVEERINI, V. Turismofobia em Barcelona: um tema (que era?) emergente. **Revista de Turismo Contemporâneo**, Natal, v.9, p.325-342. Dezembro, 2021.

OMT. Organização Mundial de Turismo. **Definições de turismo**. 2019. Disponível em: <https://www.e-unwto.org/doi/book/10.18111/9789284420858>. Acesso em: 15 fev. 2024.

PANOSSO NETTO, A.; NECHAR, C. Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 8, n. 1, p. 120-144, 2014.

PAYNE, A; STORBACKA, K; FROW, P. Managing the co-creation of value. **Journal of the Academy of Marketing Science**, v. 36, n. 1, p. 83-96, 2008. DOI: 10.1007/s11747-007-0070-0. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/225408318\\_Managing\\_the\\_Co-Creation\\_of\\_Value](https://www.researchgate.net/publication/225408318_Managing_the_Co-Creation_of_Value). Acesso em: 01 nov.2025.

PRODANOV, C.; FREITAS, E. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Novo Hamburgo, RS: Editora Feevale, 2013.

PUMAROLA, J; PAQUIN, A; SITGES, M. A utilização do património imaterial e das indústrias criativas como um bem turístico na rede de cidades criativas da UNESCO. **Revista Heliyon**, v. 9, n. 1, p.11- 23, 2023.

RAMOS, D.; COSTA, C. M. Turismo: tendências de evolução. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, v. 10, n. 1, p. 21-33, 2017.

REMOALDO, P; SERRA, J; MARUJO,N; ALVES,J; GONÇALVES, A; CABEÇA,S; DUXBURY,N. Perfil dos participantes em atividades de turismo criativo: estudos de caso de pequenas e médias cidades e áreas rurais de Portugal Continental. **Revista Perspectivas de Gestão do Turismo**, v. 36, 2020.

RICHARDS, G. **Atrações culturais e turismo europeu**. Oxon: CABI Publishing, 2001.

RICHARDS, G. Desenhando lugares criativos: O papel do turismo criativo. **Annals of Tourism Research**, v. 85, 2020.

RODRIGUES, A. B. (Org.) **Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. SP: Hucitec, 1999.

ROUSSELLE, M. **A inovação social**: além do fenômeno, uma solução sustentável para os desafios sociais. Coleção Working Paper, 2011.

RUSCHMANN, D. **Turismo e planejamento sustentável**: a proteção do meio ambiente. São Paulo: Papirus, 2000.

SAMPAIO, C. Turismo como Fenômeno Humano: princípios para pensar a ecossocioeconomia do turismo e sua prática sob a denominação turismo comunitário. **Turismo em Análise**, v. 18, n. 2, p. 148-165, nov. 2020.

SANO, H. Considerações teóricas sobre o turismo criativo. **Journal of Global Tourism Research**, v. 1, n. 2, p. 127-132, 2016.

SANTOS, C. A. J.; CAMPOS, A. C.; RODRIGUES, L. P. Incidência da pandemia da Covid-19 no turismo da região Nordeste do Brasil. **Geosp**, v. 26, n. 3, e-201800, dez. 2022. ISSN 2179-0892. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/201800>. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2022.201800.pt>. Acesso em: 15.02. 2024.

SANTOS, C. A. J. Turismo sob a ótica da sustentabilidade. **Boletim Técnico Do Senac**, v. 30, n. 1, p. 20–27, 2004. Disponível em: <https://www.bts.senac.br/bts/article/view/506>

SANTOS, L. L. G.; SANTOS, C. A. J.; CAMPOS, A. C. Regionalização do turismo no Brasil e a descentralização do turismo no estado de Sergipe: o caso do roteiro cidades históricas. In: **Colóquio Internacional de Geocrítica**, XII, 2012.

SANTOS, W; VARGAS, M. Apropriação na construção do urbano na Cidade de Aracaju/SE. **Scientia Plena**, v.3, n.5, set.2007. Disponível em: <https://www.scientiaplena.org.br/sp/article/view/1196/612>. Acesso em 18.09.24.

SCHMECHEL, Elizabeth Swensson. **Estratégias de Inovação Social na Rota Turística Morro de Amores**. 58f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação de Bacharel em Administração) – Faculdade de Administração e Turismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

SERGIPE. **Descubra a diversidade de roteiros em Aracaju** feitos em um city tour guiado. Aracaju: Turismo em Sergipe, 16 ago. 2024. Disponível em: <https://turismosergipe.com.br/descubra-a-diversidade-de-roteiros-em-aracaju-feitos-em-um-city-tour-guiado/>. Acesso em: 1 nov. 2025.

SERGIPE. **Verão 2024 já desponta como o melhor de todos os tempos em Sergipe**. Governo do Estado de Sergipe. 20 jan. 2024. Disponível em: [https://www.se.gov.br/noticias/governo/verao\\_2024\\_ja\\_desponta\\_como\\_o\\_melhor\\_de\\_todos\\_os\\_tempos\\_em\\_sergipe#:~:text=Tudo%20isso%20proporcionou%20o%20aumento,s%C3%A3o%20muito%20boas%E2%80%9D%2C%20ressalta](https://www.se.gov.br/noticias/governo/verao_2024_ja_desponta_como_o_melhor_de_todos_os_tempos_em_sergipe#:~:text=Tudo%20isso%20proporcionou%20o%20aumento,s%C3%A3o%20muito%20boas%E2%80%9D%2C%20ressalta). Acesso em: 30.08.2024.

SILVA, Y. F.; FARIAS, I. S. Turismo comunitário-criativo: uma descrição da operacionalização de pesquisa na região do Algarve de 2017-2019. **Revista Turydes: Turismo y Desarrollo**, dez. 2019, p. 14.

TAVARES, A. M **City Tour**. São Paulo: Aleph, 2002. (Coleção ABC do Turismo).

TELEFÉRICO DE ARACAJU. **Venha curtir essa aventura**. Aracaju: Teleférico de Aracaju SE, [s.d.]. Disponível em:

[https://aracaju.telefericos.tur.br/?gad\\_source=1&gad\\_campaignid=22464547366&gbraid=0AAAA\\_S8BxvMlgd0m\\_Qz6HY1dA5QEVYxN&gclid=Cj0KCQjwgpzIBhCOARIsABZm7vFYOwbmmgsAUAsfrx4dEF3QRUicp8NQjTzRuWUNZ-so801WIL58IwQaAnd5EALw\\_wcB](https://aracaju.telefericos.tur.br/?gad_source=1&gad_campaignid=22464547366&gbraid=0AAAA_S8BxvMlgd0m_Qz6HY1dA5QEVYxN&gclid=Cj0KCQjwgpzIBhCOARIsABZm7vFYOwbmmgsAUAsfrx4dEF3QRUicp8NQjTzRuWUNZ-so801WIL58IwQaAnd5EALw_wcB). Acesso em: 02 nov. 2025.

TESSER, P. **Mangue Beat**: h́umus cultural e social. *logos* 26, ano 14, p. 70-83, 2007.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez Ed. Autores Associados, 1988.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiênci. Tradução de Ĺvia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Ĺvia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2012.

UNIT. Universidade Tiradentes. “**Tototós** – patrimônio cultural sergipano.” Disponível em: <https://portal.unit.br/blog/noticias/tototos-patrimonio-cultural-sergipano/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

UNWTO. **UNWTO**: Tourism in the 2030 Agenda, 2015. Disponível em: <https://www.unwto.org/tourism-in-2030-agenda>

URRY, J. **O olhar do turista**. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 2001.

VEAL, A. J. **Metodologia de pesquisa em lazer e turismo**. São Paulo: Aleph, 2011.

VERDEJO, M. **Diagnóstico Rural Participativo**: Guia Prático DRP. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

VERGARA, S. **Métodos de Pesquisa em Administração**. São Paulo: Atlas S.A, 2005.

VOLLI, U. **Manual de Semiótica**. São Paulo: Edição Loyola. 2007

WAHL, D. **Desing de Culturas Regenerativas**. Rio de Janeiro: Bambual Editoria, 2020.

WTTC. **Agenda 21 for the Travel & Tourism Industry**: Towards Environmentally Sustainable Development Progress. Report N.º 1 (1998). WTTC: London, 1998.

**APÊNDICES**

## APÊNDICE A



**INSTITUTO FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO  
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO  
PROFISSIONAL EM TURISMO**



### **- Roteiro de Entrevistas Estruturada com as Agências de Turismo Receptivo de Aracaju**

Este questionário faz parte da pesquisa de mestrado intitulada “Arrudiando o Novo Mangue” Turismo Comunitário-criativo no Bairro Industrial, Aracaju-SE que está sendo desenvolvida pela acadêmica Larissa Souza Bomfim, mestranda do Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Turismo do Instituto Federal de Sergipe (IFS), sob orientação da Profa. Dra. Cristiane Alcântara. A pesquisa tem como objetivo elaborar um roteiro turístico, de característica regular, a ser realizado no Bairro Industrial na cidade de Aracaju- SE, levando-se em consideração a abordagem sustentável, comunitária-criativa de valorização dos recursos locais.

Assim sendo, a sua contribuição é de extrema relevância, a fim de validação do produto resultante da pesquisa supracitada.

#### **1º) Informações Gerais da Agência**

- Nome da Agência e quanto tempo atua no mercado?
- Quais são os principais produtos turísticos da sua agência?
- Que tipo de roteiros turísticos sua agência atualmente oferece?

#### **2º) Conhecimento sobre o Bairro Industrial**

- Sua agência já levou grupos para o bairro Industrial?
- Na sua opinião, o Bairro tem potencial para se tornar um destino inovador?

#### **3º) Turismo Comunitário- Criativo**

- Você já ouviu falar sobre o conceito do turismo comunitário-criativo?
- Sua agência já trabalhou com esse tipo de roteiro?
- Na sua opinião o Bairro Industrial tem infraestrutura turística?
- Você levaria turista para o Bairro Industrial?

## APÊNDICE B



**INSTITUTO FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO  
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO  
PROFISSIONAL EM TURISMO**



### Questionário de avaliação do FAMTOUR – “Arrudiando o Novo Mangue” — SE

Este questionário faz parte da pesquisa de mestrado intitulada “Arrudiando o Novo Mangue” Turismo Comunitário-criativo no Bairro Industrial, Aracaju-SE que está sendo desenvolvida pela acadêmica Larissa Souza Bomfim, mestranda do Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Turismo do Instituto Federal de Sergipe (IFS), sob orientação da Profª. Dra. Cristiane Alcântara. A pesquisa tem como objetivo elaborar um roteiro turístico, de característica regular, a ser realizado no Bairro Industrial na cidade de Aracaju- SE, levando-se em consideração a abordagem sustentável, comunitária-criativa de valorização dos recursos locais.

Assim sendo, a sua avaliação do roteiro proposto é de extrema relevância, a fim de validação do produto resultante da pesquisa supracitada.

1) Qual sua área de atuação profissional?

- Docência
- Turismo
- Gestão Pública
- Outro: \_\_\_\_\_

2) Qual área do turismo atua?

- Lazer
- Pedagógico
- Social
- Negócios
- Sol e Praia
- Outra: \_\_\_\_\_

3) O roteiro oferece diversidade em termos de produtos e serviços?

- Concordo plenamente
- Intermediário
- Básica/Precária

4) Como avalia a infraestrutura dos locais do roteiro?

- Concordo plenamente
- Intermediário
- Básica/Precária

5) Os empreendimentos e atrativos do roteiro têm potencial para manter o interesse do turista?

- Concordo plenamente

- Intermediário
- Básica/Precária

6) O roteiro conserva meios de vida e de produção autênticos (por exemplo, técnicas tradicionais)?

- Concordo plenamente
- Intermediário
- Básica/Precária

7) Como você avalia a vivência e interação com a comunidade local durante o roteiro?

- Excelente
- Boa
- Regular
- Ruim

8) Como você avalia as experiências de cocriação com a comunidade (atividades compartilhadas, trocas interativas, produção coletiva etc.)?

- Excelente
- Boa
- Regular
- Ruim

9) Como você avalia o modelo de gestão adotado no roteiro comunitário-criativo (organização, participação comunitária, empoderamento comunitário)?

- Excelente
- Boa
- Regular
- Ruim

10) Como avalia a estrutura do roteiro (horário de saída, chegada, tempo de permanência)?

- Concordo plenamente
- Intermediário
- Básica/Precária

11) Como você avalia os atrativos selecionados para o percurso do roteiro?

- Concordo plenamente
- Intermediário
- Básica/Precária

12) Pontos positivos do roteiro:

13) Pontos negativos do roteiro:

14) Você acredita que esse roteiro poderia ser comercializado?

- Sim
- Não

15) Justifique sua resposta:

